

Collecção Antonio Maria Pereira

1882



A. PIMENTEL

Fitas de Animatographo

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

Edição popular das suas principaes obras em 80 volumes
in-8.º, de 200 a 300 paginas
impressa em bom papel, typo elzevir

-
- 1 - Coisas espantosas.
2 - As tres irmans.
3 - A engeitada.
4 - Doze casamentos felizes
5 - O esqueleto.
6 - O bem e o mal.
7 - O senhor do Paço de Ninães.
8 - Anathema.
9 - A mulher fatal.
10 - Cavar em ruinas.
11 e 12 - Correspondencia epistolar.
13 - Divindade de Jesus.
14 - A doida do Candal.
15 - Duas horas de leitura
16 - Vanny.
18 18 e 19 - Novellas do Mimho.
20 e 21 - Horas de paz.
22 - Agulha em palheiro.
23 - O olho de vidro.
24 - Annos de prosa.
25 - Os brilhantes do brasileiro.
26 - A bruxa do Monte-Cordova
27 - Carlota Angela.
28 - Quatro horas innocentes
29 - As virtudes antigas.
30 - A filha do Doutor Negro.
31 - Estrellas propicias.
32 - A filha do regicida.
33 e 34 - O demonio do ouro.
35 - O regicida.
36 - A filha do arceidiago.
37 - A meta do arceidiago.
38 - Delictos da mocidade.
38 - Onde está a felicidade?
39 - Um homem de brios.
40 - Memorias de Guilherme do Amarel.
42, 43 e 44 - Mystérios de Lisboa.
45 e 46 - Livro negro de padre Dimiz.
47 e 48 - O juden.
49 - Dnas épocas da vida.
50 - Estrellas funestas.
51 - Lagrimas abençoadas.
52 - Lucta de gigantes
53 e 54 - Memorias do carcere.
55 - Mystérios de Fafe.
56 - Coração, cabeça e estomago.
57 - O que fazem mulheres.
58 - O retrato de Ricardina.
59 - O sangue.
60 - O santo da montanha.
61 - Vingança.
62 - Vinte horas de liteira.
63 - A queda d'um aajo.
64 - Scenas da Foz.
65 - Scenas contemporaneas.
66 - O romance d'um rapaz pobre.
67 - Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado.
68 - Noites de Lamego.
69 - Scenas innocentes da comedia humana.
70 e 71 - Os Martyres.
72 - Um livro.
75 - A Sereia
74 - Esboços e apreciações litterarias.
75 - Coisas leves e pesadas.
76 - THEATRO: I - Agostinho de Ceuta. - O marquez de Torres-Novas.
77 - THEATRO: II - Poesia ou diameiro? - Justiça. - Espinhos e flores. - Purgatorio e Paraizo.
78 - THEATRO: III - O Morgado de Fafe em Lisboa. - O Morgado de Fafe amoroso. - O ultimo acto. - Abençoadas lagrimas!
79 - THEATRO: IV - O condemnado. - Como os anjos se vingam. - Entre a flauta e a viola.
80 - THEATRO: V - O Lobis-Homem. - A Morgadinha de Val-d'Amores.

CAMILLIANA

Camillo Castello Branco — *Notas a margem em varios livros da sua biblioteca*, recolhidas por Alvaro Neves. — 1 vol.

Camillo Castello Branco — *Tipos e episodios da sua galeria*, por Sergio de Castro. — 3 vols., contendo inumeras transcrições da obra de Camillo.

Hcsanna I Por Camillo Castello Branco. Fiel reprodução zingografica da 1.^a edição de 1852, hoje rarissima. Tiragem 60 exemplares.

Os pundonores desagradados, por Camillo Castello Branco. Reprodução como acima da 1.^a edição de 1845. Tambem rarissima. Tiragem 60 exemplares.

Prefacio da 1.^a edição do Diccionario de Azevedo, por Camillo Castello Branco.

COLLECCÃO ECONOMICA

VOLUMES PUBLICADOS

- | | |
|---|---|
| 1 — Aventuras prodigiosas de Tartarin de Tarascon, seguidas de Tartarin nos Alpes, por A. Daudet. | 16 — Esgotado |
| 2 — Esgotado. | 17 — Esgotado. |
| 3 — Sergio Panine, por Jorge Ohnet. | 18 — O ultimo amor, por Ohnet. |
| 4 — Esgotado. | 19 — Um bulgaro, por Ivan Tourgueneff. |
| 5 — Esgotado. | 20 — Memorias d'um suicida, por Maxime du Camp. |
| 6 — Esgotado. | 21 — Esgotado. |
| 7 — Esgotado. | 22 — Esgotado. |
| 8 — Esgotado. | 23 — Camilla, por G. Ginisty. |
| 9 — Esgotado. | 24 — Trahida, por Maxime Paz. |
| 10 — Esgotado. | 25 — Sua Magestade o Amor, por A. Belot |
| 11 — Esgotado. | 26 — Esgotado. |
| 12 — Esgotado. | 27 — Esgotado. |
| 13 — Um coração de mulher, por Paul Bourget. | 28 — Esgotado. |
| 14 — Esgotado. | 29 — Mentiras, por Paul Bourget. |
| 15 — Esgotado. | 30 — Marinheiro, por Pier reLoti |
| | 31 — Esgotado. |
| | 32 — A Evangelista, por Daudet. |

- 33 — Aranha vermelha, por R. de Pent Jest.
 34 e 35 — Esgotado.
 36 — Parisienses! .. por H. Davenel.
 37 — Ao entardecer!... por Iveling Rambaud.
 38 — A confissão de Carolina, trad. de J. Sarmiento.
 39 — Esgotado.
 40 — Esgotado.
 41 — O abbade de Favières, por J. Ohnet.
 42 — Esgotado.
 43 — Esgotado.
 44 — A nihilista, por C. Mendés.
 45 — Esgotado.
 46 — Morta de amor, por Delpit.
 47 — João Sbogar, por C. Nadier.
 48 — Viagem sentimental, por Sterne.
 49 — O milhão do tio Raclot, por Emile Richebourg.
 50 — A confissão de um rapaz do seculo, por Musset.
 51 — Esgotado.
 52 — O castello de Lourps, por J. K. Huysmans.
 53 — Amor de Miss, por J. Blain.
 54 — A sogra, por Laforest.
 55 — Colomba, por P. Merimée.
 56 — Katia, por L. Tolstoï.
 57 — Alma simples, por Dostoiewsky.
 58 — Duplo amor, por Rosny.
 59 — Esgotado.
 60 — A princeza Maria, por Lermontoff.
 61 — Rosa de maio, por Armand Silvestre.
 62 — Esgotado.
 63 — O romance do homem amarello, pelo general Tcheng Ki-Tong.
 64 — A dama das violetas, p F. Guimarães Fonseca.
 65 e 66 — Nemrod & C.^a, p Jorge Ohnet.
 67 — Prisma de amor, por Paul Bonnhome.
 68 — Historia d'uma mulher por Guy de Maupassant.
 69 e 70 — Educação sentimental, por G. Flaubert.
 71 — Depois do amor, por Ohnet
 72 — A fava de Santo Ignacio, por Alexandre Pothey.
 73 e 74 — O herdeiro de Redclyffe, por Mrs. Yongue.
 75 — Uma ondina, por Theuriet
 76 — A familia Laroche, por Marguerite Sevray.
 77 — As grandes lendas da humanidade, por d'Humive.
 78 e 79 — A filha do Dr. Jaufre, por Marcel Prevost.
 80 — A dama das camelias, por A. Dumas, Filho.
 81 — Dezeseis annos..., por F. C. Philips.
 82 e 83 — O Destronado, por A. Ribeiro
 84 — Ninho d'amor, por A. Campos.
 85 — Bodas Negras, por Almachio Diniz.
 86 — Do amor ao crime, por Alphonse Karr.
 87 — A ilha revoltada, por Ed. Lockroy



COLLECCÃO ANTONIO MARIA FERREIRA — 68.º VOLUME

FITAS DE ANIMATÓGRAPHO

Collecção ANTONIO MARIA PEREIRA

VULGARISAÇÃO DOS MELHORES LIVROS

DAS

LITTERATURAS PORTUGUESA E ESTRANGEIRAS

Romances, Contos, Viagens, Historia, etc., etc.

Volumes in-8.º de 160 a 200 paginas, em corpo 8 ou 10, excellente edição, em optimo papel.
Preço de cada volume 200 réis brochado, ou 300 réis elegantemente encadernado em percalina.
Para as provincias accresce o porte do correio, 20 réis cada vol.

Eis os titulos dos ultimos volumes publicados :

- N.º 33 — Contos, por Pedro Ivo.
N.º 34 — O correio de Lyão, por Pierre Zaccane.
N.º 35 — Vida de Lisboa, por Alberto Pimentel.
N.º 36 — Historias de Frades, por Lino d'Assumpção.
N.º 37 — Obras primas, por Chateaubriand.
N.º 38 — O Exilado, romance historico, por Mauricia C. de Figueiredo.
N.º 39 — Poema da Mocidade, por Pinheiro Chagas.
N.º 40 e 41 — A vida em Lisboa, por Julio Cesar Machado.
N.º 42 e 43 — Espelho de Portuguezes, por Alberto Pimentel.
N.º 44 — A Fada d'Auteull, por Ponson du Terrail, traducção de Pinheiro Chagas.
N.º 45 — A volta do Chlado, por Beldemonio (Eduardo de Barros Lobo).
N.º 46 — Séca e Méca, por Lino d'Assumpção.
N.º 47 — Ninho de guilcho, por Alberto Pimentel
N.º 48 — Vasco, por Arthur Lobo d'Avila.
N.º 49 — Leituras ao serão, por Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro.
N.º 50 — Luz coada por ferros, por D. Anna Augusta Placido.
N.º 51 — A flôr secca, por M. Pinheiro Chagas.
N.º 52 — Relampagos, por Armando Ribeiro.
N.º 53 — Historias Rusticas, por Virgilio Varzea.
N.º 54 — Figuras Humanas, por Alberto Pimentel,
N.º 55 — Dolorosa, por Francisco Acebal, traducção de Cañel.
N.º 56 — Memorias de um Fura-vidas, por Alfredo Mesquita.
N.º 57 — Dramas da Côte, por Alberto de Castro.
N.º 58 — Os Mosqueteiros d'Africa, por J. da S. Mendes Leal.
N.º 59 — A divorciada, por José Augusto Vieira.
N.º 60 — Phototypias do Minho, por José Augusto Vieira.
N.º 61 — Insulares, contos e historias, por Mendo Bem (Moniz de Bettencourt).
N.º 62 e 63 — Historia da civilisação na Europa, por Mr. Guizot, versão portugueza do Marquez de Sousa Holstein.
N.º 64 — Triplice alliança, romance, de Raul de Azevedo.
N.º 65 — Retalhos de verdade, por Cañel
N.º 66 — A Pasta d'um Jornalista, pelo Visconde de S. Boaventura.
N.º 67 — Os argonautas, por Virgilio Varzea.
N.º 68 — Fitas de animatographo, por Alberto Pimentel.

Requisições á Parceria Antonio Maria Pereira

LIVRARIA EDITORA

Rua Augusta, 44 a 54 — LISBOA

COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA

Lpor
P6443f

ALBERTO PIMENTEL

FITAS

DE

ANIMATÓGRAPHO



350777
—
20. 5. 38

1909

Parceria ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

Rua Augusta, 44 a 54

LISBOA

1909

OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO
Movidias a electricidade

DA

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
Rua Augusta, 44, 46 e 48, 1.º e 2.º andar

LISBOA

Loucura e juizo

O padre Manuel Bernardes disse que o mundo era hospital de doudos.

E tanto isto deve ser verdade, que até foi possível a certo auctor tornar verosimil uma comedia em que pessoas ajuizadas pareciam loucas.

Ella abi esteve por muito tempo em scena no Gimnasio. Chamava-se *Doudos com juizo*.

O contrario tambem é exacto. Ha alienados que parecem sensatos. Julio Cesar Machado — eu cito muitas vezes este rei do folhetim na qualidade de seu subdito respeitoso — conta que visitando o hospital de Rilha-folles para escrever um livro sobre a loucura, alguns dos internados ali, vendo-o tomar apontamentos, lhe segredavam sorrindo :

— Não faça caso, não escreva o que elles dizem ; são doudos ! . . .

A esta especie de alienados que parecem ter juizo pertencia aquelle que procurou um dia o marquez de Pombal, para lhe pedir justiça contra os parentes, dizia elle, que emprehendiam esbulhal-o do direito a uma grande herança.

Falava com tanto acerto e lucidez, contava com tanta minudencia suppostas perseguições de familia, de tal modo repellia a injuria que os outros herdeiros lhe faziam querendo dal-o por demente, que o marquez de Pombal, ouvindo-o com attenção e observando-o com a sua famosa luneta, acabou por se capacitar de que estava na presença de um homem com juizo.

— Pois fique certo, disse-lhe por fim o marquez, de que eu vou informar os juizes a seu respeito e de que lhe ha de ser feita justiça inteira.

O homem ficou tão contente, que deu mostras de querer abraçar o marquez... ao menos nas pernas. Mas conteve-se suspenso entre a gratidão e o respeito. E inclinando a cabeça muitas vezes, segurando o chapéu com a mão esquerda e fazendo rasgados cumprimentos com a mão direita, foi saindo ás recuadas até á porta da sala.

O ministro de D. José tambem por sua vez estava satisfeito de poder contribuir para a rehabilitação de um desgraçado, cujos parentes, com o fim de lhe usurparem uma herança, queriam fazel-o passar por doudo.

N'isto, o homem torna atraz, clamando :

— Sr. marquez ! sr. marquez !

Sebastião de Carvalho voltou-se rapidamente, armando a magestosa luneta, e perguntou :

— O que é ? !

— Sou eu, disse o outro, que me esqueci de uma coisa.

— E vem a ser ?

— V. Ex.^a ainda me não ouvir cantar de gallo...

— Como ? !

— E' que ninguem o faz com maior perfeição. Quer

V. Ex.^a ouvir? Cócorócó... cócorócó... cócorócó...

E o marquez, examinando-o através da lente, altivo e erecto, como quem deseja, pela sobranceria, salvar-se de um desastre ridiculo, respondeu ao doudo :

— Fico inteirado. Cantou muito a tempo.

Durante a primeira parte d'esta audiencia succedeu, pois, que o doudo parecia ter juizo e o marquez de Pombal é que parecia não o ter.

Recentemente deu-se em Rilhafolles um factó, que veio chamar a attenção publica para aquelle hospital de alienados.

Um doudo matou outro, sem motivo nenhum para o fazer.

Não póde haver acto de maior loucura, é certo.

Mas o assassino, para adquirir a segurança de poder levar a cabo a sua empresa sanguinaria, teve a providencia de embarricadar a porta do quarto.

E o vigilante de serviço, que notou algum rumor no quarto, não teve a providencia de arrombar logo a porta.

O assassino, vendo prostrada no chão a victima, recorreu a uma desculpa, que parece ter juizo, e é loucura :

— Não fui eu.

No quarto estavam apenas os dois, o assassino e o assassinado, e a porta entrincheirada por dentro.

O assassino era falador ; o assassinado, silencioso. Aquelle queria ser ouvido, como todos os faladores, ainda os que parecem ser mais ajuizados ; este queria que lhe não perturbassem a sua concentração como todos os silenciosos, incluindo os de maior tino — os sabios, por exemplo.

Quem parece não ter tido juizo nenhum a respeito de Rilhafolles são todos os nossos governos, que nunca remediaram a falta de capacidade d'aquelle hospital, do que resulta a agglomeração perigosa de alienados.

Assim foi que, pela força das circumstancias, se encontraram reunidos no mesmo quarto dois paranoicos, que deviam irritar-se um ao outro, porque as suas manias eram oppostas.

Bem diz Manuel Bernardes que o mundo é hospital de doudos.

Até succede ás vezes que qualquer hospital de doudos parece ser o mundo.

Conta ainda Julio Cesar Machado descrevendo a sua interessantissima visita a Rilhafolles em 1871 :

«Todos mais ou menos se entreteem ali e se divertem alguma vez, menos os furiosos. Ha theatro de tempos a tempos ; e pelas festas de junho, arraial.»

Acontece que a Praça da Figueira na noite de Santo Antonio é que parece um hospital de doudos, que beram, buzinaam, pincham, empurram, acotovellam e pisam.

Em Rilhafolles, os doudos, nas festas de junho, tinham muito mais compostura e tento.

Quanto ao theatro, acrescenta o primacial folbetinista : «dizem os seus papeis regularmente, mas falta-lhes expressão de physionomia, gesto, movimento, olhar, tudo que auxilia e completa a phrase.»

Isto falta a muitos actores com juizo, que teem a loucura de se julgar distinctos.

Depois, passando a outra ordem de considerações, continua :

«O sentimento da liberdade, que sobrevive a todos,

até nas creaturas que perderam o juizo, não os abandona ainda assim. Querem sair, sair!»

Está certo. Nunca nenhum demente deixou de desejar ver-se livre do manicómio.

Os jornaes referem-se de tempos a tempos a este ou aquelle internado que fugiu de Rithafolles.

Ora eu tenho conhecido muitos ministros; não tenho feito mesmo outra cousa, como toda a gente.

Muitos d'elles são homens graves, ponderados, espartos.

A certa altura do seu consulado, quando já não teem tempo de comer e de dormir, nem de contar as descomposturas que lhes dão, nota-se que certas gazetas e os adversarios começam a abrir-lhes a porta da rua, a escancaral-a, e a indicar-lhes o caminho para que se libertem do jugo da pasta.

E elles, nada! Pé atraz, calcanhar no chão, parecendo de bronze como o Camões do Loreto.

«As mulheres, prosegue Julio Machado, são mais furiosas do que os homens.»

Pois então é preciso estarem doudas para que isto aconteça?

O philosopho Socrates foi casado com uma fêra chamada Xantippe.

Assim se chamou tambem o general atheniense que foi pai de Pericles. Para um general estava bem, porque é uma classe a que não ficam mal nomes feios e estralantes.

Mas para chamadouro de mulher, santo Deus!

Ora Socrates, homem tão concertado que chegou a ter a noção da moral mais pura, caiu em dois grandes desatinos: escolher mulher com aquelle arrevezado

nome e não se importar com o mau genio que ella tinha.

Mas, depois de casado, ainda praticou maior acto de loucura.

Soffreu, aguentou o flagello do matrimonio.

E, comtudo, Xantippe fazia-o passar tormentos e torturas incomportaveis.

Elle, em rebentando a tempestade domestica, punha o chapéu na cabeça — ou lá isso com que os gregos cobriam a *pinha* — e ia sentar-se á porta da rua.

De uma vez a endiabrada creatura nem ahí o deixou em paz no sitio do barril do lixo.

Despejou-lhe sobre a cabeça o liquido de um d'aquelles vasos—ó decencia, acode-me!— que Plinio designava nas suas comedias por *matula*, *matella* e *scaphium*, e que em portuguez não tem menos nomes.

Socrates apanhou a duche, apalpou serenamente a chlámide, levou os dedos ao nariz, cheirou, encolheu os hombros e contentou-se com dizer, manso e paciente, a um transeunte que parára a vêr a scena :

— Eu já devia esperar que depois da trovoadá viesse a chuva.

Quem era aqui o mais doudo ? Socrates, a quem todo o mundo reconhecia superior intelligencia ou a mulher, que toda a gente sabia furiosa ?

Ainda a respeito dos bailes em Rilhafolles, apontarei uma interessante coincidencia.

E vem a ser que, tambem recentemente, o *Diario de Noticias* recordou que, faz agora quarenta annos, tiveram ali os alienados uma festa campestre em que todos se divertiram com irreprehensivel disciplina.

Foi no dia de Todos-os-Santos, em 1867.

Qual a razão de umã festa campestre no inverno, quando apenas costumava havel-as em junho nas tres noites de arraial?

Era a inauguração de uma cascata, construída pelos proprios internados para lhes proporcionar trabalho e distracção; — para chamal-os a um exercicio corporal suavizado pelo gosto de se sentirem artistas na combinação das pedras que iam encastellando umas sobre outras.

De manhã celebrou-se missa na capella do hospital e, depois, mais de cem alienados, levando á frente uma banda de musica, de que alguns d'elles faziam parte, dirigiram-se em boa ordem para a alameda principal da cêrca.

Sobre toda esta legião de soldados da Desgraça, sobre toda esta phalange de escravos da Loucura, pairava n'essa hora uma doce atmosphera de paz e tranquillidade, que os acalmava e esclarecia.

Pararam junto á cascata, como um exercito que faz alto para acampar.

Então começou o baile campestre, ao som da banda, e cada um dos alienados pareceu lembrar-se com delectosa saudade de já haver dançado outr'ora nas horas felizes da vida...

Este voltava a ser gentil nos ademans para com a sua dama, aquelle procurava corrigir as incertezas do rithmo e do meneio; esta queria recordar-se da galanteria com que soubera sorrir e olhar, aquella tentava sofraldar o vestido com garbo e elegancia.

Era um retrocesso ao passado, uma clareira de céu azul rasgada nas trevas da demencia, talvez pela mitigante suggestão da musica, á qual medicos antigos e modernos teem reconhecido effeitos therapeuticos.

A dança embriaga tanto como o vinho.

Já um rei de Inglaterra, n'um sarau da côrte, se deixou desvairar dançando, a ponto de, com o joelho em terra, erguer e talvez beijar a liga d'uma condessa encantadora.

Não puderam contêr um frouxo de riso os nobres assistentes.

E o rei, caindo em si, não achou outro meio de remediar o seu desvairamento senão creando a *ordem da liga*, que outra coisa não quer dizer a palavra jarreteira.

Pois no baile de Rilhafolles nenhum dos alienados se desaprimou da gravidade do seu papel.

E se algum d'elles padecia o delirio da grandeza suppondo-se rei ou imperador, nem esse mesmo sacrificou a sua imaginaria corôa á fragilidade do barro humano.

Sob os pés d'aquelles pares dançantes cavava-se um vulcão, que dias antes, talvez na véspera, podia ter chammejado explosões de colera ou desespero.

Mas o vulcão estava adormecido n'aquella hora, como o Vesuvio quando não ruge.

O baile campestre dos internados de Rilhafolles não era a tarantula violenta dos infelizes que certa aranha venenosa mordia, e menos ainda a *dança macabra* de Saint-Saëns.

Era o baile — por que lhe havemos de chamar comedia, se no fundo de tudo aquillo estava o mais torturante drama da vida? — era o baile dos *alienados com juizo* marulhando cadenciadamente sobre a areia da alameda como sobre o pavimento polido de um salão, onde ás vezes se delineam ou sonham as maiores loucuras.

Na sociedade dos atilados os bailes teem um perigo: é a possivel realisação dos sonhos ou aventuras que se combinaram durante um giro de valsa ou um dialogo de contradança.

Em Rilhafolles não ha amanhã; quem ali entra para ficar é como se se mettesse vivo dentro da sepultura.

A eternidade começa ali... nas trevas do cerebro, na noite fria das almas.

Cá fóra, os que ainda se julgam muito longe da morte, enredam tanto a vida, na insania do mundo, com destempêros, raivas, odios e vinganças, que chegam a parecer doudos furiosos.

Ao menos os de Rilhafolles obedecem ao director, ao fiscal, ao vigilante e, por ultimo, á camisa de forças.

Pois a camisa de forças para certos doudos que andam á solta não póde ser outra senão... a mortalha.



Estrella Santos

Encontrei ha poucos dias o Lindinho, *reporter* do *Farol da Liberdade*, e perguntei-lhe :

— Muitas noticias hoje ?

Elle teve um sorriso de triumpho e respondeu :

— Alguma coisa ha . . . até de mais.

— O' deuses immortaes ! tornei eu, já sobejam acontecimentos n'esta Babilonia moderna !

— Varios casos . . . Mas alguns não posso contal-os.

— Por quê ?

— Porque dizem respeito a pessoas conhecidas.

— Ah ! os machuchos !

— Não é tanto assim. Olhe, uma das noticias tenho eu pena de deital-a fóra.

— Uma tragedia ?

— Não.

— Um drama ?

— Tambem não.

— Uma comedia ?

— Tal qual.

— Mas por que não póde então aproveitall-a ?

— Por que implica com um tal Santos, primo do cunhado do irmão do meu collega Flamiano.

— Sim, salve-se a honra do convento. . . Mas, tenha paciencia, Lindinho, diga-me o caso em duas palavras.

Então o habil *reporter* do *Farol da Liberdade* tomou o ar confidencial de quem abrisse a torneira a um segredo de estado.

E disse-me quasi ao ouvido :

— Não desejo que os meus collegas saibam isto por emquanto. Comprehende ? Uma certa rivalidade . . Elles pagam-me na mesma moeda.

— Bem comprehendo. Mas fique absolutamente tranquillo, Lindinho ; bem sabe que eu vivo fóra dos can-cans do noticiario.

Assegurando-se da minha palavra, o Lindinho encostou-me a uma *montre* da Calçada da Estrella e disse :

— N'esse caso, vou pormenorisar.

Quando elle pronuncia este verbo, solemne como um *introibo ad altare*, é como se promettesse virar um assumpto do avêssô e descoser-lhe o fôrro.

Ora o Lindinho contou-me que, em agosto do anno passado, um sujeito de appellido Santos foi veranear com a familia para casa de uma lavadeira de Loures.

A familia do Santos era a mulher, D. Libania, e a filha, a menina Estrella.

Todos tres, pai, mãe e filha, pareciam ser pessoas que bebiam azeite. Dentro de pouco tempo, elles sabiam a vida de toda a gente, e ninguem em Loures conseguira ainda saber a vida d'elles.

O pai promettia a sua influencia para favorecer todas as pretensões dos saloios grandos : livrar-lhes os filhos recenseados, conseguir a redução de alguma decima

exagerada, fazer que os impostos fiscaes baixassem no interesse da agricultura.

— Era justo ; muito justo. A agricultura estava excessivamente sobrecarregada, comquanto fosse a industria mais fallivel d'este mundo.

Assim conseguiu o Santos insinuar-se no animo dos saloios taludos que, na convicção de haverem encontrado um paladino da agricultura, principiaram a mandar-lhe fructas, legumes e aves.

D. Libania, por sua parte, acariciava as creanças para fazer a bocca doce ás mães. Limpava-lhes a cabeça, lavava-lhes a cara, penteava-lhes o cabello, ensinava-lhes a doutrina christã.

A menina Estrella, que não era nenhuma asneira, sorria dengosamente aos filhos dos ricos e aos viuvos embagalhados.

Foi a dois arraiaes com as filhas da lavadeira e outras cachopas louças. Lisonjeou-as vestindo se de saloia como ellas ; mas habilmente affirmou a sua superioridade na abundancia de oiro com que se arreou á minhôta : levava ao pescoço quatro cordões... falsos.

Falava a toda a gente, e, na presença dos solteiros ou viuvos convinhaveis, fazia mais do que falar — cantava.

Aguçava tão sonoramente a voz, requebrava-a tanto em si bemol, que lembrava a agua a chiar dentro de um pucarinho novo, como diz Camões.

E tão artificiosamente fechava ás vezes os olhos, concentrando a intenção de uma phrase, para depois os abrir de repente n'um golpe de luz, que dava a impressão de vêr entrar um raio de sol n'uma casa escura.

Os saloios diziam apalermados :

— O dianho da cachopa !

E, entre enfeitçados e tímidos, iam-lhe arrastando a aza como quem não quer a coisa.

Já uns aos outros os rapazes solteiros se largavam piadas mais ou menos azedas, como por exemplo :

— Não te afragates, que não é p'r'ás tuas barbas.

— Põe tu as tuas de môlho.

— Nanja eu, que tenho mais juizo que tu.

De certa vez, disse um dos rapazes aos que estavam no rancho :

— Não se afreimem vocês, que a menina Estrella gosta mas é do Vintura.

— O tio Vintura !

— Um viuvo, já passante dos cincoenta !

— Póde lá ser !

— Pois é mesmo. Tem massa, terras e gado. Só a leira do Cachão vale mais que todos nós juntos.

— Isso casa elle, tão agarrado ao dinheiro como é !

— E tu sabes lá se ella tambem aveza bago ! Não tens visto os cordões d'ouro !

— Quem póde dizer que não sejam falsos . . .

— Crédo ! Quando lhes dá o sol luzem como um espelho ! Até fazem mal á vista !

— Sim . . . o tio Vintura era um bom conchego. Mas quererá ella ?

— Quer. Senão p'r'ò quê, óservem vocês o que se passa.

D'ali a dias a menina Estrella quiz ir lavar com as lavadeiras.

Arremangou o vestido, de modo a verem-se-lhe os braços até ao hombro ; pôz os pés fóra do charco, es-

tendendo as pernas para que se lhe vissem as meias pretas com *baguettes* vermelhas.

Passou o tio Ventura, por acaso ou proposito; todas as lavadeiras ficaram pensando que era proposito.

A menina Estrella disse-lhe logo:

— O' tio Ventura! quer-me para sua lavadeira?

— Ora essa! respondeu elle. Não se fez o mel p'r'a bocca do asno. É que mel tão fino! mel de flores da cidade.

Ella, fingindo segurar as mangas do vestido, que aliás estavam bem arregaçadas, chamava assim a attenção do ricaço para os seus braços nus e ia-lhe dizendo:

— O mel vae a todas as mesas, do rei e do pastor. A questão é gostar d'elle, porque ha pessoas que não gostam de doçura.

As lavadeiras e o tio Ventura riram-se muito, e elle replicou:

— Do amargo é que eu não gosto; agora de doce! sopetei-o quando adrega.

— Pois então... respondeu Estrella e, detendo-se subitamente, começou a cantar a *Senhora Angot*.

Logo constou este episodio, e todos os solteiros se convenceram de que era effectivamente o tio Ventura que tinha deitado a barra mais adiante.

Para o sondar, diziam-lhe elles ás vezes:

— O' tio Ventura! que lhe parece a menina Estrella?

E elle, com a manha peculiar a um saloio velho, respondia:

— Vós o dizeis: é uma estrella.

— Isso disse o padre no baptismo.

— E vós não dizeis d'outro modo.

Era um macacão, que se defendia bellamente dos rapazes.

Mas, lá no cascabulho do coração, o tio Ventura estava devéras embeijado pela menina Estrella.

Toda a gente já o sabia em casa d'ella.

Por isso o pae Santos tratou de estreitar a convivencia com o tio Ventura, offerecendo-lhe jantares e levando-lhe de Lisboa pasteis de Belem.

O tio Ventura já se permittia a liberdade de apertar a mão á menina Estrella mais do que o estabelecido no livro do João Felix.

Na ausencia do saloio dizia o pae á filha :

— Casas com elle e vaes muito bem. Aquillo em Lisboa são tudo uns pelintras, que nem mesmo assim te teem querido. Corja ! Ficas proprietaria, com muito de comer e de beber ; e ainda nos podes mandar carne de porco, hortaliças e fructas. Quando quizeres, agarras no velho e léval-o até Lisboa. Lá está a nossa casa.

A rapariga concordou :

— Já tentara fortuna nas escolas superiores e nas secretarias de estado : os estudantes e os amanuenses só queriam dinheiro e ella não o tinha. Assim como assim, antes um saloio rico do que um alfacinha piranga.

E D. Libania confirmara :

— Tivesse eu tido esse juizo e outro gallo me cantaria.

O pai Santos replicou ironico :

— Não que os saloios são mais espertos do que eu.

— Elle bem se vê ! treplicou-lhe D. Libania ; este anda mesmo pelo beijo.

Pai Santos, sempre em apertos de dinheiro, fez o seguinte calculo :

— Vou dar um *tiro* ao saloio. Se elle casa, digo-lhe que será o seu presente de noivado. Se não casa, nunca mais torna a vêr o dinheiro. Mas com certeza casa para o não perder.

E pediu ao tio Ventura um conto e oitocentos dizendo-lhe :

— Eu sou um homem muito emprehendedor ; estou mettido em tres ou quatro empresas, que me hão de fazer riquissimo. Preciso agora d'este dinheiro para um negocio d'estalo. Se vocemecê quer ser meu genro, é negocio feito ; a pequena não lhe diz que não e eu muito menos. Portanto, creio que não terá duvida em emprestar-me o dinheiro. Emprasta ?

— Visto que vou entrar na familia, como tambem levo em gosto, empresto-lhe a bagalhaça.

— Olhe, propoz o Santos, consideremos essa pequena quantia como a prenda do noivo á noiva ; por isso não é preciso papel nenhum.

— Vá feito ! todas as escreveduras d'este mundo não valem a honra de um home.

E o pai Santos tornou maliciosamente :

— Quanto mais a honra de uma mulher...

O tio Ventura, ouvindo isto, sentiu ao longo da espinha dorsal um calafrio... d'amor.

Chegou o fim de setembro, e a familia Santos regressou a Lisboa.

Ficou o casamento marcado para o Natal.

O saloio andava de cabeça perdida com saudades da menina Estrella.

Lembravam-lhe com enlevo os braços d'ella, no rio, e as meias todas catitas.

Tambem lhe lembrava a chalaça do mel.

E lambia os beiços.

Pai Santos mandou-lhe dizer n'uma carta que não viesse a Lisboa senão pelo Natal, como ficára combinado, por que trazia a casa em obras.

Andava a vêr se podia arranjar melhor casa e comprar melhor mobilia.

O conto e oitocentos não chegara para os crédores.

Em Lisboa havia de fazer-se a escriptura de casamento.

Conversariam sobre isso, cá, de vagar, entre um prato de sonhos e uns copinhos do Porto.

A 20 de dezembro veio o tio Ventura. Já não podia esperar mais tempo.

Pai Santos conseguiu alugar por oito dias uma linda mobilia.

O saloio, quando a viu, disse com os seus botões:

— Aqui ha dinheiro.

No Rocio, em passeio com o pai Santos, parou muito admirado para um carro electrico.

— Mas que vejo eu!? exclamou.

— O que é?

— Aquillo, acolá!

— Aonde?

— Aquelle lettreiro.

Pai Santos olhou, e comprehendeu o que se passava na alma do tio Ventura.

Teve logo uma idéa portentosa:

— *Estrella Santos* leu vocemecê. Não é verdade?

— *Estrella Santos* bem claro.

— E' o nome da minha filha. Metti-me n'esta empresa de viação e dei aos carros o nome da pequena. Que diz ?

— Bem lembrado ! Tambem em Odivellas já um proprietario poz ao chaléte o nome da filha.

— Está hoje muito em moda.

— Mas isto deve render-lhe bem !

— Um dinheirão. E não é só isto. Tenho outras empresas. A minha cabeça parafusa sempre.

E o saloio repetia mentalmente :

— *Estrella Santos !* Que figurão e que dinheirama !
Estrella Santos !

De repente, em voz alta :

— Lá vem outro !

— Outro quê ?

— Outro carro.

— São muitos. Isto é um servicinho bem montado cá pelo méco, disse o pai Santos batendo com ufania no peito.

O saloio não falou com mais ninguem em Lisboa se não com a familia da sua noiva.

Não o deixaram um momento em liberdade.

A menina Estrella achou que a historia dos carros tinha sido forte de mais.

O pai disse-lhe corajosamente que a fortuna ajudava os audazes.

Combinou-se o casamento para janeiro, em Loures, por que o tio Ventura desejava casar na sua terra.

N'esta idéa foi que elle se resignou a regressar a casa, sósinho.

Mas a familia da sua noiva quiz acompanhal-o até o vêr sair da cidade.

Ao entrarem no carro electrico, para o Lumiar, pai Santos, já na plataforma, pagou disfarçadamente ao conductor.

A certa altura o saloio quiz puxar pela carteira de couro.

Pai Santos deteve-o.

— O quê? Pagar! Do que é meu posso eu dispôr, e o meu genro tambem.

No Lumiar, o saloio, muito enternecido, despediu-se e metteu-se, com a lagrima no olho, na diligencia de Bucellas.

Em Loures contou entusiasticamente o que tinha visto em Lisboa, exaltando, sobretudo, a empresa dos carros electricos, a que o seu futuro sogro dera o nome da filha.

Largaram a rir todos os que o ouviram.

E o professor teve a coragem de desilludil o:

— Qual historia! Estrella Santos quer dizer que esses carros fazem carreira para o largo da Estrella por Santos-o-Velho. E o seu futuro sogro o que tem n'esses carros é apenas um logar como passageiro quando, bem entendido, o pagar como nós.

O tio Ventura fez-se pallido e disse de si para si:

— Estou roubado!

E logo o amor se afundou por um alçapão que largamente se abrin na sua alma de saloio indignado.

Voltou occultamente a Lisboa, informou-se da verdade do que lhe disseram, e foi queixar-se ao juiz de instrucção criminal para reaver o seu conto e oitocentos.

.....

— Mas, Lindinho, passados alguns dias posso contar em publico esse caso?

— Póde.

— E se os seus collegas o puzerem em duvida por lhes haver escapado?

— Mande-os cá para mim. Elles bem sabem o feitio bruto do Lindinho do *Farol da Liberdade*.

Outeiros de abbadessado

I

Dois dos nossos dicionaristas, Constancio e Faria, dizem que a palavra «outeiro» no sentido de concurso de poetas vem do monte Parnaso.

Isto é uma banalidade futilissima, para lhe não chamar cousa peor.

O Parnaso (hoje Liakoura) nunca foi um outeiro, mas uma alta montanha da Phócida, em cujo cimo as tempestades pairam temerosas. D'aqui talvez a sua importancia mythica, o facto de haver sido consagrada pelo polytheismo grego a Apollo e ás Musas, as quaes divindades ficariam assim collocadas mais perto do firmamento e por vezes rodeadas de imponentes phenomenos meteorologicos.

Candido de Figueiredo, graphando «oiteiro» como Santos Valente e como elle adstringindo a significação d'esse vocabulo ao concurso de poetas no pateo dos conventos, entende que «oiteiro» vem de alteiro, como alteiro vem de alto.

Póde discutir-se esta versão etimologica. Mas o que não padece duvida é que a palavra «outeiro» designa,

sancionada pelo uso, não só o concurso de poetas no pateo e grade dos conventos, senão também o mesmo concurso em qualquer outro lugar ou circumstancia.

Houve em Portugal «outeiros» nas salas, nas ruas e nas escolas, principalmente na Universidade de Coimbra, sendo estes ultimos motivados quasi sempre por acontecimentos politicos.

O marquez de Rezende deixou-nos a graciosa *Pintura de um outeiro nocturno e um sarau musical* no antigo solar das Picóas.

Baixando dos palacios fidalgos a menos sumptuosas habitações, basta a tradição bocagiana para nos esclarecer sobre a feição litteraria, que tiveram ha mais de cem annos as assembléas familiares de Lisboa pelo certamen galante de poetas improvisadores.

Quanto aos «outeiros» na rua, lembramos os que se realisavam na vespera do Corpo de Deus, também em Lisboa, e igualmente aquecem ainda a tradição bocagiana.

Os arruamentos da Baixa, por onde no dia seguinte havia de passar a procissão, estavam illuminados, area-dos, ornados de flôres e bandeiras, de murtas e espadanas. As damas, nas janellas, davam motes aos poetas que, seguidos pelos bandos dos seus amigos e admiradores, andavam n'um triumphal passeio de rua em rua. E o povo acompanhava-os por toda a parte alegre e folgado até ao romper da manhã.

Mendes Leal, no segundo acto dos *Primeiros amores de Bocage*, faz reviver os episodios de uma d'essas noites de «outeiro» na Baixa.

A academia de Coimbra terçou armas poeticas dentro da Universidade em varios saraus solemnes: assim,

por exemplo, em 1785 por occasião do casamento do infante D. João com D. Carlota Joaquina; em 1820, commemorando a revolução liberal do Porto; e em 1823 — ó variedade portentosa dos juizos humanos! — para festejar a restauração do poder real

Nos pateos dos conventos de freiras, em certas noites festivas do anno, como a de S. João, havia «outeiros» á luz de fogneiras ou archotes, com intervallos de bailaricos e descantes populares.

A um d'elles, em Odivellas, se refere Garrett no prologo da *Lyrical*.

Contudo, nos conventos, os «outeiros» mais concorridos e brilhantes foram sempre os de abbadessado, que tinham por fim, se não pretexto, celebrar a eleição ou reeleição de cada prelada.

Tal era o complemento tradicional d'essas renhidas eleições monasticas, que davam azo a todos os abusos da galopinagem, da alicantina e do suborno, como as eleições politicas em nossos dias.

O jeronimitano alfacinha frei Simão Antonio de Santa Catharina (seculo xvii) fornece-nos um vivo bosquejo das campanhas eleitoraes dos conventos, quando diz n'um poema joco-serio cujo manuscripto parece haver-se perdido :

Os enrêdos, as bulhas, as trapaças,
Os enganos, os medos, os temores,
Os ardis, as astucias, as negaças,
Os agrados, os risos, os amores.
As trombas, os focinhos, as caraças,
As furias, os raivaços, e os rancores
Que houve em certa eleição com forte espanto
Darão materia a nunca ouvido canto.

Alguma das antigas eleições monasticas ficou lenda-riamente celebre, não pela veniaga ou corrupção mundanas, mas por uma vaga tradição de terror maravilhoso.

Tal foi a que em 1400 recahiu entre as Claras de Villa do Conde na humilde e obscura madre Berengaria, que as outras freiras elegeram abbadessa por zombaria, visto que nenhum dos partidos tinha força bastante para fazer viugar uma candidatura.

Eleita Berengaria, toda a communitade rompeu n'uma tumultuaria assuada de escarneo. A virtuosa serva de Christo, de joelhos, com os olhos postos n'um crucifixo, evocou das suas campas todas as abbadessas que a precederam, para que viessem obedecer-lhe, visto que as freiras vivas lhe recusavam obediencia.

E as campas abriram-se, diz a lenda, e as mortas resurgiram, e as vivas, prostradas pelo terror, imploraram perdão e clemencia.

Mas deixando em paz o maravilhoso, recordemos que os abbadessados tinham como apparatus indispensavel os repiques e as luminarias, as comedias e entremezes, as figurações allegoricas ou mascaradas, os chás nas cellas, os beberetes nas grades, e os «outeiros» nocturnos que preenchiam o triduo de commemorações festivas.

Estes concursos de poetas eram abertos pomposamente, em saudação á prelada, por um dos mais qualificados entre todos os assistentes, e a fórmula metrica preferida por etiqueta para esse effeito foi a ode em alguns casos ou o soneto, como se vê pela expressão que chegou até nós: *soneto de romper outeiro*.

Filinto Elisio e Tolentino romperam «outeiros».

De Filinto resta um soneto que nol-o prova e que foi improvisado sobre o mote :

E' tempo, oh Musa, rompa o doce canto.

Uma nota chistosa, como quasi todas as notas de Filinto, desmascara a forçada adulação do soneto, n'estes termos :

«Os outeiros de Abbadessado são as forjas da mais impudente lisonja ; por acerto, e sem animo de tal se diz n'elles a verdade. Assim sabem já todos o que é um soneto a uma Abbadessa, que de ordinario não são meninas nem moças. Eu por mim o digo, por mais que lhes queria dar um rebocco prazenteiro, sempre a imaginação me pintava uma Abbadessa com oculos no nariz ; e um diurno entabacado nas mãos».

Uma illustre poetisa portugueza, D. Leonor de Almeida, depois marquez de Alorna, evidenciou seus talentos litterarios nos «outeiros» de Chellas, em cujo convento estava então reclusa como sua mãe e irmã por ordem do marquez de Pombal.

Ouviram n'a poetas dos mais grados da epoca : um d'elles era o padre Francisco Manuel do Nascimento, era o nosso *Filinto*.

Depois de a ouvirem, festejaram-n'a e por unanime consenso lhe conferiram o cognome pastoril de *Alcippe*, com que para sempre ficou sendo conhecida na historia litteraria do paiz.

Entre as poesias de Tolentino ha varias referencias a «outeiros de abbadessado» ; e uma, principal-

mente, ao apreço que os poetas davam á honra de os iniciar :

Rompi outeiros em Sant'Anna e Chellas,
Chamei sol á prelada, ás mais, estrellas.

Tolentino torna a falar nos «outeiros» de Sant'Anna, que parece seriam em Lisboa os de maior fama :

Pelas logeas de bebidas,
Por outeiros de Sant'Anna.

E recorda n'outra passagem os applausos que outr'ora havia conquistado n'esses jogos floraes da improvisação :

Se eu hoje fosse aos outeiros
Onde já tive elogios...

Na satira do *Bilhar* o tipo do poeta faminto, que se gabava de ter «rompido outeiros» em Sant'Anna e Chellas, fére uma nota caracteristica e picante :

Fôra cem vezes em nocturno outeiro
Da sabia padaria apadrinhado.

E' que na occasião de abbadessado todas as dependencias da ucharia do convento funcionavam de dia e de noite para occorrer ao consumo pantagruelico de vitualhas, iguarias e confeituras que os poetas e os freiraticos faziam constantemente desaparecer na voragem insondavel do estomago.

Bocage, pelas suas aptidões de improvisador e tendências de bohemio, estava naturalmente fadado para brilhar nos «outeiros», onde, á sombra da sua mesma popularidade, recebia em applausos e guloseimas o premio dos repentos felizes e das entusiasticas homenagens que rendia ao amor e á belleza.

Os outros poetas tinham-lhe inveja, alguns até rancor, porque se sentiam esmagados pelas torrentes de inspiração que borbulhavam dos labios de Bocage; e como era nos «outeiros» que essa superior faculdade podia manifestar-se em toda a sua pujança na presença de numeroso auditorio, não admira que a rivalidade dos zoilos procurasse feril-o justamente como repentista sempre triumphante nos mais disputados certamens.

Um dos poetas menores da epoca de Bocage foi o dr. Luiz Correia da França e Amaral (*Melizeu Cilenio*) em quem o peso dos annos valia pouco á prudencia.

Partiu d'elle um audacioso ataque contra o insigne *Elmano*; e pôde dizer-se que a audacia foi parelha da semsaboria:

Clama com sem igual desembaraço
N'um outeiro um pedante: — Venha Mote
Heroico, que eu só verso heroico faço!

Eis que parte; e embuçado no capote,
Mil narizes de cera revolvendo,
Lá engenha um Soneto... e de que lote!

Bem caro pagou o dr. França este desmedido atrevimento, porque Bocage o zurziu n'uma d'aquellas suas cornscantes desaffrontas, que ficaram celebres como flagrancia caricatural.

Andam na tradição varias aneddotas de *Elmano* em «outeiros de abbadessado».

Uma d'ellas conta que o poeta se aborrecera, certa noite, de improvisar duzias de glosas com a sua habitual facilidade, talvez porque muitas freiras, que faziam voltear os sinos n'uma roda viva, lhe não davam a attenção de que elle era tão avaro.

Alguem instou com *Elmano* para que continuasse, e a sua resposta, um pouco mal humorada, foi esta :

— D'aqui por diante apenas darei algum mote, quando muito.

Um seu admirador replicou logo :

— Pois sim, ao menos isso. Venha mote, venha mote.

Bocage, erguendo então os olhos para o campanario, onde um grupo de freiras porfiava na folia de fazer bimbalar os sinos, exclamou :

Que sinos ! com tantas porcas !

O padre José Agostinho de Macedo, que sempre teve costella freiratica, tambem concorreu a «outeiros».

Filinto Elisio diz algures :

E o Macedo no outeiro se espanja.

Refere-se ao padre José Agostinho, não ha duvida, porque isto se publicava em Pariz no anno 1797 e o

padre Mauuel de Macedo, que aliás havia igualmente frequentado «outeiros», falleceu por 1788 ou algum tempo depois.

O romantismo, que succedeu aos árcades, recebeu d'elles ainda como legado alguma coisa de tradição freiratica.

Os «outeiros de abbadessado» continuaram em moda, e não perderam em brilho.

O poeta portuense Augusto Luso da Silva, que morreu ha poucos annos, rompeu com uma ode o «outeiro» celebrado no convento de Santa Clara, do Porto, em 1850.

Camillo Castello Branco e Faustino Xavier de Novaes versejaram em noites de abadessado nas grades dos conventos do Porto e Gaia.

Em 1844 Camillo e o seu amigo Antonio Girão estiveram no «outeiro» que celebrava a eleição da prelada de Santa Clara, no Porto.

Não se limitaram os dois a lisonjear as freiras e suas pupillas, na grade; tambem fizeram honra ás criadas em sitio menos evidente do que uma grade qualquer.

O proprio Camillo o refere: «puzeramos as nossas melhores decimas á disposição intelligente das criadas do mosteiro, ás quaes os nossos émulos em Apollo, com aristocratico desdem, chamavam «tachos». Estas criadas entendiam-se comnosco sobre assumptos metricos, n'um becco para onde talvez davam as grades da cosinha. Enquanto as velhas filhas de Santa Clara gosmavam motes heroicos para sonetos a Xavier Pacheco, a Nogueira Gandra e a Ferreira Rangel, Girão e eu, no quinchoso escuro e pedregoso, recebiamos

colcheias cantadas em vozes frescas, e com os motes uns vinhos velhos, e os conhecidos pasteis de Santa Clara».

Em 1850 glosou Camillo no convento da Ave Maria (benedictinas portuenses) por ocasião de ser reeleita abbadessa a madre D. Anna Delfina de Andrade.

E' aproximadamenté d'essa epoca o artigo *Abbadessado*, escripto por Camillo para um jornal religioso e mais tarde reproduzido nas *Horas de paz*.

Ahi se descrevem os abusos commetidos por alguns petulantes birbantões n'um abbadessado em Villa Nova de Gaia.

«Na primeira noite — diz Camillo — as religiosas presentiram o que devia succeder; e retiraram-se das janellas.

«Na segunda, appareceram, porque alguém as fez confiar na «civilisação» e na «civildade» da mocidade talentosa.

«Na terceira, foi numerosa a concorrência de ouvintes, que se retiraram envergonhados, porque estavam abi familias».

Foram estes e quejandos abusos que deram causa a que os «outeiros» portuenses, na sua ultima phase em que eu os couheci, se realisassem á porta fechada, isto é, sendo a entrada no pateo apenas permittida ás pessoas que tinham sido convidadas por meio de um cartão intransmissivel, e que d'ali passavam para a grade onde se apresentavam á signataria do convite.

Logo tornaremos a este ponto.

Faustino Xavier de Moraes, o Tolentino do Porto, punha a sua musa comica, mas discreta, ao serviço

dos motes que lhe davam as freiras, e fazia-as estalar de explosivo riso.

Oiçamos um d'esses motes e a glosa do jovialissimo poeta :

Negro zelo, vae-te embora

Vou aprender a torneiro,
Arte da minha paixão;
Pois trabalha o pé e a mão,
Ganha-se muito dinheiro:
Encommendo ao meu ferreiro
Um «torno» — não dos de fóra —
Esperem, lembra-me agora,
Tenho aqui um «tornozello»,
Tiro o «torno», e digo ao «zelo»:
Negro zelo, vae-te embora.

Foi por 1868 que eu, sendo estudante do liceu do Porto, assisti a um «outeiro de abbadessado» no convento beneditino da Ave Maria.

Não me recommendavam certamente para esse luzido prélio de trovadores portuenses minhas escassas prendas litterarias. Mas n'aquelle convento havia uma secular que era minha prima — é sempre bom ter uma prima em toda a parte — e graças a ella logrei ascender ao difficil tabernaculo outeiral.

Este adjectivo vae á conta e responsabilidade de Garrett.

E, com a proverbial sem-cerimonia de todos os rapazes, solicitei auctorisação para apresentar um amigo que tambem commungava na religião das Musas: Sousa Viterbo, então meu companheiro inseparavel.

Bati duas palmadas no portão que dava para o largo

de S. Bento (o qual se chama hoje Praça d'Almeida Garrett) e ficava ao nível de uma cortina gradeada superior ao pavimento do largo.

Abrin-se discretamente um postigo do portão e a cabeça d'uma servente espreitou farejando cautelosa.

As serventes eram mulheres que passavam o dia sentadas em soalheiro no pateo dos conventos á espera de que as freiras as mandassem fazer qualquer recado.

Nas horas vagas, umas fiavam, outras cosiam, e todas ellas papagueavam casos da rua e da vida alheia.

Não se deve confundir as serventes com os *tachos*, criadas internas do convento que apenas tinham comunicação com o mundo exterior quando vinham á portaria, á roda... ou quando namoravam das janellas.

11

Eu ia apresentar as minhas credenciaes, mas nem foi preciso fazel-o, porque a servente do portão me reconheceu logo como primo de minha prima Aureliana, e filho do seu medico.

Meu pae tinha algumas clientes n'aquelle convento, onde entrava frequentes vezes, sendo sempre acompanhado, segundo o estilo monastico, por uma freira e annuciado a badaladas de campainha ao longo dos corredores.

Logo que me vi dentro do pateo reparei nas janellas que davam sobre elle e onde, entre duas luminarias, se enquadravam as toucas brancas dos *tachos*.

Havia ahí no pateo alguns grupos masculinos, que falavam para as janellas com certa discreção.

— São poetas ? perguntei eu á servente.

— Não, senhor, respondeu ella sorrindo. São os *conversados* das criadas.

Era o caso de dizer, se não fossem oito horas da noite: «O sol quando nasce é para todos».

Os *tachos* faziam tambem o seu «outeiro» de galanteria, atirando das janellas motes e rebuçados.

A mesma servente nos introduziu na grade que já estava muito concorrida.

A meio da casa abria-se a mesa das iguarias e dos vinhos finos.

Eram aureos promontorios de gemmas de ovo, desgrenhadas em farripas, recortadas em estrellas, aboladas em castanhas ou recurvadas em meias luas, surgindo de entre phantasiosas rendas de papel multicôr e boninas artificiaes.

Eram taças e garrafas de translucido cristal onde o Porto, o Madeira e o Champagne se irisavam á luz dos candelabros como se fossem pedras preciosas liquefeitas.

Eram montanhas de rebuçados e *bonbons* desmoronando-se sobre as bandejas de prata, a cada momento, sempre que os poetas queriam aromatizar a bocca para dulcificar os seus madrigaes.

Eram bules de prata e chavenas da India para chá e café, torradas loiras com polvilho de canella, bolos sêcos, palitos rendilhados, guardanapos de Bretanha, lavabos de vidro e porcellana, jarros e amphoras com agua.

A um dos lados da grade estava aberto um piano,

onde o maestro Miguel Angelo devia fazer-se ouvir, e junto ao piano havia uma estante de musica, que esperava pela chegada do violinista Marques Pinto.

Ao fundo da grade cruzavam-se os varões de ferro que enjaulavam as freiras e as *seculares*, as quaes estavam sentadas hierarchicamente em semi-circulo, occupando a prelada o lugar de honra, ao meio, e tendo á sua direita a madre escrivã.

Tambem n'esse interior da grade havia duas ou tres mesas pequenas para serviço de chá, bolos e refrescos.

Os convidados, se exceptuarmos Marques Pinto, Miguel Angelo e o actor Marcolino, que estava em tratamento no Porto, eram gente moça na flôr dos annos, rapazes com o sangue na guelra, o mais velho dos quaes seria Guilherme Braga, então florente das suas vinte e tres primaveras.

Este e Alexandre da Conceição ainda chegaram a conhecer os «outeiros» no tempo em que se faziam no pateo, como o provam as seguintes palavras do Conceição no seu livro *Notas*:

«Guilherme Braga era o unico que não precisava de papel, nem de tinta, nem de lapis, nem de *rolinho de cera*.»

Eu, como vinha contando, já encontrei os outeiros de escada acima, com todo o apparatus de uma *soirée* em casa particular.

A dentro dos varões de ferro da grade havia uma linda corbelha de *seculares*, fazendo matiz á vetustez archeologica das madres. Eram raparigas de vinte a vinte e cinco annos, algumas ricas, a maior parte d'el-

las pobres e por isso *encostadas* á protecção de qualquer freira professora.

Que tres noites aquellas ! Versos, musica, o Champagne fervendo nas taças, o galanteio embrulhado no improviso, o olhar de cada captivo do amor abrangendo a belleza de todas as captivas do convento, um Tautalo em cada poeta, um poeta em cada convidado e apenas como surrateira expansão de incendios da alma o girar da roda de vez em quando trazendo um bilhetinho ou uma flôr, e levando em resposta outro bilhetinho ou outra flôr...

Custava a despegar d'ali. As *seculares*, com a tolerancia das freiras, pareciam ainda ter menos pressa de se despedir que os convidados. Alguma d'ellas disse a Guilherme Braga, que já estava de chapéu na mão para sair: «Espere um bocadinho». E elle replicou-lhe lesto:

N'esse «espere um bocadinho»
— Se illusão minha não fosse —
Parece que vem mais vinho,
Parece que vem mais doce.

Vagamente encontro na memoria a recordação truncada da minha despedida, que tambem foi em verso :

.....
Tenho hoje aqui glosado
Motes a esmo, a granel.
Consenti, minhas senhoras,
Que eu d'esta feita termine
E perante vós se incline
Vosso servo — Pimentel.

Quantos dos que ali estiveram — *seculares* que im-

provisavam notes e poetas que improvisavam glosas — quantos não desapareceram já na voragem da morte! Quasi todos. Até o convento da Ave Maria e a sua egreja não existem. Foi o local preenchido pela estação central de S. Bento. Quem agora lá fala são as machinas sibillantes do caminho de ferro. Os antigos improvisadores emudeceram de vez, mortos ou velhos — que é quasi o mesmo.

O grande actor Taborda tambem ali tomou parte n'um abbadessado — não me lembra qual — representando o *José do Capote*. Veiu de dentro da grade o lençol indispensavel, e sabe Deus se elle poderia contar segredos e sonhos da sua ignorada possuidora. Ninguem lh'os perguntou, porque Taborda não dava tempo senão para a gente rir — e não chegava.

Foi logo de entrada... O insigne artista fingiu sair para voltar em seguida e dizer: «*Boas noutes... muito boas noutes nos dê Deus, minhas senhoras.*»

E de dentro da grade todas as vozes femininas responderam:

— Muito boas noutes, snr. Taborda.

Era o principio do *José do Capote*, mas fôra tal a naturalidade da phrase, que as senhoras julgaram ser um novo cumprimento dirigido a ellas.

Quantas risadas quando perceberam o engano! E Taborda continuando serenamente:

— *Que olhos que ellas me deitam!*

As freiras riam, riam, que foi preciso uma longa pausa para a scena-comica proseguir.

Nô «outeiro de abbadessado» que se realisou em outubro de 1871 esteve, entre os poetas, Guerra Junqueiro, n'aquelle mesmo convento.

Os seus improvisos não foram publicados, mas um periodico litterario da epoca, intitulado *Archivo Popular*, estampou os de outros glosadores, que não envergonharam as Musas, apesar da concorrência perigosa de Junqueiro.

Um d'elles, por exemplo, mostrou-se destro repentista na glosa do seguinte mote :

N'estes innocentes gosos
Sente-se o tempo voar.

Eis como elle o glosou rapidamente :

O «Amor» de cujos carcazes
Nuvem de settas s'escapa,
Estava jogando o rapa
Com mais dous ou tres rapazes.
Diz-lhe a mãe: — Filho, que fazes ?
Deixa esses brincos perigosos ! . . .
Por ti, em S. Bento, anciosos,
Suspiram os corações,
E tu a ganhar pinhões
«N'estes innocentes gosos !» —

Responde o «Amor»: — «Eu vou já;
Não ! não me esqueço da gloria !
Se ahí tem a palmatoria
Ai ! não me bata, mamã !
Depois de servir se o chá
Ao mosteiro hei de voar,
Tudo ali ha de folgar,
De fórma que até S. Bento
Me dirá: — N'este convento
«Sente-se o tempo voar !»

A ultima abbadessa do convento da *Ave Maria* falleceu em 1887.

N'este, como nos outros conventos do Porto e Gaia, a morte foi dizimando as communidades, de modo que já não havia freiras eleitoras e elegiveis. Os abbadessados acabaram pela mesma razão por que os carabineiros da anedota não puderam entrar em fogo. Falta a pólvora. Não havia meio de fabricar uma prelada: faltavam os votos, sua materia prima.

Assim passaram á historia em nossos dias os «outeiros de abbadessado».

Eu proprio lhes assisti á agonia, eu mesmo vi a sua alma romantica, terna e gentil, atacar as primeiras notas do canto do cisne, ainda com bravura, mas — ai d'ella e ai de mim! — já sem confiança no futuro.

Eu pessoalmente depuz algumas rudes flôres piedosas no travesseiro do moribundo, flôres que se desfiaram em saudades; outros tiveram de entoar, poucos annos depois, os officios funebres em torno da eça negra que recebeu os despojos mortaes d'essa galante tradição, tão amavel e tão doce — doce nos motes, doce nos rebuçados, doce nas glosas e nos cremes — tudo amavel e saboroso tanto para o espirito como para o paladar.

Sic transit gloria mundi.

Lisboa, fevereiro, 1906.

A Senhora Dona Branca

A humilde igreja matriz, cujo orago é S. Salvador, encosta-se ao castello desmantelado.

Diz-se que foi outr'ora mesquita.

As terras são ali sêcas e pobres; as vinhas e seáras rachiticas. Monte abaixo, desde a alcaçova, veiu descendo a povoação até se afogar n'um valle triste e confrangido entre enormes rochedos agrestes, d'onde se pôde falar para Hespanha.

Seria esta uma aldêa morta e ignorada, se não dêsse passagem aos almocreves raianos, e não tivesse a lenda de uma virgem santa, filha de um dos primeiros alcaides cristãos do castello.

E' a lenda da «Senhora Dona Branca», como diz o povo respeitosamente, adorando a memoria abençoada d'essa creatura celeste, que poisou um momento na terra para exemplificar a virtude, exercer a caridade e servir a Deus.

Uma vaga tradição refere que foi tres vezes «branca»: pela candura da alma, pelos lirios da face e pelo nome de baptismo: acrescentando que por humildade cristã se mandou sepultar á porta da igreja para que

os fieis pisassem os seus restos mortaes, que aliás a terra não ousou corromper.

Uma pedra tósca, á semelhança de campa, indica ainda hoje, segundo a crença do povo, o sitio onde a «Senhora Dona Branca» repousa, e é sobre essa pedra que vão chorar e rezar todos os desgraçados nas horas mais tormentosas da vida.

Arrastados no chão, com a bocca posta sobre a lage fria, elles segredam suas magnas e afflicções, implorando protecção e soccorro; e de dentro da sepultura responde-lhes, acaricia-os, conforta-os piedosamente a virgem tres vezes «branca», irmã dos anjos no empireo.

Todas as angustias humanas parecem quebrar d'encontro áquella pedra rude. Quem ali ajoelha supplicante, levanta-se resignado. Flôres dispersas cobrem muitas vezes a campa, e os rebanhos de cabras, quando fogem para o adro, nem tocam nas flôres, nem passam por cima da pedra.

O paroco, homem de fê serena, sem fanatismos ou desfallecimentos, não contraria nem reprime a creuça do povo, que é espontanea e secular.

Respeita-a; e, se o obrigam a falar, não conseguem arrancar-lhe mais do que estas palavras carinhosas: «Meus filhos, crer é viver. Que jámais vos falte a fê, se não quereis soffrer sem lenitivo».

Alguns adolescentes fazem-lhe perguntas a respeito da vida e morte da «Senhora Dona Branca».

O prior responde inalteravelmente: «Nada vi escripto ainda. Conheço apenas a tradição oral, que vossos pais conservam tão viva e fervorosa».

E afasta-se repetindo ternamente o seu velho estribilho: «Meus filhos, crer é viver».

Ha vinte e quatro annos, quando o paroco tomou posse da abbadia, encontrou como sacristão um d'estes homens capazes de operar grandes transformações sociaes se a illustração ou a fortuna os ajudasse.

Segundo a sua inclinação natural, esse homem inventivo chegou a imaginar que a memoria da «Senhora Dona Branca» poderia ser uma fonte de riqueza, um instrumento de progresso e prosperidade, para aquella aldéa sertaneja, tão morta e apagada.

Disse-o uma vez ao novo paroco, que o ouviu com bondade, e o convidou a exprimir mais claramente todo o seu pensamento.

O sacristão obedeceu e expoz com desafogo o que pensava:

— Nada custava, men prior, verificar se o corpo da «Senhora Dona Branca» está ainda incorrupto, como o povo crê. Sendo assim, podia exhumar-se para ser collocado dentro de uma vidraça e exposto á devoção dos fieis. A fê cresceria, choveriam esmolos e donativos. Em pouco tempo esta igreja seria substituida por um sumptuoso santuario, viriam a elle romeiros e peregrinos, e a aldéa chegaria a ser villa, talvez cidade n'um futuro que Deus sabe se tardaria pouco. Que diz a isto o sr. prior?

Sempre com a mesma bondade, o paroco respondeu:

— Digo que as tradições piedosas devem acceitar-se taes como são: um legado venerando. Assim as recebemos: assim as devem receber os que vierem depois de nós. O povo tem uma religião sua, e com ella é fe-

liz. Querer profundal-a e esclarecel-a é um risco, que pode trazer conflictos e perturbações. Ora, pois, sacristão, deixe estar o que está, e não pense mais n'isso.

A dizer a verdade, o sacristão ficou azoinado, rai-voso; todavia procurou conter-se, encolhendo os hombros e apparentando conformidade.

Mas o que é certo é que não perdeu nunca a sua idéa, porque lhe estava na massa do sangue: e até peusava ás vezes em deixar o paroco confundido por uma derrota esmagadora.

Com o andar dos tempos, vendo que o prior era pessoa de sentimentos brandos, incapaz de uma vingança cruel, afoitou-se a um emprehendimento arrojado.

N'uma noite escura de inverno, por horas mortas, foi com o alvião levantar a campa da «Senhora Dona Branca».

Custou-lhe, esforçou-se, porque a lage estava fundamentalmente entalada na terra.

O lampeão que o allumiava não passou despercebido a uma padeira do logar, na occasião em que ella teve de sair ao aido para ir buscar lenha com que reforçasse o forno.

A pobre mulher quedou-se estatica, n'um assombro, com as lagrimas nos olhos e as mãos erguidas.

Logo de manhã contou ás vizinhas que uma luz do céu descera, durante a noite, sobre a sepultura da «Senhora Dona Branca», e poucas horas depois toda a aldéa acreditava n'esse maravilhoso phenomeno, que não tuha sido preseenceado ainda.

O sacristão, arrependido da sua culposa audacia, foi accordar o prior e confessar-lhe o delicto.

Estava pallido, tremia-lhe a voz, engasgava-se de commoção.

— Sr. prior, castigue-me, que eu desobedeci-lhe.

— Vejo pela sua afficção que já o céu começou a castigal-o, e isso bastará para lhe inspirar um arrependimento sincero. Mas o que foi que aconteceu?

— Esta noite, sr. prior, atrevi-me a levantar a pedra na sepultura da «Senhora Dona Braaca».

— Desgraçado! E depois, depois?

— Depois, sr. prior, vi uma pequena cova que não tinha nada dentro!

O prior, profundamente amargurado, tragoi duas lagrimas que lhe rolaram dos olhos.

Após um longo silencio, acercou-se do sacristão, e poz-lhe paternalmente a mão sobre o hombro, como para o tranquilisar por um signal de perdão.

Em seguida foi buscar ao oratorio um crucifixo, trouxe-o até junto d'aquelle homem temerario, que se mostrava convencido do seu erro, e disse lhe solemnemente:

— Prometta e jure, pela sagrada morte e paixão de Jesus Christo Nosso Senhor, que jámais na sua vida contará a ninguem, absolutamente a ninguem, sob pena de perjurio, com privação do seu cargo, o que fez e examinou tão imprudentemente.

O sacristão, tremendo, descórado n'uma pallidez cadaverica, estendeu a mão direita sobre o crucifixo, e jurou com firmeza e contricção.

— Agora, tornou o prior, vá o mais discretamente que puder recompôr a terra junto da campa, para que se não conheça que foi revolvida.

Poucas horas depois, todo o povo da aldéa acudia

em alvoroço ao alto do monte a contar ao prior o caso da luz milagrosa que a padeira surprehendera durante a noite.

E o paroco, com o seu habitual sorriso de bondade, repetia a uns e outros :

— Meus filhos, crêr é viver. Que jámais vos falte a fé, se não quereis viver sem lenitivo.

O tambor-mór

Noticiaram os jornaes em setembro de 1907 que falleceu, no hospital militar de Belem, o tambor-mór reformado Amaro José, com 87 annos de idade e 75 de serviço

Esta noticia, que não deu muito que fazer aos jornalistas, e passou quasi surratemente por entre as malhas da grande informação quotidiana, faria comtudo despertar em alguns espiritos a recordação longinqua dos antigos tambor-mores do nosso exercito.

Outr'ora, a sociedade portugueza estava escalonada com methodo e ordem em — mores — e — menores — e o exercito não escapava á regra.

Perto vai ainda o tempo em que havia dentro d'ella tambores menores e tambor mór; cirurgiões mores e cirurgiões ajudantes, que eram os menores.

Depois resolven-se que todos fossemos iguaes, e o exercito soffreu tambem as consequencias d'esta resolução igualitaria.

Desde esse dia, o tambor-mór foi derrubado do seu pedestal a golpes demolidores, e Amaro José não era,

ultimamente, senão a sombra historica da sua extincta classe.

Eu disse — do seu pedestal — e não podem accusar-me de haver falta de propriedade n'esta expressão.

O tambor-môr foi, em geral, um gigante, um colosso, cuja alta corporatura, cujas longas barbas pretas, cujo bastão doirado volteando no ar sobrepujavam todo o conjunto d'um regimento em marcha ou em formatura, como se em verdade elle estivesse erguido sobre um pedestal e todos os outros soldados fossem anões em relação a elle.

Era a unica figura militar que parecia restar dos possantes guerreiros da Idade-Média, o ultimo neto d'esse grande e immenso Affonso Henriques, Adamastor armado, que fundou não só uma dinastia, mas tambem uma nação de homens grandes.

Quando o tambor-môr marchava deante de nós parecia que elle vinha de collaborar com o primeiro rei portuguez na expulsão dos mouros; que já tinha ajudado a varrel-os de Coimbra até Santarem, de Santarem até Lisboa; e que passando nas ruas da capital aproveitava apenas a occasião para fazer as suas despedidas antes de ir continuar a varrel os do Alemtejo para o Algarve.

Eu não gosto, litterariamente, de periodos grandes, e todavia acabo de escrever um que nada tem de pequeno.

Mas é que nunca foi possivel a ninguem metter um tambor-môr dentro de uma chapeleira ou de meia duzia de linhas.

Para o vêr era preciso erguer os olhos, como o fazemos deante de alguma torre.

Para o descrever seriam precisas todas as hiperboles de Victor Hugo, que foi tambem um tambor-mór na poesia, e que por isso mesmo não teria que levantar muito a vista para observar os tambor-mores do exercito.

Sim, só o grande Victor Hugo seria capaz de descrever esse soldadão barbaçudo, que por um triz não mettia a cabeça dentro das nuvens: em todo o caso parecia que ellas eram o pennacho da sua barretina alterosa.

Quando o tambor-mór jogava ao ar o bastão auriluzente, as mulheres—senhoras ou criadas,—retraíam-se nas janellas sob uma impressão de medo, como se receassem que o bastão pudesse ir quebrar-lhes os dentes incisivos, os quaes dentes são os que as mulheres mais estimam.

Os passarinhos fugiam assustados para o sete-estrello, na illusão pavorosa de que podiam ser attingidos por essa bala doirada, que o tambor-mór disparava em direcção aos astros.

O zimbório da Estrella, em Lisboa, e a torre dos Clerigos, no Porto, estremeciam quando viam passar á frente do regimento o tambor-mór: estremeciam de susto ou de inveja, o que nunca se pôde averiguar ao certo.

Mas — ó prodigio! — jámais o bastão do tambor-mór lhe vogue das mãos para não voltar, jámais falhou n'uma evolução ou veio bater nas lages da rua.

Não! O bastão, para o effeito de molestar, podia ser uma fêra. Comtudo, na mão do tambor-mór, era uma fêra domesticada.

Jámais aconteceu que o bastão deixasse de ser obe-

diente, o que poria em cheque o brio do tambor-mór, ou que viesse amolgar-se nas pedras da calçada, o que seria bem peor ainda, porque o tambor-mór não poderia dobrar-se a levantar-o como qualquer creatura flexivel, nem os outros soldados quereriam, curvando-se, tornar-se aiuda mais pequenos deante do tambor-mór.

Era em torno d'esta soberba figura marcial que se agrupava o rapazio nas ruas, para admiral-o de mais perto, desde que o regimento saia do quartel até que regressava.

O sentimento de admiração que a força phisica nos inspira é tão antigo como a humanidade. Os primeiros reis que regeram o mundo saíram de familias privilegiadas pela robustez e pelo valor. Os seres mais fracos não ousavam contestar esse privilegio, que parecia uma predestinação da natureza, e que se perpetuava de paes a filhos.

E' isso o que explica a palavra dinastia, que tem hoje o sentido de successão, mas que na accepção primitiva da sua raiz etimologica apenas exprime a idéa de — força.

O tambor-mór era um athleta, e por esse motivo o admiravam.

Ainda hoje os nossos soldados teem pouca instrucção, mas outr'ora ainda tiveram menos.

E ao tambor-mór não se exigia senão o valor, o arreganho, a pujança phisica proporcionalmente distribuidos por dois metros de altura.

Cônta-se que em certo regimento o respectivo instructor tentou melhorar as condições intellectuaes de

um tambor-mór, que não sabia onde ficava o norte e onde ficava o sul.

— Vou ensinar-te, dissera-lhe o instructor, o modo como facilmente podes conhecer os quatro pontos cardaes. Toma sentido no que te digo. Voltando as costas ao nascente, que é d'onde nasce o sol, fica-te deante do nariz o occidente, que é onde o sol desaparece. A' direita terás o norte e á esquerda o sul. Entendeste?

— Entendi, sim, senhor.

— Vamos a vêr. Vira-te lá para o occidente.

Momento de hesitação no tambor-mór.

— Homem! Então não vês para onde o sol vai caminhando?

— Vejo muito bem.

— Então vira-te para o sol.

O tambor-mór virou-se para o occidente.

— O que te fica á direita?

Nova hesitação do tambor-mór.

— Pois não te disse que era o norte?

— E' verdade! E' o norte.

— E do outro lado fica o sul.

Torna a atralhar-se o tambor-mór, e o instructor pergunta-lhe:

— Qual é o outro lado?

— E' a minha mão esquerda.

— Está claro. A tua mão esquerda é o sul. E atraz de ti o que fica?

— Atraz de mim?!

— O' homem! responde.

— Atraz de mim fica a mochila.

O tambor-mór não conseguiu orientar-se melhor á força de explicações. O seu mundo era elle proprio: a

sua barretina, o seu bastão, a sua mochila. Não tinha que conhecer os quatro pontos cardeaes. Elle não olhava senão para cima, quando seguia o movimento do seu bastão, e para baixo, a fim de vêr onde punha os pés.

— Olha lá, disse-lhe de outra vez o instructor. O que é meia volta á direita ?

O tambor-mór não definiu, mas executou.

— E o que é meia volta á esquerda ?

D'esta vez o tambor-mór contentou-se com responder :

— E' meia volta á direita para o outro lado.

O instructor encolheu os hombros e sorriu; mas nunca mais tentou desbastar a rudeza grandiosa d'esse famoso collosso do seu regimento.

Contou-me o sr. general Hugo de Lacerda ter havido out'ora no batalhão naval um tambor-mór belga, que foi mestre de todos os tambor-mores da nossa marinha.

Era de avantajada estatura, como convinha a um homem que fôra escolhido para instructor de homens grandes.

Quem hoje observa o entusiasmo que na multidão desperta, em todas as paradas, o corpo de marinheiros, comprehenderá facilmente a sensação que produziria, á frente do antigo batalhão naval, esse gigante ciclópico e barbilongo, cuja presença convertia em realidade as fabulas de Poliphemo e Adamastor.

Os exercitos não podem prescindir de nm certo brilho ornamental, que é ordinariamente fornecido pelas côres vivas, pelos doirados e pennachos.

Se lhes tirassem isto, ficaria apenas a força esma-

gadora que fêre, que mata, que destroe ; ficaria unicamente a machina de guerra, composta de homens, clavinas e canhões.

O apparatus decorativo dos exercitos faz de algum modo lembrar o assucar das pharmacias, que serve para suavisar os medicamentos amargos.

E o tambor-mór era, como sabemos, a figura mais brilhante dos nossos regimentos.

O famoso belga usava sobrecasaca de official e marchava com ares audaciosos e soberbos.

Passou a vida entre Marte e Bacco, entre o bastião e o copo, entre o quartel e a taberna.

D'aqui resultava ser castigado com frequentes prisões, as quaes elle, no seu altivo conceito, não attribuia senão ao coronel, a quem aliás estimava com entranhado affecto.

Quando estava preso, vociferava contra a desconsideração de que se julgava victima em sua elevada posição de tambor-mór.

E então, desesperado, repetia frequentes vezes :

— *A la fin, je casse ma canne et le gouvernement s'arrangera comme il pourra.*

Terrivel ameaça de um gigante em colera ! Se elle quebrasse a sua bengala, se chegasse a despedaçar o seu bastião, o governo vêr-se-ia n'um grande embaraço para o substituir condignamente. Seria o caso de Sansão abalando as columnas do templo — morreriam todos os philisteus e primeiro que todos — o governo.

Felizmente, as suas ameaças não passavam de trovões ensurdecedores, mas inoffensivos. Nunca as realisava. Possuia um coração terno e bondoso. Praguejava contra o coronel, e adorava o coronel.

N'um dia em que estava embriagado, como quasi sempre, recebeu a noticia de que o coronel fallecera.

— *Pas possible!* gaguejou elle nos fumos da borra-cheira.

Asseveraram-lhe que era verdade, juraram-lhe que o coronel tinha morrido.

Então o tambor-môr caiu n'uma especie de torpôr, que lhe não permittia senão soluçar esta breve e dolorida exclamação: *Mon Dieu! mon Dieu!* A sua cabeça de gigante inclinou-se, o seu tronco de athleta estremeceu, e o tambor-môr expirou no mesmo dia do coronel, deixando o governo verdadeiramente attonito, porque se é facil substituir um coronel, não era facil substituir um tambor-môr.

Vê-se que esses terrificantes Hercules do bastão não eram invulneraveis aos affectos brandos e aos sentimentos nobres, o que não admira, porque muitas vezes as meigas pombas vão aninhar-se nas torres mais altas.

Mas era principalmente pela estatura avultada e pelas barbas condignas d'ella, era pelo apparatus da robustez phisica, pela imponencia da sua figura que o tambor-môr se fazia valer e admirar.

Soberano pela força dos musculos, elle tinha um séquito como todos os soberanos.

Eram os porta-machados, que marchavam em filas atraz d'elle. Bellos homens tambem, encorpados, altos, posto que de menor altura que o tambor-môr: barbas crescidas, avental de camurça, machado ao hombro.

Os porta-machados completavam essa como que apothéose da validez masculina que precedia pittorescamente os regimentos em desfile ou parada.

Eram elles que desbravavam o caminho, que derrubavam as barreiras, que destruíam as barricadas.

Foram substituídos pelos nossos actuaes sapadores, que aliás os não puderam substituir na impressão de respeito e temor que os porta-machados infundiam no animo da multidão.

E lembrar-se a gente de que toda essa raça de homens fortes, tambor-mores e porta-machados, acabara com um simples traço de penna sobre uma folha de papel!

O gigante Goliath foi abatido por uma pedra, que David disparou da funda, e a sua morte ficou celebre na historia da humanidade.

Ainda hoje é recordada nas escolas.

Mas a extincção do tambor-mór tem sido injustamente esquecida, não se fala d'ella para celebral-a, e comtudo cada um d'elles foi, depois de Affonso Henriques, um grande homem pela simples razão de ser um homem grande.

Que se importa hoje o nosso povo de ter filhos altos ou baixos? Até estimará que todos sejam de pequeno formato, para que não possam chegar ao estalão militar. Antigamente, o mais alto dos filhos tinha certa a carreira de tambor-mór, e proporcionava a seus pais a alegria e o orgulho de o verem marchar gloriosamente, barbas ao vento, bastão no ar, ao som da banda regimental, rodeado pela admiração respeitosa de todos os seus conterraneos.

O octogenario Amaro José, agora fallecido no hospital de Belem, merece a nossa veneração, e por isso lhe dedicamos estas paginas.

Estou a vê-lo com a mesma sandade e estima, que

algumas vezes tenho sentido deante de um castanheiro prostrado pela doença, ou de um roble queimado pelo raio. Elle era, como o castanheiro ou o roble, um gigante creado em plena natureza, mas firme, resistente, e quasi secular.

Ponham sobre o roble ou o castanheiro uma barretina, e terão um tambor-mór.

Imaginem um tambor-mór vestido de ramos verdes com ouriços e terão um castanheiro.

Lord Byron disse algures que só os tempos antigos eram bellos,

Creio que teve razão.

Passe o leitor a vista pelos nossos janotas modernos, flexiveis como bonifrates, quebradiços na elegancia do seu frak e do seu monoculo, e diga-me depois se algum d'elles poderia servir para tambor-mór?

Não! Infelizmente, os ultimos tambor-mroes vão morrendo — quem sabe se Amaro José não seria o ultimo? — e cada dia somos obrigados a reconhecer que actualmente até os nossos grandes homens são... pequenos.

Que desolação!

VI

A camisa

N'aquella terrível ballada de Goethe, que se intitula *A Dança dos Mortos*, parece encontrar-se um sentido profundo, um simbolismo piedoso, de compaixão pelos finados.

A' meia noite, o guarda do cemiterio olha do alto da torre o campo santo. A lua brilha no céu, de uma luz suave e triste. Abre-se uma sepultura, e outra, e muitas, dando passagem a homens e mulheres, que vestem camisas brancas fluctuantes.

Os mortos dão se as mãos e começam a dançar uma ronda. Sente-se o bater de ossos, que se movem, e moços e velhos, fidalgos e plebeus entregam-se ao prazer da dança. Mas os longos vestidos embaraçam-n'os; e como depois da morte não ha pudor, despem as camisas, arremessam-n'as para longe.

Gira mais rápida a ronda. Agitam-se os braços e as pernas dos mortos; os gestos são funambulescos. Um dos esqueletos rege em alta voz o compasso da dança, e o guarda ri de tão extravagante espectáculo.

Mas ouve um genio infernal, que lhe diz este conselho tentador : «Vae roubar uma camisa.»

E o guarda obedece-lhe logo. A lua continúa a brilhar no céu. Os mortos fatigam-se, soltam-se da ronda, procura cada qual a sua camisa, veste-a, e some-se na sepultura.

Um só de todos elles corre a um e outro lado buscando a camisa, que não póde encontrar.

E grita, e clama com voz de trovão :

«A minha camisa ! a minha camisa !»

Lembra-se então de que o guarda do cemiterio lh'a roubaria fugindo depois para dentro da torre.

Mas a torre é tão alta e tão forte !

Procura abalar a porta, que não cede. Marinha pelos ornatos gothicos para escalar a muralha ; aqui firma o pé ; ali crava os dedos da mão descarnada.

Trepa como um arauicho de longas pernas, e vai subindo sempre.

O guarda descora e treme.

Quer atirar a camisa ao morto, por que tem medo d'elle. Lança-a do alto, mas a camisa fica pendurada n'um gancho de ferro.

A lua empallidece no céu ; o sino da torre bate uma hora da noite com estrondo.

O esqueleto despenha-se e esmigalha-se.

Tal é a ballada de Gœthe.

Esta camisa, de que o morto necessita para recuperar o descanso eterno, parece ser a oração.

Sem ella, não poderá ter repouso no cemiterio.

E' necessario dar-lhe a camisa e a paz, enviar-lhe a oração de que elle precisa ao menos uma vez cada anno.

Mas não basta arremessar-lhe um *Pater Noster* sob a mesma impressão de terror com que o guarda do

campo santo arremessou a camisa ao morto da ballada.

Porque então o *Pater Nosler* ficará suspenso no gancho de ferro como a camisa.

E o morto, desamparado de orações fervorosas e sinceras, sentindo-se irremediavelmente perdido, terá de vaguear eternamente á procura da paz e do descanso, que não logrará reaver.

Sempre me pareceu que esta ballada de Goethe ensinava a orar pelos mortos, principalmente no dia que lhes é consagrado.

E sempre cuidei ouvir a voz de muitos d'elles a exclamar tropejando: «A minha camisa! a minha camisa!»

Do alto da torre, os filhos ingratos, as viúvas levianas, os falsos amigos riem como o guarda da ballada.

E o morto, no desespero do seu abandono, trepa pelos ornatos, procura escalar a indiferença dos vivos, porque precisa de uma oração para ter descanso.

«A minha camisa! a minha camisa!»

O sino da torre começa a dobrar com estrondo para despertar os ingratos e os indifferentes.

O dia de finados vai passando, as horas succedem-se, e a oração não chega.

O sino da torre dobra ainda com mais força.

Todos os outros mortos, terminada a ronda, foram descansar de novo na sepultura: só um, apenas um, aquelle que a sua familia e os seus amigos esqueceram, não pôde recommençar o eterno somno interrompido.

Ai d'elle! que procura marinhar pelo pensamento dos que o olvidaram, desperta-o, implorar a sua piedade.

«A minha camisa! a minha camisa!»

Os poetas do norte encontraram sempre uma grande philosophia no simbolismo da camisa; nós, os meridionaes, somos menos dados a simbolos, tomamos das coisas apenas a exterioridade vã.

A camisa é, para os poetas septentrionaes, a paz da morte, como na ballada de Goethe, e a paz da vida, como na canção de Thomaz Hood.

Este poeta inglez, collaborador do *Punch*, esteve em Portugal, onde foi honrosamente acolhido pelo velho duque de Palmella.

Entrou pois na sociedade de Lisboa, que admirou a sua amavel melancolia, de que a *Canção da camisa*, por elle composta, pôde considerar-se a suprema expressão.

Nas duas palavras d'essa ballada, que é um bello grito de amor pela humanidade affligida, uma pobre mulher, sentada n'um escano, concerta os seus andrajos, a sua camisa rota, cosendo-a.

Remendo aqui, remendo acolá, a agulha não descansa; e a pobre mulher, contemplando esses farrapos que tem de vestir, canta com as lagrimas nos olhos a *Canção da camisa*:

«O' morte! Porque penso em ti, phantasma descarnado, sem o teu aspecto me metter medo? E' porque te pareces comigo, tu, com quem a fome me fez parecida! O' Deus! porque é o pão tão caro, e a carne humana por tão vil preço?»

Dos ultimos dias de Thomaz Hood conta Julio Cesar Machado: «Elle pegou na penna e desenhou um mausoléusinho como que a brincar. Poz-lhe em cima uma estatua, que dava ideia da figura d'elle, por baixo pôz-

lhe o seu nome. Em seguida como epitaphio escreveu este distico: *He sang the sang of the shirt* — Cantou a canção da camisa.»

Com estas poucas linhas se reconstitue uma biographia inteira.

Thomaz Hood, alma affectuosa para os desvalidos, morreu a pedir para elles e para si mesmo a paz, o descanso, que nem elle nem os miseros lograram encontrar jámais.

E a sua voz parece bradar ainda como um grito de compaixão e justiça: «A camisa! a camisa!»

N'outra ballada allemã, que é de Uhland, um duque poderoso, que parte para a guerra, pede á filha que lhe teça uma «camisa de soccorro», porque essa veste impenetravel, que o livrará das armas do inimigo, só poderá ser tecida por mãos de mulher virgem.

Parte o duque para a guerra,
Trajado de estranha guisa :
Com muito horrivel divisa,
Sinistra imagem que aterra,
Leva longa, alva camisa.

Depara-se-lhe em combate um cavalleiro que o investe. Trava-se renhido duello, e os dois caem por terra, ambos feridos mortalmente.

Ao campo a filha voando,
Pelo pae pergunta afflicta,
E quando seus olhos fita
Sobre os dous agonisando,
Fére o rosto, chora e grita.

— És tu, filha sem ventura?
Como a falsa opa formaste?
O inferno não invocaste?
Ou não eras virgem pura,
Quando a camisa fiaste?

— Sim, o inferno esconjurei;
Mas roubou minha pureza
Quem te mata com crueza.
Ai de mim, que te fiei
Lethal veste e não defesa!

Eu encontrei nos primeiros annos da minha mocidade o velho traductor d'esta ballada, aquelle sabio José Gomes Monteiro, que foi quem primeiro deu a conhecer a Portugal os thesouros poeticos do simbolismo allemão.

Em Uhland como em Gœthe, como no inglez Thomaz Hood, a camisa é de todas as vestes do corpo humano a que tem o condão de dar a felicidade ou a desgraça.

E talvez seja porque é a que anda mais proxima de nós mesmos, mais chegada ao coração, principalmente.

No inglez, a camisa remendada da pobre mulher, que a está concertando, é como o seu destino crivado de golpes.

E o proprio poeta, que lhe comprehendeu a canção, parece clamar supplicando ao céu a paz de todos os vivos: «A camisa! a camisa!»

Em Uhland a camisa impenetravel seria a felicidade do pai, porque era a pureza da filha, a ventura do lar domestico, o orgulho da familia.

Em Gœthe, o morto que procura a camisa roubada representa o ideal da felicidade eterna d'além-tumulo,

conquistada pelas orações e pelos suffragios dos que não esquecem os seus mortos.

Cada anno, dia de finados, quantos não chamarão em desespero: «A minha camisa! a minha camisa!»

Mas a sua camisa, lançada do alto da torre, fica suspensa para alguns no gancho de ferro.

Ai dos mortos que são esquecidos!...

VII

Como se vingam os bons.

(AO CONDE DE PROENÇA-A-VELHA)

O fidalgo de Ervedosa, D. Jorge de Almeida, era oriundo da casa dos condes de Avintes.

Aos vinte e dois annos casaram-n'ó com sua prima, D. Maria da Piedade Mascarenhas, menina beata e doente, que tinha pouco mais ou menos a mesma idade.

Este casamento apenas oppunha uma vantagem aos muitos inconvenientes que o prejudicavam. A vantagem consistia na unificação de duas grandes casas. Os inconvenientes resultavam da consanguinidade, da morbidez da noiva, e dos preconceitos de uma educação excessivamente religiosa e amimada.

D. Jorge de Almeida fôra, pelo contrario, creado á lei dos jovens fidalgos do seu tempo: ajudava á missa que os pais ouviam na capella do solar, mas dava-se melhor com a atmospherá agreste das caçadas e das pescarias, com todos os exercicios atheticos de *sport*, do que com a temperatura tépida das sacristias bafientas e dos gabinetes remançosos.

Elle era um lindo rapaz aos vinte e dois annos: alto, robusto, agil e gentil, com os cabellos levemente anne-
lados, uns olhos castanhos cheios de luz e expressão,
maneiras desembaraçadas, mas discretas e polidas.

Punha no trajar um exemplar apuro, e tinha habitos
de asseio que não estavam muito na tradição avoenga
de fidalgos provincianos.

Gostava tanto do ar livre quanto das abluções de
agua fria, ás vezes nevada.

Ensinaram-lhe latim, que era apanagio intellectual
d'aquelle tempo, e a lingua franceza, menos usada en-
tão, mas que sua mãe, descendente colateral dos Cha-
bots de França, duques de Rohan, o fizera aprender
como demonstração ostentosa de prosapia de familia.

A avó d'esta illustre dama casara em Pariz com um
dos senhores de Ervedosa, quando elle ali estivera
n'uma d'aquellas apparatusas embaixadas portuguezas,
que alistavam muitos fidalgos opulentos, e que ás ve-
zes tinham por objecto uma futilidade diplomatica.

Em D. Jorge de Almeida relampagueavam ainda
phosphorencias aristocraticas do sangue azul dos
Chabots alliançado matrimonialmente com a preclara
stirpe dos condes de Avintes.

Nos salões de Pariz, que elle aliás nunca frequen-
tara, far-se-ia notar com distincção pelo garbo de sua
figura e maneiras.

A prima, D. Maria da Piedade, era uma pessoasinha
branca e franzina, tão branca no corpo como na alma,
onde só floresciaam as languidas cecens da piedade e
da obediencia christã.

Filha unica, fôra educada com um nimio resguardo
das correntes de ar e dos ardores do sol. Flôr de es-

tufa, respirára sempre o ar morto que o dr. Peter considera tão nocivo como a agua estagnada.

O primo não a amou, nem podia amar, porque eram duas creaturas fundamentalmente diversas e oppostas.

Casou segundo o costume da sua raça, que antepunha as conveniencias ás inclinações.

E de mais a mais elle nunca tinha visto mulher alguma que pudesse satisfazer o seu ideal feminino, um pouco exigente e requintado, vagamente sonhador.

Estava habituado a tratar a noiva que lhe destinaram pela designação ceremoniosa do parentesco fidalgo — prima Piedade.

Depois de casado, nunca a tratara d'outro modo: não dizia a Piedade, nem minha mulher, mas sempre, até quando se lhe dirigia pessoalmente, a «prima Piedade».

D'este casamento nasceram duas meninas, que foram crescendo n'uma pallidez de chlorose, sempre defendidas do ar livre pela vigilancia assidua das criadas ou da mãe.

O pai quiz oppôr-se brandamente a este pessimo sistema de reclusão e atrophia. Mas a prima volvèralhe no mesmo diapásão de brandura: «Não sei educar d'outro modo.» E encolheu os hombros sorrindo com a simplicidade placida de quem se escravisa cegamente á tradição.

D. Jorge sorriu tambem, n'uma transigencia cavalheirosa, e respondeu com nobre generosidade: «Se a prima Piedade se contraria, não falemos mais n'isto».

Era feliz o fidalgo? Nem feliz, nem infeliz. O vacuo da sua alma não se revoltava insubmisso. Faltava-lhe alguma coisa na vida, a satisfação de um ideal indefe-

nido e vaporoso, mas não se condemnava a si mesmo ao desespero dos incompreendidos rebeldes.

Na vida de familia, como não podia ser amoroso, era amavel. As suas filhas foram para elle as filhas de sua prima, mais primas do que filhas. Vivia entre parentes, pessoas do seu sangue, em cujo trato intimo nunca perdia de vista a cortezia e a gentileza. Mas essa convivencia não tinha o encanto de uma consubstanciação intima de almas dedicadas; e não tinha tambem a repulsão de pessoas que se conservam estranhas umas ás outras sob o mesmo tecto e no mesmo lar.

D. Jorge de Almeida colhia, aqui e ali, passageiramente, a flôr da belleza feminina, sem afundar raizes no amor clandestino, não só porque a sua voluptuosidade era mais do espirito que dos sentidos, menos de satiro que de phantasista, e essa não a podiam satisfazer as femeas crassamente bronceas da aldêa, mas tambem para não dar um unico desgosto á prima Piedade, sua legitima mulher á face de Deus e da lei.

— Que diabo! dizia lhe ás vezes o frascario morgado de Sandim, tu não gostas das cachopas frescalhonas?!

— Não sei!. . . respondia com sinceridade o senhor de Ervedosa. Dá-me isso a impressão de morder pècogos verdes.

As duas filhas de D. Jorge de Almeida morreram de inanição respiratoria com pequeno intervallo de tempo, entre os dezeseis e os dezoito annos. Favoreceu a tuberculisação prematura o ar morto, que lhes macerou os pulmões. Flôres de estufa, como a mãe, matou-as a falta de oxigenio e de luz. Morreram na sombra envenenada como tinham vivido.

A mãe, sempre doente por identicos factores pathogenicos, cerrou-se em maior clausula depois que as duas filhas lhe faltaram.

Quando via o marido, caíam-lhe dos olhos serenas lagrimas sobre um sorriso branco como a sua alma.

— O primo foi sempre muito bom para mim, dizia ella apertando-lhe respeitosaente a mão.

E elle respondia-lhe com benevolencia :

— A prima Piedade mata-se n'esta casa insalubre como dentro de um carcere.

— Por que não morreria eu mais cedo, se essa fosse a causa da minha doença ? perguntava ella com doçura. Deus é que não quiz. . .

Alludia assim, veladamente, á morte das duas filhas.

D'ahi a sete mezes, a prima Piedade expirou serenamente entre o capellão da casa e o marido, ambos cristãmente edificados perante a emigração misteriosa de uma alma, que nunca tinha sentido um odio, um remorso, uma unica paixão.

O senhor de Ervedosa em nada alterou os seus habitos durante os dois primeiros annos de viuvez.

Dir-se-ia que a prima Piedade vivia ainda, e que elle queria continuar a respeitá-la como esposo.

Visitava as propriedades, superintendia nas culturas, lia de preferencia poetas francezes, Vigny, Lamartine, Musset, e algumas noites jogava o voltarete com o padre capellão e o morgado de Sandim.

Tinha apenas quarenta e dois annos, e parecia mais velho. O bigode começava a branquear, mas o busto conservava a sua firmeza varonil. Era D. Jorge ainda então um interessante homem a despeito dos cabellos grisalhos. Dos seus parentes, aquelles que mais tinham

frequentado Lisboa, comparavam-n'ò ao segundo Marquez de Loulé, que pela sua notavel elegancia aristocratica havia estonteado as infantas, filhas de D. João VI, e as mais bellas damas da côrte.

O fidalgo falava da sua velhice sem melancolia nem pesar. E o morgado de Sandim censurava-o por deixar-se estiolar como qualquer donzella intemerata.

— Vae até Lisboa, acerca-te de mulheres distinctas, e remoçarás dentro de pouco tempo.

O capellão era do mesmo parecer, mas temperava o conselho com um euphemismo discreto :

— Côrte, sr. D. Jorge ; do que v. ex.^a precisa é de uma temporada de côrte.

Foram estas duas pessoas que o empurraram para Lisboa com a insistencia de um alvitre commum.

O senhor de Ervedosa metten se na mala-posta, sem entusiasmo nem constrangimento.

Uma vez na capital, visitou os seus numerosos parentes, que se ensoberbeceram de conhecer pessoalmente um primo em tauta maneira brilhante pelo seu porte, figura e riqueza.

As duas pessoas mais em evidencia nos salões de Lisboa a esse tempo eram elle e uma parente sua, Izidora Antonia de Lima e Vasconcellos, rica herdeira, recémchegada de Pariz onde havia completado a sua educação no *Sacré Cœur*.

Izidora tinha desenove annos, olhos e cabellos pretos, e uma brancura de carne quente e palpitante como a do leite em ebulição.

Trazia o espirito cultivado pela leitura de escriptores orthodoxos, e maneiras francezas que deunnciavam boa

camaradagem com meninas de alta nobreza, sem exa-
geros de compostura, nem de ousadia.

A' roda d'esta opulenta e encantadora herdeira agi-
tava-se um enxame de primos que rivalisavam em fa-
zer-se amar por ella, quando o senhor de Ervedosa
chegou a Lisboa.

Reconhecidos como parentes, Izidora começou a dis-
tinguir com notoria especialidade D. Jorge de Almeida,
que era o mais idoso de todos os seus primos.

Conversavam longo tempo em francez, e entreti-
nham-se com tão galante e reciproca estima, que den-
tro de pouco tempo, apesar da desproporção das ida-
des, toda a gente admittiu como provavel a hypothese
de um casamento, que os Limas e Vasconcellos appro-
vavam com satisfação, e até orgulho.

D. Jorge viu então claro dentro da sua alma. Aquella
era a mulher que definia o seu ideal feminino, vaga-
mente esboçado na phantasia durante largos annos. A
realidade permittiu-lhe reconstituir as mais subtis idea-
lisações de um longo sonho romanesco, que sempre lhe
parecera tão doce como fugitivo.

Foi Izidora quem primeiro se declarou com dignida-
de e franqueza.

D. Jorge sorriu carinhosamente, contestando :

— Se eu não fosse velho, dir-lhe ia desde já que me
sentia orgulhoso de acceitar uma felicidade tão espon-
taneamente offerecida.

Ella ergueu-se graciosamente, tomou-lhe da mão, e
levou-o deante de um espelho. Depois, mettendo-lhe
familiarmente o braço, inclinou o olhar enternecido
para o primo e segredou n'um sorriso :

— Dize-lhe, meu fiel espelho, que não ficamos nada mal um ao pé do outro.

Desde esse dia estava sellado o pacto conjugal.

O senhor de Ervedoso poz casa em Lisboa, ricamente alfaiada, e julgou-se o mais feliz dos homens desde que no palacio da Junqueira entrara com Izidora um clarão de galantaria tão suave como a luz das estrellas sobre um lago azul.

D. Jorge de Almeida mandava dar muitas esmolas, e arbitrava numerosos dotes a raparigas pobres.

— Pago a Deus os juro da minha felicidade, dizia elle a Izidora.

— Sim, meu querido Jorge, respondia ella, faze os desgraçados tão felizes como nós somos.

O amor correspondido quebrara toda a etiqueta no tratamento ceremonioso entre casados nobres: nem Izidora nem D. Jorge se tornaram a lembrar de que eram primos depois de obtido o breve de dispensa para o casamento.

Esta felicidade imperturbavel durou mezes.

Um filho ia multiplical-a em ineffaveis alegrias de familia, anciosamente esperadas, quando brutalmente a morte, como salteador imprevisto, arrebatou n'um momento a vida de Izidora durante o trabalho de um parto mallogrado por effeito de distocia fetal.

O fidalgo não blasphemou, nem enlouqueceu. Absorvido por uma dôr calma e profunda, em que a saudade parecia ser o lenitivo da memoria, saiu immediatamente de Lisboa para o solar de Ervedosa.

Elle tinha chegado a gosar na terra a felicidade completa, embora ephemera. E conformava-se tranquillamente com a idéa de que as venturas terrenas não

podem deixar de ser breves, porque a propria vida humana o é tambem. Receber da mão de Deus um momento de alegria plena, e lograr prolongal-o nas visões retrospectivas da alma saudosa, parecia-lhe motivo para gratidão ao Creador, não para revolta e blasphemias.

Na solidão do palacio de Ervedosa, o coração de D. Jorge de Almeida trasbordava uma doçura infinita, uma bondade inexgotavel e carinhosa em presença de todas as dores alheias.

Era manso e bom, mais do que sempre fôra.

Liberalisava maiores esmolos aos indigentes, porque lhes mandava dar cabanas e catres; prodigalisava dotes ás orphãs e soccorros ás viuas.

O «tio Bernardino», um mendigo septuagenario, recolhia-se n'um cardenho que D. Jorge fizera construir nas vizinhanças do solar, e recebia uma refeição diaria da cozinha do fidalgo.

Uma só coisa esquecera á previdencia caritativa do senhor de Ervedosa: era que o velho, nos dias asperos de inverno, tremia tranzido de frio dentro do seu cardenho.

O «tio Bernardino» lembrou-se de penetrar furtivamente na Tapada dos Sobreiros e colhêr os ramos sêcos para accender uma fogueira. Queimada a primeira provisão de lenha, foi buscar outra; e assim continuou sempre que o frio apertava.

Os criados do solar deram fê do desbaste, e avisaram o fidalgo do que se passava.

D. Jorge aquietou-os dizendo:

— Deixem, que eu proprio vigiarei a Tapada.

Temia-se de alguma brutalidade da criadagem.

Não passaram muitos dias sem que o fidalgo visse o «tio Bernardino» escalar o muro, entrar na Tapada, cortar ramos aos sobreiros e fazer com elles um feixe de lenha.

Foi só então que D. Jorge appareceu improvisamente, defrontando se com o septuagenario :

— Ah! maroto! exclamou o senhor de Ervedosa. Precisavas roubar-me, entrar aqui como um ratoneiro, para teres lenha com que te aquecesses! Pedisses-m'a; não te faltaria. Praticaste uma feia acção, tu, um velho, que devias dar bons exemplos aos novos!

O «tio Bernardino», immovel diante do fidalgo, junto do feixe de lenha, deixava rolar as lagrimas pelas faces encarquilhadas.

D. Jorge, commovido, adoçava a voz dizendo :

— Foi tamanha a minha surpresa, que até me lembrei de chamar-te maroto! E' que realmente não esperava... Pois tu tens lá idade para estas aventuras! Gastaste todas as forças em escalar o muro e ajuntar os ramos. E agora? o que fazes? Como hasde ir-te embora com o feixe á cabeça! Quem te dera vigor para tanto, meu velho!

O «tio Bernardino», sempre immovel, envergonhado diante do fidalgo, humedecia de lagrimas as faces rugosas.

Então D. Jorge, curvando-se, deitou as mãos ao feixe, levantou-o até á altura do velho, poz-lh'o levemente sobre a cabeça e disse :

— Sái pela porta da Tapada, que podes cair se te mettes a descer o muro.

VIII

Os cravos

Ha oito dias que a legião annual dos cravos acampou em Lisboa, aboletando-se nos altares, nos jardins, nas floreiras, na lapella dos casacos e das jaquetas, e até na fita do chapéu de algum operario endomingado.

O grosso d'este garrido exercito vegetal conquistou toda a cidade, invadiu todos os bairros, mas o estado-maior — *noblesse oblige* — installou-se no salão do *Athe-neu Commercial de Lisboa*, onde tem sido muito cumprimentado por altas personagens e outras pessoas distinctas. (1)

Ao contrario do que costuma succeder com os exercitos invasores, o dos cravos de junho caiu nas boas graças do nosso povo, seu antigo affeiçãoado, que sempre o recebe de braços abertos.

Para as classes populares do paiz o cravo vale mais do que a rosa; é a sua flôr predilecta.

(1) Referencia á exposição de cravos realisada ali em junho de 1907.

Raras vezes se vê ao peito de um artista ou de um operario alguma das lindas rosas que possuímos. Mas os cravos enfloram a botoeira dos homens das classes laboriosas; e se as mulheres do povo não adoptam estas flôres para enfeitar a trança do cabello, como fazem as de Hespanha, é porque a portugueza é em geral menos petulante do que a hespanhola.

São muitas as casas modestas ou pobres, em Lisboa ou na provincia, que teem craveiros á janella.

Ha certa galantaria no facto de vermos por esse Minho fóra, na ventana desconjuntada de algum pardieiro ou na característica varanda minhota de madeira côr de vinho, um caixote onde florescem cravos que vivem na pobreza, parecendo espreitar contentes quem passa pela estrada.

E ali, ao pé dos cravos, veveja talvez a salsa, a hortelã, o serpão; mas nenhuma outra flôr, com certeza.

Ordinariamente são cravos singelos, nascidos sem melhor tratamento que o de uma pinga d'agua alguma vez; cravos com pouco brilho, cheios de pó, florindo sobre hastes torcidas ao abandono.

No sul, tambem o saloio tem craveiros na janella, na borda do poço ou no terraço de adobe e até deu o seu nome ao cravo rustico da Extremadura, que se chama «cravo saloio».

As flôres seguem o destino das classes que as possuem.

O camponez cura menos de si mesmo que da terra que o alimenta.

Veste mal, lava-se pouco, não se escóva, nem se pentea.

As suas flôres são como elle mal tratadas, grossei-

ras, aldeãs. Ter um craveiro á janella ou na varanda é um costume gracioso; mas o craveiro ha de viver sem cuidados nem primores como a familia da casa.

Podem as cidades, porque teem tempo para isso, dedicar-se á floricultura, que é regalo de ociosos ou ricos.

Podem crear novas especies, converter flôres singelas em flôres brilhantes, como aconteceu, por exemplo, com as despedidas-de-verão, que os horticultores urbanos transformaram em caprichosos chrisântemos.

Podem obter em estufas toda a exotica floração das orchídeas, que a mim me dão a impressão de terem sido recortadas ao capricho infantil dos anjos n'um dia em que o Creador lhes deu licença para brincarem com flôres.

Mas o camponez não pôde tratar de jardins e canteiros. Trata dos campos, seu ganha pão, e não lhe chega o tempo para mais uada.

Não comprehende que seja precisa uma estufa para as flôres, quando elle e os outros como elle vivem ao ar livre, no meio das intemperies — soes torrificantes, geadas frigidias, vendavaes desabalados.

O cravo é, no ambiente aldeão, a flôr que mais facilmente se domestica.

E nas povoações urbanas é a que agrada mais ao nosso povo, o qual aprecia as côres vivas e rudes, até nas flôres.

A rosa tem mais suave colorido, o que quer que seja de dama susceptivel e mimosa, e a sua vida é ephemera.

Liga-se-lhe uma tradição aristocratica, que já vem do tempo dos deuses.

E' a rainha das flôres. Tem nobiliario, isto é, uma lenda simbolica, e o povo, na sua ausencia de senso esthetico, não a entende.

O cravo, sim, esse comprehende-o elle, porque como elle é um gritador: berra no seu colorido, canta himnos vermelhos, parece incendiado em sentimentos fortes.

D'aqui resulta provavelmente o enthusiasmo com que o povo fala do cravo nas suas trovas e a tendencia para suppôr que entre o cravo e a rosa existe uma demanda eterna.

O cravo tem vinte folhas,
A rosa tem vinte e uma,
Mas o cravo anda em demanda
Por a rosa ter mais uma.

Comquanto este pleito nunca se decida, o povo vae dando o seu voto ao cravo, por uma predilecção tradicional — especialmente na linguagem do amor.

O meu amor é um cravo,
Só eu o soube escolher;
Para o craveiro dar outro
Ha de tornar a nascer.

Cravos da minha janella
Não dou a rapaz nenhum;
Falinhas dou-as a poucos,
Liberdade só a um.

O cravo depois de secco
Significa amor perdido;
Antes que queira não posso
Tirar de ti o sentido.

A rosa serve muitas vezes á poesia do povo para

estabelecer alguma relação depreciativa ou pelo menos ironica entre esta flôr e a pessoa que se deseja visar :

Eu hei de te amar, oh rosa,
Que és tão mal agradecida !
Por bem fazer, mal haver,
São as pagas d'esta vida.

Rosa branca, toma côr,
Não sejas tão desmaiada ;
Que dizem as outras rosas :
Rosa branca não val nada.

Certas vezes fala-se da rosa como de uma flôr que, ao contrario do cravo, gosa mimo e resguardo, tal como a rapariga solteira na casa paterna :

Rosa que estás na roseira,
Deixa-te estar que estás bem
Assim fresca e regalada
A' sombra de tua mãe.

Quasi todos os povos teem uma flôr predilecta : os hollandezes a tulipa, os allemães o miosóte, os portuguezes o cravo.

Isto sem embargo de em determinados dias do anno abrirem um parenthesis em obsequio de outra flôr.

Assim, os francezes, no 1.º de maio, enfloram-se com junquinhos, e a nossa gente, especialmente a do norte, n'aquelle mesmo dia engrinalda as suas casas e janellas com giestas.

Mas esta quebra da tradição primacial do cravo não dura mais que vinte e quatro horas.

Eu não sei se na predilecção do povo portuguez pelo

cravo haverá algum fulcro de patriotismo e religiosidade, por isso que é o grande thaumaturgo nacional Santo Antonio quem traz os cravos cada anno.

Haverá no gosto do povo alguma inconsciente relação de synchronismo?

E' possível. Como toda a gente sabe só no patriarcho se guarda o dia de Santo Antonio. No Porto, esse dia é de trabalho, mas quasi nenhum mercieiro deixa de pôr cravos e luzes deante da imagem do Santo que está dentro de um nicho ao fundo da loja.

Os cravos são do estilo n'esse costume portuense, o que parece concorrer para a hypothese de uma correlação chronologica entre o Santo e a flôr.

Ha até uma trova popular em que o nome de Antonio anda associado ao da flôr. Lembra-me apenas o primeiro verso, mas é justamente esse o que serve:

Antoninho, cravo rôxo...

Vem em reforço da tradição religiosa a homonomia entre o nome dos pregos com que Jesus Cristo foi crucificado e o dos cravos flôres.

Encontro na minha memoria uma quadra, que li al-gures e cujo auctor esqueci:

Lindo cravo que recordas
O que o Redemptor soffreu,
Vem exhalar teus aromas
No jardim do peito meu.

Tenho uma vaga idéa de que o auctor d'esta quadra era uma senhora brasileira.

Os portuguezes de outro tempo, muito graves nos.

seus costumes, chasqueavam dos peralvilhos que traziam alguma flôr ao peito.

Ficou em proverbio este dizer :

Cravo ao peito,
Asno perfeito.

E o chistoso abbade de Jazente, Paulino Cabral de Vasconcellos, poeta comico de bom quilate, motejou n'uma decima um d'esses peralvilhos floridos :

Tendes o cravo no peito,
O logar improprio é;
Pois se o tivesses no pé,
Era o logar mais perfeito;
Não julgueis que o meu conceito
Vos faz a menor censura;
E' só com dóce brandura,
E sem vos fazer agravo,
Dar-vos pancada no cravo
Sem tocar na ferradura.

A popularidade dos cravos não exclue, é claro, o apreço que d'elle fazem os floricultores.

Alphonse Karr, no seu conhecido livro *Voyage autour de mon jardin*, escreve com razão esta phrase: *L'œillet est une des fleurs réputées fleurs par les amateurs.*

E se fôsse precisa uma prova concreta bastaria indicar as bellas collecções de cravos n'este momento expostas no salão do *Atheneu Commercial*.

Empreguei agora a palavra — concreta — pela força da suggestão, porque é um dos adjectivos que mais andam hoje na perra, a torto e a direito.

E' uma praga de *concretos* e *intensos* que vae tudo raso.

Os nossos vizinhos hespanhoes tambem fazem grande estimação do cravo, pelo que se poderá dizer que elle é a flôr predilecta da península iberica.

Conheço um cantar castelhano que diz :

Morena tiene que ser
La tierra para claveles,
Y la mujer para el hombre
Morenita y com desdenes.

Terra morena, bem carregada de humus, temos nós cá por toda a parte. Por isso os cravos florescem abundantemente em Portugal, e são a flôr querida do povo que os encontra no seu caminho e ao seu alcance.

O povo até gosta d'elles artificiaes, de papel, embandeirados com a respectiva quadrinha de pé-quebrado.

Vem ahi á noite de Santo Antonio e elles lá estarão, naturaes e artificiaes, na Praça da Figueira e no mercado da Ribeira Nova como a dizerem ás raparigas e rapazes do povo :

— Cá está a vossa flôr ; olhae.

E talvez que logo uma voz fresca e alegre lhes responda affectuosamente :

O meu amor é um cravo,
Só eu o soube escolher . . .

O espectro de Brocken

(AO MEU QUERIDO AMIGO MAX FLEIUSS)

— Ah! dizia-me o conde recordando o bello tempo das suas antigas viagens. A Allemanha é, decididamente, a patria do sonho e do ideal, o paiz das lendas e das visões.

E após um breve silencio, durante o qual me pareceu querer dominar o coração acalmando-o, acrescentou pausadamente :

— Foi lá que eu pairiei um momento no céu, pouco mais abaixo dos astros, bem no azul, na atmosphaera que só as aves respiram e as azas podem cortar no arrojo do vôo.

— Um sonho, uma *rêverie* ?

— Não. Uma realidade maravilhosa. Vae acreditar, se tem confiança nos meus cabellos brancos.

— Absoluta confiança.

— Pois bem. Dir-lhe-ei rapidamente o que me aconteceu na minha peregrinação pelo norte da Allemanha, em 1858.

O conde accendeu um charuto e continuou :

— Havia já dias que eu tinha por companheira de viagem uma menina bávara, natural de Munich, a qual percorria o seu paiz em viagem de instrucção. Encontrei-a n'um hotel de Coblantz, junto ao Rheno. Viajava sósinha, guardada apenas por essa inquebrantavel seriedade das mulheres do norte, que impõe tanto respeito como um forte exercito. Teria dezoito annos. Chamava-se Martha Röeder. A sua formosura era casta e suave, grave e delicada; e o seu vestir tão simples e honesto como a sua formosura. Eu, em plena mocidade, tinha então no sangue o arrebatamento de todos os rapazes dos climas meridionaes; era um peninsular, e está dito tudo. Não comprehendia que uma rapariga pudesse viajar sósinha e ser bella sem se deixar amar por um companheiro de viagem. A educação allemã era, e será sempre para os homens da nossa raça, um problema confuso. Tinhamos chegado a Oberstein depois do meio dia. Sabe onde fica Oberstein?

— Não me lembro.

— No ducado de Oldenburgo, região do mar do Norte. Oberstein é uma cidadezinha phantastica, penhascosa, sobre o alto d'uma vertente, que o rio Naha banha na base. Tem uma só rna, habitada por lapidarios, que trabalham em ágathas e ametistas, principal industria da povoação. Duas montanhas escarpadas fazem lembrar o que quer que seja de Cintra, pelo menos o Castello dos Mouros. Sobre essas montanhas ha effectivamente ruinas de castellos, e entre ellas, dentro de uma caverna, uma igrejinha gothica, com uma porta ogival, e vidraças coloridas. E' em verdade uma coisa surpreendente, quasi prodigiosa, esta rara cidade de Oberstein, talvez unica no seu genero. O nosso guia

disse-nos que era preciso subir a alguma das montanhas, para vêr todo o brilhante panorama do ducado de Oldenburgo e todo o curso sinuoso do Naha. Assim fizemos. Para mim, que estava doidamente enamorado da minha encantadora companheira de viagem, a vista de Oberstein exaltou-me a imaginação, como sendo um logar improvisado pela natureza para todas as phantasias do amor.

— E sentia-se amado ?

— Não. Sabia até que o não era. E de mais a mais ignorava se uma rapariga allemã poderia lisonjear-se da impressão que tinha causado a um estrangeiro. Nunca ousei declarar-me, tanto mais que ella me dissera ir casar com um primo logo que recolhesse a Munich. Mas que o não tivesse dito, faltar-me-ia a coragem para me arriscar a perder, por uma indiscreção, a companhia e a confiança d'essa linda creaturinha, que estava sendo o encanto da minha vida. Depois do jantar — na Allemanha janta-se muito cedo — subimos com o nosso guia a uma das montanhas. A tarde não estava limpida; havia sol, mas tambem havia nuvens. Pouco me importava o tempo. Eu desejava até que estalasse uma tempestade, e que Martha Roeder tivesse medo, para se acolher a mim, tremendo. Realmente, o panorama era bello, amplo e pittoresco, esmaltado de interessantes accidentes de paizagem. Martha, na simplicidade da sua *toilette*, vestido branco e chapéu de palha com miosotes, nunca me parecera tão encantadora, e o seu vulto attraia muito mais os meus olhos do que a belleza da paizagem. Sentamo-nos n'uma pedra das ruinas conversando em allemão, por minha parte um pessimo allemão, que

Martha corrigia indulgentemente. Ella contava-me as suas impressões de viagem, e eu contava-lhe as minhas, como o poderiam fazer, em cerimonia, duas pessoas que n'essa hora se vissem pela primeira vez. De repente, ergueu-se, e eu fiz outro tanto. Então o guia, querendo valorisar os seus serviços, indicou-nos um trecho da paizagem ao oriente, e offereceu-se para ir procurar nas ruinas algumas folhas de hera que trouxessemos como recordação. Elle afastou-se, e nós, ambos de pé, um a par do outro, vimos as nossas figuras suspensas no céu, sobre uma nuvem, desenhadas em dimensões gigantescas, mas fielmente copiadas nos contornos e nos gestos, parecendo que as reproduzia um grande espelho fluctuante. Martha, surprehendida, respirava alto, como n'um susto; e eu, visionario como todos os meridionaes, julguei que o céu quereria convencel-a de que tinhamos nascido um para o outro. De subito, quando já o guia se aproximava, o vento levou a nuvem sobre que as nossas colossaes imagens haviam pousado durante alguns momentos. Martha, ainda manifestamente impressionada com essa estranha visão, quiz que descessemos da montanha. No dia seguinte, ao almoço, Martha faltou. Tinba partido de madrugada sem me avisar.

— E nunca mais a viu?

— Nunca mais. Procurei-a por toda a parte sem a encontrar.

— Tornou a subir á montanha, a vêr o mesmo phenomeno?

— Não. Mas disseram-me em Oberstein que esse phenomeno era vulgar em toda a região montanhosa do Hanovre e de Oldenburgo, especialmente na cordi-

lheira do Hartz, sobre o topo do monte Brocken, e que por isso se chama—*Espectro de Brocken*. E' um effeito de refracção da luz, quando ha nuvens na atmosphaera, e os espectadores teem as costas voltadas para o sol.

— Curioso phenomeno esse!

— Assombroso até. Que admira que elle tanto impressionasse Martha e a mim proprio, se os povos do norte da Allemanha ainda hoje o relacionam lendaria-mente com a funambulesca noite do sabbat de Walpur-gis, que é a de 30 de abrii para 1 de maio, tal como a descreve Gœthe no *Fausto*.

— Mas a misteriosa fuga de Martha Roeder não o fez crêr que ella receou principiar a amal-o?

— A minha vaidade disse me então que talvez. Hoje, a minha velhice diz-me apenas que o vento levou a sua imagem com a nuvem, e que esse é o desino de todas as felicidades terrenas.

Havia nos olhos do conde uma dôce expressão de saudade, que se ia apagando suavemente.

Momentos depois, elle retomava a sua grave compos-tura de velho fidalgo e dizia-me entre afavel e ironico:

— Pude ao menos uma vez prender a sua attenção contando-lhe a historia do *Espectro de Brocken*, visto que se torna preciso dar um nome scientifico á mais grata recordação de toda a minha mocidade.

Um jornal vivo

Ha largos annos, na Ericeira, perguntaram uns pais ao filho :

— Queres ser maritimo ?

— Não.

— Queres ser pescador ?

— Não.

— Queres ser banheiro ?

— Não.

Ficaram marido e mulher, muito surprehendidos, a olhar um para o outro.

— Então o nosso filho, dizia o pai, que desde pequeno não vê outra coisa senão o mar, vira-lhe as costas como qualquer serrano que lhe tivesse medo ! Ou não quererá o nosso filho trabalhar honradamente como eu ? O' rapaz !

— Senhor.

— Anda cá.

— Aqui estou.

- Pensarás tu em ser vadio ?
- Não, senhor.
- Quererás por teu mal ser ladrão ?
- Também não, senhor.
- Ou serás tu doido ?
- Isso é que eu não sou.

E como se estivessem deante de uma charada muito difficil, ficaram marido e mulher a matutar no misterioso conceito que seu filho occultava no pensamento.

Sô uma vez, á força de instancias, conseguiram arrancar-lhe esta meia confidencia :

— Deixem estar, que eu ainda hei de ser util á minha terra.

Ora, n'aquelle tempo, a maneira de cada um ser util á sua terra era voltar rico do Brazil e mandar depois erigir um templo, um hospital, uma escola ou um asilo.

Mas para voltar do Brazil era preciso primeiro ter ido para lá.

Por isso o pai lhe perguntou com razão :

- E quando esperas tu embarcar ?
- Eu não embarco.
- Então não percebo !

Um dia o prior chamou á sacristia o rapaz e esteve conversando com elle.

— Sabes que o teu pai anda muito desgostoso contigo ?

— Pois que mal fiz eu ?

— Não se trata de fazer mal, mas de tomar uma resolução quanto ao futuro, porque teu pai não ha de durar sempre.

— E eu já tomei essa resolução.

— Já ! Porque foi então que nunca lh'o disseste ?

— Porque meu pai e minha mãe não poderiam entender-me.

— Olha que os pais entendem sempre os filhos.

— N'este caso, não, senhor.

— E porventura terei eu comprehensão bastante para entender-te ?

— O senhor prior tem.

— Então vaes dizer-me a tua idéa ?

— Vou, sim, senhor.

— Ouvirei.

— Quero ser jornal.

O prior arregalou os olhos e, depois de um momento de reflexão, disse-lhe como se tivesse atinado com o conceito da charada :

— Já sei. Queres talvez dizer jornaleiro.

— Não, senhor. O que eu quero é ser jornal, isto que diz á gente tudo o que vae succedendo.

— Uma gazeta como as que tem havido em Lisboa desde o tempo da guerra da Restauração ?

— Acho que será isso.

— Achas ?! Pois então não sabes ao certo o que queres !

— O senhor prior bem sabe que eu não sei lêr nem escrever.

— E como queres tu fazer um jornal não sabendo escrever ?!

— Eu não quero escrevel-o ; quero dizel-o por minha propria voz, do mesmo modo que estou aqui falando com o senhor prior.

— Então não sei.

— Sei eu, e ha de sair certo.

O prior calou-se um momento; mas tornou a perguntar:

— E como soubeste tu o que era um jornal?

— Porque uma vez, indo a Mafra, achei no chão um papel com muitas letras redondas. Fez-me curiosidade, e fui pedir a um tendeiro que m'o lêsse. Ouvi-o todo com muita atenção, e tenho-o lá em casa guardado.

— Vae buscal-o para eu vêr.

O rapaz foi a correr a casa, e trouxe o papel — um numero do *Jornal de Lisboa*, folha noticiosa que principiou a publicar-se na capital em 1 de setembro de 1809.

O prior passou-o pela vista, e disse ao rapaz:

— Ora agora conta-me claramente o que é que tu queres fazer.

— Senhor prior, ouvindo lèr este papel de fio a pavio, comecei a pensar n'elle e magiquei uma idéa, que tenho cá dentro encasquetada no toutiço.

— E' justamente o que eu quero saber por mindo.

— Disse eu com os meus botões: Para que é preciso estar a gastar tempo e dinheiro a fazer um papel d'aquelles, se uma pessoa pode ir dizendo pelas ruas em voz alta tudo que acontecer e fôr preciso que se saiba? De mais a mais ha muitas pessoas que não sabem lèr, e para essas não é preciso saber escrever. Os surdos, felizmente, são poucos, e sempre se lhes pode assoprar alguma coisa aos ouvidos. Por todas estas razões que eu magiquei, resolvi ser um jornal vivo. Entende agora, sr. prior?

— Entendo. Mas por que esperas tu, que não comças já a ganhar assim a tua vida?

— Porque ainda sou muito novo, e não me dariam credito.

O prior, que não era nenhum ignorante, sabia ter sido publicado em 1642 um decreto que prohibia as gazetas pelo muito que mentiam.

— Olha, rapaz, sendo tu jornal, como queres ser, has de mentir como os outros.

— Isso é que não, sr. prior. De minha conta não hei de mentir nunca. E se alguma vez o fizer, será por culpa dos outros, que serão os responsaveis. Mas a minha principal idéa é ser util ao commercio ericeirense.

— Como assim?

— Annunciando o que elle tiver á venda, sobretudo no tempo dos banhos, em que vem para aqui muita gente de fóra.

— Pois bem, meu rapaz, hei de explicar a tua idéa a teu pai, porque é preciso tranquilisar-lhe o espirito.

O prior assim fez, explicou ao pae o que o rapaz queria ser.

O pobre homem pôz-se a rir, mas por vezes havia tristeza no seu sorriso.

Pareceu-lhe o filho lunatico, e perdido para a vida.

A chave d'aquelle enigma começou a divulgar-se na Ericeira, e logo toda a gente quiz verificar como seria um jornal vivo.

Deve ter sido assim, pouco mais ou menos, que esse velho fallecido em abril de 1907 n'aquella povoação, principiou a sua carreira de pregoeiro, isto é—de jornal vivo, gesticulado e gritado.

Elle, o *tio Victorino*, permaneceu firme, inabalavel como um rochedo perante a concorrência de todos os

seus collegas impressos, quaesquer que fôsem os formatos e importancia d'elles.

Entravam na Ericeira o *Diario de Noticias* e o *Seculo*, podia entrar o *Times* e o *Jornal do Commercio do Rio de Janeiro*, todos esses lençoes em que a opinião publica se embrulha, que o certo é que o tio Victorino nunca deixou de ganhar a sua vida, de ter credito e de ter ouvintes.

Elle, por sua parte, nunca mudou de formato, nem de tipo, nem de gesto, nem de tom.

Era um jornal de carapuça na cabeça e de jaleca ao hombro.

Sempre conservou a decencia — e a vantagem sobre muitos dos seus collegas impressos — de não se pôr completamente em mangas de camisa.

Apenas ficava desembaraçado da jaleca o braço esquerdo, porque era aquelle que executava o gesto noticioso.

Tambem nunca se desbarretou deante de qualquer personagem importante ou de qualquer corrente da opinião publica.

Apenas tirava a carapuça da cabeça deante de Deus Nosso Senhor.

Não cumprimentava mais ninguem.

Foi, pois, um modelo de independencia e hombridade na vida jornalistica de Portugal.

Todos os governos do paiz lhe devem gratidão, porque elle nunca os incommodou; principalmente o sr. João Franco, porque elle não gritou nunca contra a nova lei de imprensa, nem veiu a Lisboa protestar contra ella.

E se tivesse vindo, haveria causado grande sensação.

Foi sempre muito sobrio de estilo; dizia concisamente o que tinha a dizer, estilando apenas a mão esquerda no ar e apontando para o alto com o respectivo indicador.

Que parcimonia, que nobreza e que magestade de gesto!

Por elle dava a conhecer que a imprensa deve occupar-se unicamente de serviços elevados, de interesses superiores e nunca mesquinhos, pairando na região do util e do bem, onde se não respiram os miasmas sociaes.

Como o sol, que tão alto mora, elle viveu a dar luz á sua terra.

— Fulano de tal, na rua tal — gritava o tio Victorino com a mão esquerda hasteada — tem á venda uma carga de melancias e melões, que recebeu hoje pela manhã.

Nada de reclamo, nada de mercantilismo ou ganancia, que pudesse comprometter a sua opiuião.

Dizia tão sómente o que o annunciante queria que se soubesse.

A qualidade das melancias e melões que a apreciavam os compradores.

— A sr.^a Dona Fulana, mulher do sr. Cicrano, perdeu hontem um anel de ouro na praia do sul. Quem o achasse, e quizer entregal-o, receberá alviçasas.

Nem sequer dizia, como todos os annunciados d'este genero — boas alviçasas.

Sempre independente e digno!

— Esta manhã, na praia do norte, perdeu-se uma

carteira, que tinha um retrato dentro. Diz o dono que podem ficar com a carteira, mas que lhe entreguem o retrato.

Pelo tempo dos banhos, ao anoitecer, quando a colonia balnear passeava no Jogo da Bola, se ao longe soava a voz do tio Victorino, toda a gente aguardava a sua passagem para o ouvir melhor, pois que devia tratar-se de algum assumpto urgente.

Effectivamente assim era.

O tio Victorino aproximava-se, serenamente, imperturbavelmente, parava, erguia a mão esquerda, espetava no ar o dedo indicador, e gritava essa especie de supplemento que era distribuido á noite :

— Quem quizer lagosta fresca para o almoço vá á rua tal, numero tantos.

Então as mais solicitas donas de casa ou os chefes de familia mais gulosos immediatamente dirigiam seus passos para a rua tal, numero tantos, a comprar a bella lagosta fresca.

Uma vez, no tempo em que eu passava o verão na Ericeira, fiz uma aposta com alguns amigos sobre a utilidade pratica do tio Victorino como jornal.

Elles contestavam-n'a, dizendo que n'uma terra pequena tudo se sabe,

Propuz uma experiencia, que foi aceita.

Assentou-se em mandar annunciar que o jovialissimo Joaquim Fiuza, fallecido o anno passado, e que era muito nosso, tendo de partir no dia seguinte para Lisboa, não podia fazer de outro modo as suas despedidas.

O proprio Joaquim Fiuza entrou na combinação, e

assegurou ao tio Victorino ser verdade o que se mandava annunciar.

Uma hora depois, toda a gente, do norte e do sul, da terra e de fóra, exprimia a Joaquim Fiuza o seu sentimento por elle ter de retirar-se tão cedo n'aquelle anno.

O' benemerito, ó prestante, ó sincero jornal, que fôste o tio Victorino da Ericeira: mereces uma palavra de saudade e um testemunho de respeito.

Aqui te rendo a minha homenagem publica.

A Triste Feia

Quem do alto dos Prazeres desce para a margem do Tejo, deixando á esquerda a cêrca das Necessidades encontra duas ruas que se inclinam para Alcantara e communicam entre si: a da Costa e a da Triste Feia.

Confesso que tenho muitas vezes a puerilidade de querer descobrir o nome de certas ruas, sobre o qual pesa um denso mysterio assellado pelo tempo.

Igual impressão deve haver sentido o notavel poeta Antonio Nobre, morto na flôr dos annos, porque uma estrophe sua o revela:

O' Lisboa das ruas mysteriosas!
 Da *Triste Feia*, de *João de Deus*,
Becco da India, *Rua das Fermosas*,
Becco do Fala-Só (os versos meus)
 E outra rua que eu séi de duas *Rosas*,
Becco do Imaginario, dos *Judeus*,
Travessa (julgo eu) *das Isabeis*,
 E outras mais que eu ignoro e vós sabeis.

O nome de *Triste Feia* foi dos que me despertaram maior curiosidade, comquanto elle deixasse entrever vagamente qualquer coisa da sua origem.

Para cartaz de theatro não prestava como titulo, porque logo permittia suppor que a protagonista da peça havia de chorar lastimosamente a sua repulsiva fealdade.

E, comtudo, quantas perguntas sem resposta a respeito da Triste Feia de Alcantara? Quem era? Como se chamava? Qual o nome de seus paes? Em que tempo certo viveu?

Não ha remedio senão resignarmo-nos a colhêr escasas informações que a tradição oral ainda conserva na memoria de velhos.

Eu mesmo os interroguei sobre o caso, e vou contar o que descobri.

Primeiro que tudo, conheçamos um pouco melhor o logar da acção.

Sitio melancolico, o da Triste Feia, sobposto a essa grande «cidade de mortos» que se chama cemiterio dos Prazeres, e que no alto ergue as suas arvores funebres e os seus marmores brancos. Depois, para o lado da rua da Costa, o frondoso arvoredado das Necessidades debruçado sombriamente sobre o muro da cêrca. Em baixo, no valle de Alcantara, os casarões das fabricas, as chaminés esguias, a escarpa rochosa da vertente occidental da cidade. E peor que tudo a indecisão, sem character, pallida como um crepusculo, das tintas que esbatem a passagem brusca da cidade para o arrabalde: ao fundo do valle de Alcantara, montes e terras; para o lado do Tejo, a continuação da cidade na planura do poente.

Comquanto ao sopé da rua da Triste Feia haja um transito constante de vehiculos e peões, referva intensa a vida industrial que conflue de Lisboa e de Belem ; comquanto esteja ali a dois passos o antigo largo de Alcantara, onde outrora se levantava a estatua de S. João Nepomuceno, lembram-se ? que em 1889 foi arrecadada no museu do Carmo ; comquanto haja perto dois quarteis, sendo um o dos marinheiros da armada, e tudo isto cheire a cidade, e indique um bairro concorrido e laborioso, o que é certo é que a rua da Triste Feia, como a da Costa, tem a feição de um burgo excentrico, meio adormecido, meio acordado, com um pé na cidade e outro no arrabalde.

Parece que da vizinhança do cemiterio lhe vem o que quer que seja de quietação e melancolia ; e que se as cornetas dos quarteis e os silvos das fabricas não conseguem despertar os moradores dos Prazeres, tambem não logram agitar e sacudir os habitantes da rua da Triste Feia.

Tal é, muito em escorço, o theatro da acção.

O nome de Triste Feia não nasceu na camara municipal, no cerebro de algum vereador. Veiu do povo, veiu do proprio local a que foi posto. E' uma tradição que tem dentro uma historia ; e não apenas o capricho, muitas vezes tonto, de querer servir uma exigencia politica e lisonjear a vaidade de galopins eleitoraes.

Quando não é isto, ainda é peor, porque se manda apagar com uma pincelada de tinta, sem interesse algum, e apenas por veneta destruidora, um nome de rua que devia considerar-se como precioso vestigio da cidade antiga.

Querem um exemplo frisante ?

A travessa do Catefarás (corruptela sincopada de Cataquefarás) denominação interessantíssima, por dizer respeito a um dos mais celebres bairros da Lisboa quinzentista, foi crismada barbaramente em travessa do Alecrim, sendo certo que bastava a rua d'este nome para perpetuar outra tradição.

Ainda hei de contar o que sei do antigo bairro de Cataquefarás, de que hoje não resta vestigio algum, nem sequer o onomastico.

Fóra com taes vandalos.

O povo, melhor ainda, a arraia miuda, tem os seus annaes, que passam tradicionalmente de geração para geração, e que são uma chronica sempre viva de cidadãos obscuros, cuja biographia está ás vezes n'uma unica palavra, quando muito em duas como na denominação de *Fala Só* e *Triste Feia*.

Mas que profunda caracterisação de traços phisio-nomicos n'essas poucas palavras, que bastam para dar a impressão completa de uma individualidade popular!

Outras vezes um só vocabulo concretisa um facto historico, é uma pintura de costumes, um quadro ethnographico.

Assim, por exemplo, no titulo de *Madragôa* dado a uma rua, tambem hoje vandalicamente rebatisada com o nome de Vicente Borga.

Era outrora, no seculo xviii ainda, um sitio infamado pela residencia ali de numerosas rascôas.

Um dos nossos dictionaristas cré que Madragôa é corrupção de Madrigôa, e que esta palavra vem do castelhano «*madriguera*», que significa latibulo ou lupanar.

Seja isto ou seja que Madragôa descenda, *corrupta voce*, de Mandrágora, planta que os antigos reputavam fecunda no amor, dando-lhe um sentido aphrodisiaco, o que não padece duvida é que o nome de Madragôa diz com eloquente concisão quanto se poderia desejar para saber qual era a especie dos seus habitantes e respectivos costumes.

O povo só com uma pincelada pinta forte e fundo.

A Triste Feia morava n'uma casa abarracada, que ha muito tempo foi demolida.

Tinha duas irmãs, raparigas de semblante agradável e prasenteiro. Esta circumstancia dava maior relevo á fealdade da outra, a quem os rapazes de Alcantara faziam troça por a julgarem tão feia como emproada.

Julgavam mal.

Quem não observou ainda nas ruas que as mulheres feias parecem mais altivas e agrestes do que as bonitas?

Isto tem uma facil explicação.

E' que as bonitas, consciãs da sua belleza, querem ouvir elogios e gabos. As feias, tambem consciãs de que o são, procuram evitar que lh'o digam. Aquellas provocam; estas defendem-se.

Além d'isto, a fealdade, que é uma doença chronica, deve naturalmente azedar-se com o desespero proprio de todos os males incuraveis.

Vão lá convencer mulher alguma, com o padre Vieira na mão, de que a formosura não é mais que uma caveira bem vestida!

A caveira está certa; isso todos o sabem. A questão é o vestido. E, para as mulheres, que tanto gostam de

vestidos, o principal de todos elles é o da caveira, por ser o que dá mais nas vistas...

Quando nas tardes de domingo os rapazes de Alcantara, caixeiros, operarios ou grumetes, subiam pelo atalho que ia dar ao alto da rua da Costa, e que ainda então não tinha nome, a pobre Feia levantava o olhar desdenhosamente para os não encarar, e se pudesse taparia as orelhas para os não ouvir.

Coitada! procurava defender-se, mas nem assim evitava os chascos, as zombarias pungentes com que elles a maguavam ao passar.

As irmãs, sim, essas recebiam olhares e palavras doces. Para ella apenas havia epithetos duros como calhaus; era como se fosse apedrejada.

Faltava aos rapazes de Alcantara aquella estranha espiritualidade do «Thomaz dos passarinhos», que n'um conto encantador de Rodrigo Paganino renuncia ao sentimento da belleza phisica para aquilatar unicamente os dotes moraes.

Em geral, a mocidade é generosa, menos perante a mulher feia.

Idade do amor, parece-lhe inutil tudo o que não seja um attractivo evidente e radioso, um deslumbramento dos olhos e do coração.

Depois que os rapazes passavam, a pobre Feia caia n'uma tristeza profunda, n'um silencio amargurado. Os olhos turvavam-se-lhe de lagrimas. E a alegria popular dos domingos, com todas as suas liberdades de galanteio e flaino, convertia se para ella n'uma tortura já esperada antes de sentida, porque ou havia de abafar dentro de uma casa estreita ou expôr-se ás vaias dos transeuntes folgazões.

As irmãs casaram. Ella viu as sair para a igreja com os trajos garridos do noivado : o melhor vestido, o melhor chaile e o melhor lenço.

Não ficou menos só, que bem solitaria se sentia ella no meio de toda a gente ; mas ficou mais triste a de-sejar a morte, que parecia querer tardar ainda muito.

Quantas vezes a pobre Feia não olharia para o alto dos Prazeres a pensar comsigo mesma :

— Terra que devoras tantos corpos lindos, que roes tanta mulher formosa, por que não quererás tu faltar-te em mim poupando alguma outra creatura que seja mais feliz e estimada do que eu ?

Ah ! pobre Feia ! tu não sabias que a terra, mãe das flores, tem o sentimento do bello, e que o que se passa debaixo d'ella é talvez alguma coisa parecida com uma selecção artistica, de que nascem os lirios, as rosas e as violetas.

A morte, do mesmo modo que o amor, não lhe deu importancia, deixou-a viver para ali como a toupeira na sua toca.

Com a velhice a fealdade aggravou-se, augmentou. Faltava o pão em casa. Pedil-o, como ? Correr toda a cidade era colhêr mais insultos, provocar maiores es-carneos. Tomou uma resolução. Sentou-se á porta de casa, e estendia silenciosamente a mão aos transeuntes.

Mas os que lhe não davam esmola ainda em cima a insultavam.

— Que focinho de porco !

— Que medonha serêsma !

Um velho do sitio disse-me ha annos :

— E realmente ella tinha alguma cousa de focinho de porco.

Os compassivos, que piedosamente a soccorriam, contentavam-se com dizer :

— A Triste Feia, coitada !

Ella algumas vezes respondia recebendo a esmola :

— Triste e feia, é certo. De mais a mais caduca ! Mas a morte não me quer levar !

E a morte não vinha, apesar d'ella a chamar todos os dias quando punha o seu banquinho á porta da rua e se assentava n'elle, encolhida.

Todas as pessoas do sitio, e as que por ali passavam habitualmente, já a conheciam apenas por Triste Feia.

Perdêra o nome de baptismo, o appellido de familia.

Era a Triste Feia ; mais nada.

Passaram annos n'aquella miseria de vida.

Um dia, a morte teve de vir buscar a Triste Feia, de má vontade, mas em obediencia a uma lei fatal da natureza.

De que lhe servia lá aquillo ?

A terra, provavelmente, diria á morte : « Não tragas, que não presta ». E a morte concordou emquanto pôde, até que chegou o momento inadiavel de entrar em acção.

Um dia os vizinhos notaram que a Triste Feia não apparecia á porta.

Tratou se de saber o que era : estava enferma.

— Parece-me que finalmente acaba o meu tormento . . . dizia ella.

E d'ali a pouco o tormento acabou-se-lhe com a vida.

Mas a lembrança da sua fealdade ficou eterna, porque ha desgraças tamanhas que não conhecem limite no tempo.

— Onde vaes tu ? perguntava qualquer rapariga a outra.

— Vou á rua da Triste Feia.

E da «Triste Feia» se ficou chamando aquella rua, primeiro na tradição oral, depois no letreiro das esquinas.

Se fosse ha seculos, arvorar-se-ia no sitio alguma cruz, para que os transeuntes rezassem um Padre Nosso por alma da Triste Feia ou ajuntar-se-ia ali um d'aquelles montões de pedras, que piedosamente se chamavam «Fieis de Deus».

Pois foram decerto menos desgraçados muitos dos que obtiveram os suffragios dos viandantes por alguma d'essas duas antigas invocações á piedade publica.

XII

O Piano

Um assumpto, que á primeira vista parece futil, occupou em 1907 a attenção de ambas as casas do parlamento francez.

Esse assumpto foi o piano.

Se tal facto se passasse em Portugal, creio que ainda agora correriam tôrvas enxurradas de chalaça nacional sobre elle.

Seria um diluvio... de espirito.

Tanto mais que esse facto assumiu em França as proporções de um duello parlamentar entre a camara dos deputados e o senado, tendo andado o piano aos solavancos de uma para outra assembléa, á espera de uma resolução definitiva que o absolvesse ou que o condemnasse.

A camara dos deputados lançara um imposto sobre os pianos. O senado rejeitou por maioria. A camara dos deputados insistiu no imposto. Por sua parte, o senado insistiu na rejeição — d'esta vez por unanimidade.

Só então, ao cabo de uma semana de tormentosa correria entre as duas casas do parlamento francez, foi que o piano pôde ter um momento de descanso e de triumpho.

Estava salvo, finalmente.

A incidencia do imposto, se tivesse vingado, fecharia ao piano a porta das casas menos abastadas, difficul-tar-lhe-ia a entrada pela elevação do preço, e tirar-lhe-ia, portanto, esse character de democratisação que é a sua força, parecendo ser a sua fraqueza.

Foi certamente a vulgaridade do piano que o sustentou no senado francez contra a iniciativa tributaria da camara dos deputados.

Estes são na sua maioria homens mais novos do que os senadores, e por isso a sua bagagem de recordações e saudades é menor.

Quem jámais envelheceu em França, em Portugal, em toda a parte, sem ter um piano na sua biographia?

Quem não se recorda do piano de familia em que nossa mãe, por honrar as suas visitas, fazia ouvir a *Casta Diva* do venerando Bellini?

Quem não se lembra do respeito com que esse velho piano, talvez um dos primeiros de Erard, adquirido não sem algum sacrificio por nossos avós, era espanejado ao de leve, abafado na sua capa de sêda ou flanel-la, aberto com mão cautelosa e fechado com igual delicadeza?

Jámais criado algum ousou erguer um espanador para limpar o piano da familia a quem servia. Isso seria um desacato abominavel, execrando. Só mãos delicadas, aquellas mesmas que o teclado conhecia, saberiam tratar do piano com respeito e carinho.

Uma das coisas que mais perturbavam a serenidade dos donos da casa era o terem de receber ao serão visitas que levassem creanças.

Muitas vezes acontecia que, depois de ouvido attentosamente Bellini ou Donizetti, uma das creanças, algum Arthursinho de 7 annos, malcreado e voluntarioso, ousava sentar-se ao piano e tocar com dois dedos da mão direita os primeiros compassos da *Maria Cachucha*.

A dona da casa estava sobre brasas, e o marido, por cima das cartas do voltarete ou do whist, alternava olhares inquietos entre a mulher e o piano, como a dizer n'uma angustiosa expressão de horror :

— Vê lá, Dorothea, se vaes acudir áquella desgraça...

Então a dona da casa ensaiava todos os meios delicados de arrancar do piano o incorrigivel menino.

— Anda cá, Arthursinho, que eu desejo saber o que estudas agora.

O pequeno, sem largar o piano, respondia por cima do hombro esquerdo :

— Ando nas contas.

E a mãe acudia do lado :

— O' menino ! isso são modos de responder á sr.^a D. Dorothea ! Venha cá.

O pequeno, forçado a levantar-se, ia responder de má vontade ao interrogatorio.

Mas outro pequeno, talvez seu irmão, talvez seu primo, aproveitava o ensejo e perpetrava dois dedos da *Triste vida do marujo*.

Então, o Arthursinho, sentindo-se roubado, corria a desalojar o seu rival em pianomania, e era n'esse mo-

mento, com o pretexto de evitar um conflicto infantil, que o dono da casa aconselhava um golpe de estado :

— O' Dorothea, restabelece a paz fechando o piano.

As visitas riam-se, com vontade ou sem ella, mas, depois que ellas saíam, os donos da casa commentavam com azedume :

— Aquella gente, como tem em casa um reles cravo, não ensina os filhos a respeitarem os pianos dos outros.

E logo se estendia amoravelmente a capa do piano, para que ficasse sem rugas, tratando-o com um affecto que equivalia a dizer-lhe : « Desculpa o que hoje soffreste ».

Quem não evoca saudosamente a lembrança de uma noite de luar em que a nossa noiva, sabendo-nos na rua a ouvir-a, nos enviou na ponta dos dedos côr de rosa um « nocturno » de Chopin ou uma « sonata » de Schubert ?

Nenhum dos grandes pianistas, nem Liszt, nem Rubinstein, nem Arthur Napoleão — que nunca devemos esquecer os bons de casa — jámais conseguiram acariciar tão docemente os nossos ouvidos, nem penetrar tão profundamente a nossa alma.

E' possível que algumas notas de musica se perdessem ou caissem aos pés da nossa noiva — por defeito de interpretação . . .

Mas essas mesmas faziam lembrar as *Folhas caídas* de Garrett : eram poesia da alma, que, se está namorada, preza mais o sonho do que a realidade.

Depois, um dia, annos volvidos, tornou o piano a falar ao nosso coração com uma intensa ternura : foi quando lhe ouvimos responder generosamente, n'algum

estudo de Cramer, aos primeiros exercicios musicas das nossas filhas.

Oh! com que doce paciencia elle respondia á hesitante interrogação de cada tecla!

Era como se estivesse dizendo: «Coragem, coragem; não sejas menos paciente do que eu».

Annos depois, os deditos dos nossos netos foram tactear sobre o teclado as primeiras escalas, e lá o encontraram, o querido piano, sempre indulgente e affectuoso, dando-nos ás vezes a impressão de que elle ainda sabia melhor ser avô do que nós...

Sim, o piano está na biographia de toda a gente; é uma recordação insistente da vida, e se uma camara de deputados pôde investir contra elle, uma camara de senadores, mais velhos e por isso mais carregados de saudades, não pôde condemnal-o sem esmagar o coração.

Se eu ainda fosse legislador á falta de homens, como já fui, procederia do mesmo modo que os senadores francezes.

Para mim o piano é mais do que um simples instrumento de musica; é uma instituição social, consagrada pelo tempo, e espalhada como todas as idéas que se identificam com a opinião publica.

Supprimam ou difficultem o piano, e o que ficará para educação musical dos portuguezes? Supprimil-o? Mas isso seria impossivel. Na sua qualidade de tradição arraigada, o piano é resistente. Trouxeram-n'o dos palacios para as casas burguezas, das casas burguezas para os botequins populares e para as barracas de feira, e elle nem assim ficou depreciado. Addicionaram-lhe uma manivella automatica — que é a suprema in-

juria que se pôde fazer a um instrumento que se preze — e elle nem então se afundou desprestigiado ou envilecido.

Na sua primeira phase, não o prejudicou ser aristocrata ; na segunda phase, a democratisação não o amesquinhou.

Vieram outrora á liça, para combatel-o, a harpa, que é antiga, e a concertina, que é monotona, talvez por ser ingleza.

Elle triumphou sempre. A harpa ficou sendo um instrumento caro, e por isso pouco accessivel ; a concertina quasi desapareceu.

A rabeca, por sua vez, ousou tentar o sexo feminino, mas não se tem generalizado.

E até parece que o vocabulario pittoresco de calão a deprimiu fazendo-a sinonimo de — má lingua.

Para mim, não ha duvida, o piano é uma instituição cujas origens eu conheço tão bem como as da nossa *Carta* ou dos nossos *Actos Adicionaes*.

Encontrei ainda o pae do piano, já velho e decadente, é certo, mas gosando de boa reputação nas salas.

Era o cravo, com os seus martinetes, que as teclas faziam subir, e que iam ferir as cordas por meio de bicos de pennas.

Tivemos, quanto a elle, o bom senso de o naturalisarmos portuguez, decerto por nos haver caído em graça.

Poucas vezes lhe chamavamos *clavicordio* ou *manicordio* ; e quasi sempre diziamos — cravo de pennas, ou simplesmente — cravo.

Vimol-o fundar dinastia em Portugal, como se aqui

tivesse encontrado um clima conveniente á debilidade senil.

Na sua geração, contou-se uma filha, que se fez freira, porque facilmente se encontrava nas cellas dos conventos: era a espineta.

Mas a gloria de toda a prole foi o morgado, um rapagão sadio e duradouro, o piano, que logo teve pressa de dizer ao pae:

— Deixe-me ir a Florença entender-me com Cristoforo, á Allemanha falar com Schroeter e Silbermann, a França conversar com Sebastião Erard, e meu pae ha de vêr como eu volto... um *piano-forte* para honrar a sua memoria.

E honrou — que é o dever de todos os bons filhos.

Ao passo que o pae cravo apenas conseguia distinguir-se nos minuets, que eram a musica chupada como rebuçados em passo de dança, o piano tornou-se apto para aguentar as valsas violentas e os infindaveis *cotillons*, sem rebentar de cansaço, nem dar parte de fraco.

Conhecem por acaso os pianos que, em certos theatros de opereta, servem para os ensaios de canto?

Estão velhos, e nunca nenhum d'elles foi bom. Parecem cair da bocca á morte, e pensar mais no hospital de S. José do que nas operetas.

Pois, cansados, maçados, escalavrados, nunca um d'esses pianos teve a audacia ou a fraqueza de dizer ao empresario: «Escusa de teimar; não posso mais».

Póde sempre. Morrem as tipes, morrem os tenores, morrem os coristas, mas o piano permanece prompto para o serviço — levando a vida a cantar.

Eu não quizera apenas que o piano fosse alliviado

de um imposto oppressivo, como aconteceu no senado francez; quizera mais, e melhor, que fosse agraciado entre nós com aquella mesma condecoração com que se costuma galardoar o merito artistico.

Artista de raça, elle. O pae foi debil e languido. Os artistas, se pégam a desafinar, já não teem concerto possivel. O piano afina-se, e segue na sua faina. Os artistas chegam a Portugal, levam-nos o dinheiro, levam condecorações, e vão-se embora sem mais pensar em nós. O piano acompanha-nos a vida, educa artisticamente os nossos filhos e os nossos netos, e nunca se lembra — que nobre desinteresse! — de pedir uma gratificação por diuturnidade de serviço.

Não tem politica, não pertence a partidos, não se importa com governos.

E comtudo, quando os ministerios caiem, podia pelo menos tocar-lhes... a pavana.

Hurrah pelo piano, que eu teimo em considerar uma instituição social, com profundas raizes no passado e no seio das familias — incluindo aquellas mesmas que vivem com pouca harmonia.

O Bota Carvão

Tal foi a alcunha de um famoso estalajadeiro, cuja celebridade, graças á sua philosophia e bons ditos, ainda retine na cidade de Vizeu.

Não só ali, mas em toda a parte, pode dizer-se, porque o paiz inteiro o conheceu tanto pela alcunha como pela profissão de dono de hotel, que durante largos annos exercera magnanimamente, e, sobretudo, pelas phrases sentenciosas que lhe caíam dos labios como semente de ensinamento universal.

Pelo nome de familia é que pouca gente o conhece.

Pois — Vianna — era seu appellido genealogico.

Homem baixo, grosso, e, nos ultimos tempos, muito pintado, porque até os grandes homens são susceptiveis de fragilidades e fraquezas.

Seu hotel era na rua da Cadêa, no mesmo predio onde hoje se acha estabelecida outra hospedaria, bem menos celebre por certo.

Bota-Carvão presidia a todas as refeições, tomando logar á cabeceira da mesa, e d'esse logar, como piloto

solicito e humanitario, vigiava a manobra do almoço e do jantar, interessando se — n'isto é que elle foi verdadeiramente magnanimo! — pelo bom appetite dos hospedes.

Ao contrario dos seus collegas em qualquer parte do mundo e em qualquer epoca, *Bota-Carvão* sinceramente desejava que á sua mesa se comesse bem e muito.

N'um rapido olhar observava cada um dos hospedes, e quando o via deglutir as viandas pantagruelicamente, alegrava-se, mas se o via dar mostras de inapetencia ou fastio, entristecia-se.

As suas vozes de commando aos criados eram neologismos inventados por elle.

— Manuel, *biffeie-me* aquelle senhor.

Ou então :

— Joaquim, *arrozeie-me* aquelle cavalheiro.

Ou ainda :

— *Vineie-me, cafezeie-me, ou cházeie-me* aquelle hospede.

Assim falava elle quando via que os seus freguezes faziam honra á casa e tinham jus, por seu bom appetite, ás maiores attentões.

Mas quando o hospede pagava mais do que comia ou bebia, perguntava-lhe logo se estava doente, se queria tomar um caldo de gallinha, adiétar-se com uma aza de frango ou um biffe na grêlha, ser servido no quarto ou que se lhe mandasse chamar o medico.

Porque *Bota-Carvão* sentia-se constrangido deante de qualquer pessoa que, no seu hotel, apenas debicasse como os passarinhos.

Honestamente comprehendia que a principal missão

dos hotéis é aquella que diz respeito á boa alimentação dos hospedes.

Ora, certo dia, estava-se no fim do jantar, e em pleno inverno. Hospedes e hospedeiro accenderam os cigarros, e demoraram-se conversando remansadamente. A certa altura da cavaqueira, sentiu-se um forte cheiro a queimado.

— O que será que está a arder?! perguntou um dos hospedes, que se tinha sentado á mesa embrulhado n'um bello capote de panno rico e lustroso.

— Será fogo na cozinha? lembrou alguém.

Bota-Carvão meneou a cabeça negativamente.

Cada um dos commensaes tratou de vêr se teria queimado o fato.

— Não sou eu.

— Nem eu.

— Nem eu tambem.

Apenas o hospede do capote rico se não deu ao incommodo do examinar-se.

Mas o cheiro a queimado cada vez crescia mais.

Alguém alvitrou então:

— Levantemo-nos da mesa e vamos vêr o que é, não seja por ahi algum incendio.

E como logo tres ou quatro hospedes se puzessem a pé, o do capote fez vagarosamente um esforço para levantar-se.

N'isto, indo a soltar o capote para erguer-se da cadeira, exclamou afflicto:

— Sou eu que estou a arder! E' o meu capote!

E tratou de atabafar o fogo, que já tinha devorado uns dois bons palmos de panno no seu capote precioso, de que fazia grande estimação.

— Ora esta! Não ter eu dado por isto ha mais tempo!

— Dei eu, respondeu placidamente o *Bota-Carvão*.

— Então por que m'ò não disse?!

— Porque, respondeu na sua inquebrantavel placidez o famoso dono da casa, não gosto de dar noticias tristes a ninguem.

Houve tempo em que esteve hospedado no hotel do *Bota-Carvão* o conselheiro Camello Lamprea, pae do actual ministro de Portugal no Brazil, e então governador civil de Vizeu.

A situação politica era *historica*, e isto passava-se antes do «pacto da Granja», quer dizer, antes da fusão dos *reformistas* com os *historicos*.

Bota-Carvão militava no partido reformista, como quasi toda a gente em Vizeu, o que se explica pelo facto de ser chefe d'esse partido o illustre prelado viziense D. Antonio Alves Martins.

O hospede era, portanto, de uma còr politica opposta á do hospedeiro.

Certo dia appareceu uma vendedeira de peixe a querer vender uma lamprea ao *Bota-Carvão*.

Este recusou a offerta dizendo á peixeira:

— 'Fomára eu vêr-me livre de outra *lamprea* que tenho cá em casa.

O sogro de Thomaz Ribeiro ia muitas vezes a Vizeu e hospedava-se sempre no hotel do *Bota-Carvão*.

Recentemente, Thomaz Ribeiro havia publicado a *Delfina do Mal*.

Conversando com o estalajadeiro, o sogro do poeta falou-lhe com enthusiasmo d'esse novo poema do genro.

— Você ainda não leu, Vianna?

— Nada, ainda não li.

— Pois é pena! Não sabe o que perde! Deixe estar. Quando eu voltar a Vizeu, trago-lhe o livro.

— Não traga. Hei de compral-o e bem encadernado, que é como eu quero todos os livros de versos.

— Porque os estima?

— Não. Para estimal-os por alguma coisa.

Houve um momento de silencio.

Depois o *Bota-Carvão*, como reatando mentalmente um pensamento interrompido, acrescentou:

— Olhe, amigo, os poetas e as moscas são as coisas mais inuteis da creação.

Chegou ao hotel um rapaz, que não dizia quem era, nem para onde ia.

Passou-se a primeira semana sem que elle pagasse a sua conta.

O criado foi dizel-o ao *Bota-Carvão*, que lhe respondeu:

— Tem boa cara o rapaz e come bem. Gosto d'elle por isso. Para a semana torna a levar-lhe a conta, e se não pagar, vem dizer-m'ó.

Decorreu outra semana, foi apresentada nova conta, e o hospede declarou que ainda não estava habilitado a pagar.

— Sr. Vianna, o rapaz não pagou. Disse que não podia.

— Diabo! Elle tem boa cara e come bem. Se para a semana não pagar, irei eu mesmo então falar com elle.

Passou-se a terceira semana, e o criado veio dizer ao patrão:

— O rapaz não pagou.

— Bom. Isso agora é comigo.

Bota-Carvão dirigiu-se ao quarto do hospede.

— Ora, disse elle, vamos aqui conversar socegradamente. O sr. quem é ?

— Sou Fulano de tal.

— D'onde vem ?

— De Coimbra.

— E' estudante ?

— Sou.

— Para onde vae ?

— Queria ir para casa, mas não tenho dinheiro, porque fiquei reprovado, e meu pae não me manda vintem.

— Bem está.

— Como ? !

— Tudo se ha de arranjar.

— O sr. Vianna conhece meu pae ?

— Não conheço. Mas isso pouco importa para o caso. Quanto custa a viagem ?

— Vinte e cinco tostões

— Então por falta de vinte e cinco tostões estava o sr. retido em minha casa ?

— Pois se não tenho dez réis de meu !

— Ora muito bem. O seu castigo por ficar reprovado já dura ha tres semanas, e vae acabar.

— Mas como, sr. Vianna ? !

— Do seguinte modo.

Bota-Carvão metteu a mão no bolso e tirou uma libra.

— Aqui tem, e vá se embora.

Quando o estalajadeiro saiu do quarto do hospede, perguntou-lhe o criado :

— Então o rapaz pagou ?

— Não pagou, coitado. Dei-lhe uma libra para se ir embora.

— Ainda por cima !

— E's um tolo. Olha que fiz uma economia.

O hotel era frequentado por muitos caixeiros viajantes.

Um d'elles, ao apresentarem-lhe a conta, objectou que devia ser supprimida a verba de um jantar.

— N'esse dia não estive em Vizeu, e de vespera preveni que não jantaria.

O criado foi communicar isto ao patrão, que lhe respondeu :

— Deixa ficar ahi a conta.

Como se aproximava a hora da partida, o caixeiro viajante instava por que lhe dissessem quanto devia.

— O sr. Vianna é que tem a conta.

— Onde está elle ?

— No escriptorio.

— Vou falar-lhe.

Entra o hospede no escriptorio e diz abruptamente :

— Já reformou a minha conta ?

— Qual conta ?

— A da minha despesa, abatido um jantar.

— Não ha conta nenhuma.

— Mas eu quero pagar.

— E eu não quero que pague.

— Por que ?

— Porque na minha casa pessoas ridiculas não pagam nada.

Transitou pelo hotel um capitão do exercito, que andava em serviço da commissão de material de guerra.

Os outros hospedes achavam-n'o muito brusco e irritante.

— Não se pôde aturar este capitão, diziam.

— Sim, é um bocado impertinente, concordava o hospedeiro.

— Admira. Sendo capitão do exercito, já devia estar mais polido.

— Mas os senhores não se lembram d'uma coisa.

— O que vem a ser ?

— E' que elle é do material.

De uma vez, estava á mesa outro capitão do exercito. Conversava-se animadamente sobre politica.

Bota-Carvão soltava as vèlas ao seu entusiasmo partidario, e por isso facilmente foi até ao ponto de dirigir acres censuras á corôa. Investia contra o rei, que era então o sr. D. Luiz I.

A certa altura do «cavaco», o capitão indignou-se:

— Sr. Vianna, el-rei é o commandante em chefe do exercito e eu, como militar, não posso consentir essa linguagem.

Os commensaes tremøram receando um conflicto pessoal, que parecia imminente. Apenas o *Bota-Carvão* estava sereno, como se nada d'aquillo fosse com elle.

E, depois de ter ouvido imperturbavelmente a réplica azêda do capitão, exclamou :

— Ora que é boa ! O senhor fala como se o rei fosse seu e de mais ninguem !

— O rei é de todøs os portuguezes.

— Sim ? Pois se é de todos os portuguezes, tambem é meu, e do que é meu posso eu dispôr.

Uma gargalhada dos hospedes acolheu esta feliz

«saída», que veio a tempo de afastar o conflicto imminente.

E o capitão não foi o ultimo a rir.

Bota-Carvão tinha filhos, ainda pequenos.

Alguem lhe disse que devia olhar um pouco mais pelo futuro d'elles.

— O sr. Vianna, com essa mania de tratar principescamente os hospedes, sem lhes pedir mais que 600 réis por dia, arruina-se e arruina os seus filhos. Isso não póde ser, porque no dia em que o senhor faltar, elles ficarão na miseria.

— Está enganado. Eu deixo-lhes bastante; muito mais do que encontrei por morte de meu pae.

— Então quaes são as suas propriedades? Qual é o seu capital?

— Quer saber o que lhes deixo? Vae' vêr que não é pouco. Deixo-lhes as estradas de macadame, os caminhos de ferro, o telegrapho electrico, e nada d'isso havia no meu tempo.

Bota-Carvão tornou-se uma figura lendaria, digna de passar á posteridade, não só pelo que respeita á sua pessoa, mas tambem ao seu hotel, por onde tantos homens illustres transitaram.

Um d'elles foi o poeta Gonçalves Crespo, quando estudante de preparatorios.

Sendo difficil o exame de geometria em Coimbra, Crespo resolveu-se a ir fazel-o a Vizeu, e hospedou-se, para esse effeito, no hotel do *Bota-Carvão*.

Certo hospede que ali se encontrava n'aquella epoca, affeiçoou-se; logo no primeiro dia, ao futuro poeta das *Miniaturas* pelos bons ditos que lhe ouviu á mesa.

E a folhas tantas perguntou-lhe quem era.

Gonçalves Crespo, que não perdia occasião de pregar uma partida, disse-lhe com a maior seriedade :

— Sou Camillo Castello Branco.

O outro, acreditando-o, ficou cada vez mais encantado.

Findo o jantar, puzeram ambos o chapéu na cabeça e demoraram-se um momento á janella accendendo os charutos.

N'isto passa um estudante, amigo de Gonçalves Crespo, ao qual gritou da rua :

— O' Crespo ! anda d'ahi passear.

Então o outro hospede pergunta surprehendido :

— Aquelle rapaz não lhe chamou Crespo ? !

— Chamou.

E o poeta, muito gravemente, tirando o chapéu e apontando para a cabeça :

— Foi por isto.

O chá do Cercal

(A JOÃO ARRUDA)

No tempo em que a jornada ás Caldas da Rainha se fazia pelo Carregado, paravam sempre muitas carruagens á porta da hospedaria Moreira, no Cercal.

Ninguem que por ali passasse se dispensava de tomar, pelo menos, uma chavena de chá — esse famoso chá do Cercal, de reputação gloriosa, cujo delicado sabor parece dever-se á excellencia das aguas.

Os grandes chásistas não se limitavam apenas ao goso de beber uma ou duas chavenas: — levavam uma bilha que enchiam de agua no Cercal para nas Caldas ou em Lisboa se regalarem com optimo chá, como se o estivessem ainda tomando na hospedaria Moreira.

Certo dia em que a diligencia do Zé Paulo ia partir para as Caldas, parou á porta d'aquella estalagem uma caleça de Lisboa conduzindo tres passageiros: dois homens e uma rapariga.

O cocheiro da diligencia, já sentado na almofada com as rédeas na mão, gritava n'esse momento:

— O' sr. Machado! avie-se, que vamos largar.

E quando os tres viajantes entravam na hospedaria Moreira, encontraram-se com o brilhante folhetinista Julio Cesar Machado, que de charuto na bocca, depois de haver tomado uma chavena de chá, ia a sair pressuroso.

O auctor dos *Contos ao luar* mostrou-se surprehendido de vêr ali a rapariga da caleça, porque demorou n'ella os seus luminosos olhos pretos, comquanto se tirasse habilmente d'essa rapida situação cumprimentando os tres e saindo.

Ora um dos recemechegados era o Borges despachante, que n'aquelle dia do fim de agosto ia passear ás Caldas a Francelina da rua do Outeiro, e que ficou com a pedra no sapato como se traduzisse d'este modo o olhar do gentil folhetinista da *Revolução de Setembro*: « Bem sabes, Francelina, quanto eu gosto sempre de vêr-te... a pouca distancia ».

Embezerrou, e a Francelina percebeu.

Ella era uma rapariga intelligente, que tanto podia ter nascido para o *flirt* das salas se fôsse baroneza, como para as partidas de prazer ás Caldas sendo o que realmente era.

Quando a criada da hospedaria appareceu a receber os tres hospedes, logo o Borges despachante lhe disse de chofre:

— Este sr. que saiu agora d'aqui foi para as Caldas?

A criada respondeu com a pontual minudencia de todos os criados de hotel.

— E' o sr. Julio Cesar Machado...

— Bem sei, interrompeu o Borges.

— Que vae para a Dos Ruivos visitar a mãe.

— Traga-nos fiambre, chá, e uma garrafa de Cadafaes.

Mas quando a criada voltou á sala com a refeição que lhe pediram, já o Borges estava iracundo e a Francelina lacrimjava no lenço de rendas.

O outro viajante. . . Ah! o outro viajante, esquecia-me dizel-o, era o Juca, rapaz brasileiro que, por conselho dos medicos, andava arejando pela Europa uma neurasthenia macabra.

E, n'esse momento, procurava deitar agua na fervura do ciume do Borges, acalmado-o, ao mesmo passo que defendia Francelina.

Mas o Borges, como se teimasse em estragar uma viagem de recreio, retrucou-lhe abruptamente:

— Tu lá sabes por que a defendes.

Era de mais. A Francelina levantou-se soluçante da mesa, e foi esconder-se n'uma alcôva; o Juca, sem dizer palavra, começou a tomar chá, chavena sobre chavena, de modo que esvasiou um bule e pediu logo outro.

O Borges comeu, em silencio, uma fatia de fiambre e bebeu um copo de Cadafaes.

Passados dez minutos, como se quizesse reconciliar-se com o Juca, apostrophou-o:

— Homem! isso é chá de mais! Vai fazer-te mal por força.

Então o brasileiro levantou-se, chegou á janella, enxugou a testa com o lenço e disse:

— Estou effectivamente muito nervoso.

— Pudera! Bebeste um bule de chá, e és uma pilha de nervos.

Tornou o Juca a sentar-se e accendeu um charuto.

— Ainda por cima vais fumar!

— Parece que estou melhor.

Mas d'ali a pouco o Juca atirou fóra o charuto, er-
gheu-se, e começou a passear agitado na sala.

Muito pallido, as mãos tremulas, parecia querer di-
zer alguma coisa com difficuldade.

— Borges, segredou elle, anda aqui fóra, que vou
morrer, e desejo falar-te antes.

O despachante replicou já com bom humor:

— Depois é que não podia ser.

Levantou se, e saíram os dois.

Ao ar livre, n'um tremor, com a mão sobre o lado
esquerdo do peito, arrancando palavras fundas, disse-
lhe o Juca:

— Borges, eu vou decerto dar hoje contas a Deus,
e por isso te confesso para ficar com a minha con-
sciencia tranquilla: tu tens direito a matar-me. Mata-
me, Borges.

E abriu os braços, para descobrir o peito.

O despachante ficou por um momento carrancudo.
Mas, perante aquelle homem inerme e submisso, con-
teve-se. E de golpe, n'um gesto largo, que exprimia
uma forte resolução, sentenciou com energia:

— Não. Não te mato. A coisa é outra.

Chamou a criada e ordenou-lhe:

— Vá vêr onde a senhora está.

A resposta não tardou:

— A senhora está a dormir sobre a cama na alcôva.

Era dos autos. Toda a *cocotte*, quando não pôde co-
mer, vingá-se a dormir.

— Diga ao meu cocheiro que venha cá, e traga-me papel e lapis.

D'ali a pouco o Borges dava ordens misteriosas ao cocheiro e escrevia n'um papel estas poucas palavras: «Francelina, saude e bichas. O chá do Cercal subiu do estomago do Juca aos meus ouvidos».

Recommendeu que entregassem este papel á senhora logo que ella acordasse, pagou a despesa e fez entrar o Juca na caleça. Depois entrou elle e disse ao cocheiro: «Parte».

— Não percebo nada! ciciou o brasileiro timidamente, ainda desconfiado.

— Pois olha que tem pouco que perceber. Mando a Francelina pentear macacos. Já o devia ter feito ha mais tempo.

E o Juca, menos oppresso, concordou, meneando involuntariamente a cabeça.

Quando a criada do hotel entregou a Francelina o bilhete do Borges, ella achou logo a chave do enigma:

— Foi o pateta do Juca que se embebedou com chá e deu com a lingua nos dentes. E' um imbecil, e o Borges nunca foi outra coisa.

Depois sentou-se á mesa e começou a comer fiambre e a beber Cadafaes.

No anno seguinte, passou no Cercal em caminho das Caldas com outro Borges.

— Tu pôdes comer o que quizeres, disse-lhe ella na hospedaria Moreira, mas prohibo-te que tomes chá.

— Ora essa! O bello chá do Cercal! Que tinha isso?

E ella, intransigente, com uma intimativa dominadora, e com um espirito digno de madame de Sévigné:

— Poder-me-ia fazer mal.

Um parlamento indissolúvel

Como bairrista de Santos-o-Velho tenho tido muitas ocasiões, especialmente nos ultimos tempos, de observar a vida das classes que vizinham do Tejo ou que vivem á custa d'elle.

Em meu entender, o que melhor, mais profunda e pittorescamente caracteriza Lisboa é o aspecto singular de cada um dos seus bairros: a anatomia, digamos assim, das suas visceras reconditas.

Quem apreciar a capital na apparencia do seu panorama grandioso ou em certas occasiões e logares em que se exhibam muitos dos seus habitantes, deve enganar-se redondamente, ha de tomar a nuvem por Juno.

Eu não me contento de relancear a vista pelo baralho, e por isso me dou muitas vezes o prazer — que o é para mim — de estudar miudadamente os naipes e as cartas.

Não me contento de vêr a cidade de longe, do alto do castello de Almada, por exemplo, ou ainda do meio

do Tejo, nem de observar a sua população n'uma noite de S. Carlos ou n'uma tarde da Avenida.

Para nos convenceremos de quanto S. Carlos nos pôde illudir, bastará lembrarmo-nos de que ha burguezes nas primeiras ordens e fidalgos nas ultimas; de que ha na platéa pessoas que nada entendem de musica e verdadeiros *delettanti* engaiolados no *gallinheiro*.

Quanto ás tardes de inverno na Avenida, tudo ahi nos parece grandeza e fausto, capital e propriedade, a julgar pelas *toilettes*, que obedecem á uniformidade do figurino, e pelo ar altivo e desdenhoso das pessoas.

Se nos contentassemos com este espectáculo, ficaríamos crendo, erradamente, que Lisboa náda em dinheiro e opulencia.

Mas voltam-se duas folhas no livro das Estações, passa a primavera, chega o estio, e eis que nos apparece a Avenida inteiramente conquistada por uma população diversa, muito menos pomposa e por isso mesmo mais sincera, uma população que se não sabe ao certo a que bairros ou classes pertence.

Não será isto? Creio qué sim.

Além do encanto que para mim tem o reconstituir mentalmente a cidade antiga, conduzido pela mão dos escriptores que melhor a têm estudado, interessa-me o confronto com a cidade actual nos seus aspectos parciaes, nos seus naipes de classes, na vida interior de cada zona em que Lisboa pode dividir-se.

Pelo que respeita ao bairro occidental, a grande arteria do Tejo, com a população especial que vive d'elle e para elle, e que ou labuta sobre a agua ou sobre o caes, prende-me muitas vezes a attenção, diverte-me, aguça-me a curiosidade.

Eu não quero falar hoje de outros aspectos do bairro occidental, que são também muito interessantes: a aglomeração dos varinos desde a Esperança até á rua do Machadinho; as casas e as familias ricas ou nobres do sitio da Lapa; o passeio da Estrella com os seus *habitués* e creanças; as ruas novas de Campo de Ourique; e, finalmente, o edificio das Côrtes na sua relação com a vida politica do paiz.

Quantas figuras parlamentares as paredes d'este edificio evocam na minha memoria! quantas anedotas e episodios! quantos acontecimentos vistos de perto, na sua verdade realista, o que é muito differente de vê-los através da paixão ou parcialidade dos jornaes!

Lembra-me agora, a respeito do edificio das côrtes, um dito do conde de Valbom.

Falou-se em construir um palacio para o parlamento no terreno em que depois veiu a erigir-se, junto ao Caes do Sodré, o recente dispensario da *Assistencia aos tuberculosos*.

O conde de Valbom, a quem disseram isto, fez pé atraz e respondeu com a sua vózinha chiaante:

— Acho natural e coherente que se proponham transferir as côrtes para a Ribeira Nova.

Os circumstantes riram.

E o conde de Valbom acrescentou:

— E' o seu logar proprio.

Mas não é o palacio dos antigos frades beneditinos o unico parlamento existente no bairro occidental.

Outro ha, além dos mais que possa haver em clubs de classe, centros politicos ou lojas de negocio.

Aquelle de que especialmente falo é um parlamento modelo, póde dar lições de cordura, seriedade e pro-

veito pratico não só ás côrtes geraes da nação, mas tambem a todos os parlamentos do mundo.

Não tem edificio proprio, nem tapetes, nem carteiras, nem galerias, nem ascensor, nem regimento e campainha.

Não tem edificio nenhum, mas fucciona todos os dias, quero dizer todas as noites, com a maxima regularidade, e não só não faz barulhos — mas até não faz barulho.

O leitor suppõe talvez que estou gracejando. Falo com a gravidade de Epaminondas, que nem gracejando mentia.

Comtudo, cada um dos homens de que se compõe esse parlamento é tão forte e robusto, que se lhe desse para quebrar carteiras, no caso de as haver, não ficaria inteira uma unica; e se lhe desse para partir as costellas ao seu semelhante, uão haveria bastantes algebistas em Lisboa para concertal as.

O parlamento a que me refiro é o dos fragateiros no Caes do Sodrê.

Renne invariavelmente ao anoitecer sobre o passeio occidental da praça, e ali se demora tratando placida e ordeiramente os seus negocios.

O duque da Terceira, comquanto de bronze, não é insensivel a este spectaculo quotidiano da vida parlamentar de uma classe laboriosa.

Consta que já alguém lhe tem ouvido dizer por mais de uma vez:

— Mandem esta gente para S. Bento, se querem que a nação prospere, e tragam para aqui os homens de S. Bento.

No locutorio do Caes do Sodrê não ha ordem do

dia; do que se trata ali sempre é da ordem... da vida.

Os negocios são inalteravelmente os mesmos: rio e fretes.

Em geral os homens do mar em Portugal — e não sei se nos outros paizes tambem será assim — gritam muito embora estejam conversando á boa paz.

Virá talvez este habito da necessidade de se fazerem ouvir uns dos outros quando o mar seja grosso e as ondas bramem e os ventos silvem.

Quem não conhecer os costumes da classe piscatoria portugueza poderá suppôr que os seus homens estão sempre em occasião proxima de conflicto, sobretudo quando abancam á mesa das tabernas.

Mas os fragateiros do Caes do Sodrê, como homens do rio que são, differençam-se dos homens do mar na serenidade de suas falas e praticas quando á noite se reúnem para fazer sessão parlamentar.

Já uma vez um portuense, passando por ali á noite comigo, me perguntou:

— Isto é gente que está á espera de algum enterro?

O que o tinha impressionado não era só o ajuntamento, mas tambem a compostura e gravidade com que estavam conversando.

Expliquei-lhe o que era, e o portuense quedou-se alguns momentos a observar os grupos ali estacionados.

Depois voltou-se para mim e disse:

— E' realmente curioso!

No alinhamento do predio paralelo ao passeio ha um botequim popular, ondo um piano móe algumas valsas desde o anoitecer.

Os fragateiros não dão atenção nenhuma ao botequim, nem ao piano; nenhum caso fazem d'aquelle insistente convite á valsa.

Tratam, imperturbaveis, da sua vida, conversando com os companheiros ou com os patrões: liquidam os negocios do dia e gizam os do dia seguinte.

E' o seu Forum, a sua Bolsa, a sua Arcada sem arcos, e o seu palacio de S. Bento sem palacio.

Todos aquelles homens são possantes de robustez e saude. N'outro tempo — e ainda hoje se fôr preciso — os unicos habitantes de Lisboa que se atreviam com os marinheiros das esquadras inglezas, eram elles.

Começavam ás vezes jogando o sopapo em terra e acabavam de acertar as contas no Tejo, onde pregavam com elles no charco, como se se desfizessem de um embrulho incommodo.

Os marujos inglezes tinham que nadar para bordo dos seus couraçados, d'onde haviam saído de farda vermelha, e entravam de farda roxa.

Eu não sei até que ponto chegam as nossas relações de amizade com a Inglaterra. Creio que não ha nenhum tratado escripto modernamente, que renove ou amplie os antigos; mas seja como fôr, não duvido de que ellas nos teem sido, em muitos casos, proveitosas.

Até n'uma coisa: em serem os tripulantes das suas esquadras mais attenciosos e polidos com o povo portuguez do que fôram d'antes.

Ha apenas vinte annos os conflictos armados pelos marinheiros inglezes eram frequentes.

Lisboa tremia de vêr a farda vermelha.

Só os fragateiros do Caes do Sodré lhe faziam rosto

como pimpões de pulso e remo quando era preciso salvar a honra da nação.

Ao tempo do *ultimatum* vi eu um catraeiro chorar no Aterro e ouvi-lhe dizer:

— Viessem p'ra cá os inglezes todos e, braço a braço, homem a homem, havíamos de vêr quem levava a melhor.

E cerrava as mãos gesticulando murros, ao passo que as lagrimas caíam pelas suas faces crestadas.

Isto vi eu, e fiquei contente de vêr. Achei que valia mais, como energia da alma nacional, do que os trapos pretos que envolveram a estatua de Camões.

Durante os ultimos reinados por vezes repetidas se fechou o parlamento nacional antes de tempo, o que sempre levantou grande celeuma politica.

E todavia este parlamento do Caes do Sodré não só não foi dissolvido — mas até pode considerar-se indissolvel.

XVI

As boas-festas

(A ALFREDO FERREIRA DE FARIA)

Não posso esquecer-me jamais de que a primeira vez que me deram as boas-festas foi em dinheiro.

N'essa ocasião — que tempo esse! — fiquei muito enchicharrado com a fineza; hoje, penso que me iguallaram a qualquer distribuidor do correio mettendo-me um pataco na mão.

Porque foi um pataco que me deram.

Havia ainda o pataco, essa pesada e forte moeda que de algum modo dava idéa do character dos portuguezes d'aquelle tempo. O pataco parecia ter sido fundido com os restos dos velhos obuzes que consolidaram a gloria de Portugal nos campos de batalha, onde tantas vezes triumphamos.

Era o dinheiro de uma raça ainda viril, porque uma algibeira cheia de patacos representava um peso consideravel.

Dizia-se de alguém que era rico: tem bons patacos.

Esse alguém parecia ser um gigante capaz de aguentar sobre os ombros o carrilhão de Mafra.

Andaram os tempos, e a raça dos portuguezes sentiu-se fraca para tamanho peso : acabou-se o pataco.

Então, para se dar a impressão da riqueza, dizia-se de qualquer pessoa : tem boas libras.

N'esta simples phrase ia envolvido um certo desdem pelos antigos sentimentos patrioticos.

Já nem sequer faziamos figura com dinheiro portuguez !

Agora, nem patacos, nem libras : papel, apenas.

Estamos tão enfraquecidos, que não podemos senão com o papel. . .

Na algibeira ou na carteira, papelinhos sómente, coisa que vòta com a maior facilidade, o que deu causa ao desenvolvimento numerico da respeitavel classe dos gatunos.

Se elles fossem capazes de roubar outr'ora um sacco cheio de patacos, sem o roubado dar por isso, mereceriam um doce.

Hoje roubam facilmente o papel, que é leve, tão leve, que se nol-o tiram da algibeira, a gente não dá fé senão quando o gatuno já vai longe.

E não é porque o gatuno seja mais leve agora ; o dinheiro, sim.

Ora succedeu que eu, estudante de primeiras lettras, fui de uma vez passar as ferias do Natal a casa de um condiscipulo em Avintes, na margem esquerda do rio Douro.

Terra de lindas padeiras ! que fabricam pão de milho, tostado por fóra, alvo por dentro.

Como eu gostava de comer esse pão com manteiga !

D'ali talvez, d'essa pittoresca aldéa ribeirinha, onde se padejam as *brôas*, viria aos portuenses o epitheto de *breeiros*. Creio que foi isto. Mas dá gosto que d'essa povoação de guapas mulheres derivasse a alcunha dos habitantes de uma cidade, que tanto as sabem apreciar.

O meu condiscipulo Ernesto tinha ali uma bella quinta, cujas aleas de chonpos vinham descendo pela encosta até á beira do rio.

A mãe era viuva e rica, e vivia na companhia de um irmão, mais velho do que ella, o qual passava por ser o Harpagão de Avintes, um sovina de marca maior.

Estava paralitico das pernas. Chamavam-lhe em casa o *tio Mauricio*, e eu já o conhecia antes de conhecê-lo...

O Ernesto falava-me muito d'elle, da sua avareza, do seu grande amor ao dinheiro, que elle guardava de noite e de dia, sempre desconfiado de que o quizessem roubar.

Não dera nunca ao sobrinho mais de um pataco, e só em occasiões solemnes: por motivo de annos ou de boas-festas.

Eu sabia tudo isto; portanto, conhecia o homem antes de lhe ter posto a vista em cima.

Logo depois de me haver apresentado á mãe, o Ernesto levou-me á presença do tio Mauricio.

Era um velho magro, pallido, de um olhar vago e incerto, que denunciava desconfiança.

Encontrei o sentado n'uma cadeira de braços, rodeado de arcas e bahús, que deviam estar cheios de dinheiro.

Mais tarde, quando vi representar *Os sinos de Cor-*

neville, no theatro da Trindade, pelo actor Ribeiro, lembrei-me do tio Mauricio de Avintes.

Ernesto, logo que entrou, beijou-lhe a mão e deu-lhe as boas-festas.

Eu, sem saber o que lhe dissesse, tomei o partido de tirar-me da difficuldade beijando-lhe tambem a mão.

O tio Mauricio appreciou muito esta minha gentileza.

— O menino, disse elle, é muito bem educadinho.

Eu puz os olhos no chão, como uma *ingenua* compromettida.

Houve um momento de embaraçoso silencio para nós dois : o Ernesto estava á espera do pataco da consoada ; eu estava impaciente de me vêr d'ali para fóra.

O velho remexeu pausadamente na algibeira do casacão esverdeado, e sentiu-se tinir dinheiro

— Pega lá a tua consoada, disse elle ao sobrinho, dando-lhe um pataco. Vê lá agora se o poupas.

O Ernesto quiz beijar a mão do tio, mas não appareceu a mão. Estava outra vez dentro do casacão esverdeado.

Continuou o silencio.

— E o menino, disse o tio Mauricio dirigindo-se a mim, pegue lá tambem um pataco, a titulo de boas-festas, para o animar a não esquecer nunca a boa educação que seus paes lhe teem dado.

Senti-me orgulhoso do premio. Era um estimulo; era um pataco a empurrar-me para a sociedade dos homens bem educados.

Se alguma polidez tenho conservado até hoje, devo-a a esse pataco do tio Mauricio.

O Ernesto ficou admirado da generosidade do tio ;

generosidade nunca jámais presenceada em Avintes no seio d'aquella familia.

Eu tornei a beijar a mão do velho, e fil-o d'esta vez sem esforço; aprendi então a comprehender a facilidade que teem certas mulheres em dar beijos por dinheiro...

A mãe de Ernesto não ficou menos admirada de que o filho quando soube que eu tambem havia sido contemplado com um pataco.

— O menino, disse-me esta respeitavel senhora, devia guardar esse pataco como um thesouro raro, que meu irmão lhe offereceu. E' de certo o seu primeiro triumpho ganho na sociedade.

Eu concordei promptamente que era o meu primeiro triumpho; e outros que obtive depois nunca valeram mais.

D'ali a pouco tempo fomos, o Ernesto e eu, dar uma vista de olhos pela villa, e lembro-me perfeitamente de que gastámos os nossos quatro vintens, por commum accôrdo, comprando figos sêcos do Algarve, pinhões, passas e alfarroba, que lá chamam fava rica, como se diz no *Malhão*.

Assim dei eu cabo de um pataco que devia ter conservado como preciosa recordação — como os actores conservam as corôas de louro.

O Ernesto e eu, bons amigos de infancia, separamonos annos depois, e eu perdi a pista biographica do tio Mauricio de Avintes, mas sabia que o meu condiscipulo, apesar de muito rico, quizera formar-se na Escola Medica do Porto.

Em 1896 estava eu em Espinho a ouvir tocar no *Café Chinez* a marcha da *Cadix*.

Pára deante de mim um homem elegante, de fato de flanella branca.

— Tu não me conheces já ? perguntou-me o recém-chegado.

Fiquei indeciso, um momento.

— Sou o Ernesto.

— Ah ! exclamei eu, levantando-me de golpe, e atirando-me aos braços d'elle.

Passada a scena do «reconhecimento», que é sempre dramatica, no theatro ou fóra do theatro, disparei sobre o meu velho amigo Ernesto uma serie de perguntas.

— Com que então medico ?

— Sim, para não exercer a clinica.

— Que é a melhor maneira, pelo menos a mais humanitaria, de ser medico.

— Medico-proprietario . . . apenas.

— E tua mãe ?

— Morreu ha muitos annos, em 1877.

— E o grande tio Mauricio ?

— Esse, apesar de paralitico, durou mais. Falleceu o anno passado.

— Deixou muitos patacos ?

— Alguns. E mais podia ter deixado, se não houvesse sido tão generoso contigo, dando-te um.

— E' verdade ! Pois olha que depois d'isso ninguem me tornou a dar outro pataco. Devo essa gratidão á sua memoria.

— Não chores . . .

— Não choro porque não tenho vontade, mas agora abalaste-me algum tanto com a recordação d'esse pataco . . .

— Se tu soubesses quando recebi o ultimo...

— Foi decerto quando recebeste a herança...

— A herança veio depois ; refiro-me ao ultimo pataco que o tio Mauricio me deu em mão.

— Conta lá i-so.

— No dia em que defendi these na Escola do Porto, fui para Avintes. Os criados e os vizinhos armaram arcos de flôres e deitaram foguetes. Fui recebido como um heroe. Corri a apresentar-me ao tio Mauricio, que tambem se mostrou muito satisfeito da minha formatura. Tão satisfeito, que metteu a mão no seu casaco esverdeado e, tirando um pataco, offereceu-m'o dizendo :

— Pega lá, rapaz, que bem o mereces.

Rimo nos muito á custa do tio Mauricio e dos seus patacos, e d'ali a pouco arranjámos um parceiro para ir jogar o voltarete.

Por signal que quem perdeu fui eu, talvez por ter menos patacos do que o Ernesto.

O Animatógrapho nas praias

(AO DR. BERNARDO LUCAS)

As praias de banhos e as estações thermaes são pequenos mundos onde facilmente se pôde estudar a grande humanidade.

O campo de observação cabe talvez no fundo de uma terrina, mas por isso mesmo estão sempre sob os nossos olhos as mais variadas individualidades, que, vistas assim de perto, se deixam surprehender e estudar na sua verdadeira expressão moral.

E', pode dizer-se, a vida intima sem mascara e sem disfarce.

A mascara cái logo aos primeiros dias, os disfarces perdem o seu verniz— a verdade apparece, mostra-se-nos tal qual é, entra-nos pelos olhos dentro em plena luz.

Uma expansão de momento, uma phrase impensada, um olhar sincero desvendam-nos ás vezes um retrato

fiel, uma alma que n'outra qualquer occasião nos teria enganado.

Assim, por exemplo, encontramos nas praias algum argentario que a principio nos attraiu com as suas nobres theorias de altruismo e philanthropia.

Mas, a breve trecho, este ricaço desmascara-se involuntariamente, e temos de reconhecer n'elle um egoista, um sovina, um Shylock implacavel, cujos actos desmentem as suas bellas theorias.

De um sei eu que se inculcava como o mais generoso e compassivo dos homens.

A primeira impressão que nos dava era de sympathia e respeito.

— Que grande alma! pensavam todas as pessoas que pela primeira vez o ouviram falar, sentado na praia, remexendo com a ponteira da sua rica bengala a areia sêca.

Era, a julgar pelo que elle dizia, um homem que gostava de dar; e, a julgar pelas suas joias — anneis, botões da camisa, corrente do relógio — um homem que tinha muito que dar.

Quando via as horas, demorava na mão o seu precioso chronometro suiso, que elle, com desvanecimento, reputava infalível.

E a gente pensava :

— Se este homem pudesse cair em pobreza, seria capaz de vender o relógio para dar as suas ultimas esmolas.

E d'este modo viveu enganada toda a colonia balnear, até que, dentro de poucos dias, chegou o momento em que se viu o que elle era capaz de dar quando lhe pediam alguma coisa.

Estava o nosso argentario conversando com varias pessoas.

Aproximou-se um mendigo, velho, rôto, mas de phisionomia insinuante e intelligente.

Tirou o chapéu e pediu esmola.

— Meus senhores, pelo amor de Deus. . .

No grupo do ricaço todos se calaram, como se respeitosamente lhe quizessem dar a preferencia no exercicio da caridade, pois que tão caridoso costumava ser em suas palavras e doutrinas.

O nosso homem resistiu á primeira investida do mendigo, mas como visse que ninguem se mexia, quiz salvar-se da entalação, procurando dinheiro na algibeira e dizendo :

— Eu não gosto de dar esmola na rua. Entendo que a caridade deve occultar-se como o Evangelho recommenda, e que devemos inteirar-nos primeiro das circumstancias em que moralmente se encontram as pessoas a quem beneficiamos.

O mendigo, de cabeça descoberta, conservava-se silencioso e humilde.

Finalmente, o nosso homem tira a mão da algibeira e com dez réis entre os dedos, voltando-se para o pobre velho, diz sentenciosamente :

— Veja agora se vae embebedar-se na taberna, como costumam fazer todos os mendigos das ruas. Eu não dou esmola para alimentar vicios. Você já é velho e deve ter juizo. Vae comprar vinho ou vae comprar pão? Diga lá. . .

E o velho, pegando nos dez réis, com um leve sorriso de ironia nos labios, respondeu sem insolencia :

— Não vou comprar vinho, nem comprar pão.

— Então o que vae comprar você?!

— Vou comprar um predio.

Desde esse momento o supposto philanthropo ficou desmascarado e... punido.

Certo mentiroso, que fazia gosto em contar historias, desenrolava todo o seu repertorio de aventuras para conquistar a attenção do auditorio nas praias.

Ouvi-o dizer que tal caso lhe succedêra em Salamanca.

Tornei a ouvir, d'ahi a dias, a narração do mesmo caso como tendo-se passado em Cordova.

Ainda uma terceira vez contou elle a mesma historia, que então transferira para Segovia.

Alguem observou-lhe do lado:

— En já ouvi dizer a V. Ex.^a que esse chistoso incidente de viagem lhe acontecêra em Salamanca...

O mentiroso, sorrindo velhacamente, contestou de prompto:

— Comprehando a sua observação. O caso é inteiramente authentico e passou-se comigo na Covilhã.

Movimento de surpresa em todos os ouvintes.

Mas o embusteiro explicou sem se desconcertar:

— Conhecendo o nosso feitio, sempre propenso a ter mais interesse pelo que succede no estrangeiro, costume dizer que esta aventura me aconteceu em Hespanha.

Vamos agora a outra fita. — O prato de espargos.

Chegaram a certa praia do norte dois bons esposos burguezes, que se hospedaram no melbôr hotel.

Eram pessoas abastadas, muito commodistas, e por isso almoçavam e jantavam nos seus aposentos.

Dispunham de boa saude e voraz appetite.

O Alexandre — criado que os servia — contava em confidencia que dava gosto vê-los comer.

Mas — como mais tarde elle revelou — admirava-se de que não tocassem nunca no prato de espargos que ás vezes lhes punha na mesa.

Até chegou a perguntar-lhes um dia :

— V. Ex.^{as} não gostam de espargos ?

Foi o marido que respondeu, um pouco embaraçado :

— Sim... gostamos. Mas succede que já estamos fartos quando elles chegam.

— Pois é pena! tornou-lhe o criado. Lá em baixo, na casa da mesa, os espargos são muito apreciados. Tanto mais que o môlho é de toda a confiança, porque, como V. Ex.^{as} sabem, nenhum outro hotel serve melhor manteiga do que nós.

Parece que estas palavras do Alexandre — *Lá em baixo, na casa da mesa, os espargos são muito apreciados* — ficaram soando aos ouvidos dos dois hospedes como um ideal de prazer gastronomico ainda não experimentado.

Marido e mulher gostavam de comer bem — na qualidade e na quantidade.

De mais a mais elle e ella sabiam que nos hoteis se paga tudo o que nos é servido — embora lhe não toquemos.

Ter de pagar espargos que não comiam, pareceu-lhes duro; e não menos duro lhes pareceu verem-se privados de tocar n'um prato que todas as outras pessoas apreciavam muito, segundo dissera o Alexandre.

O fructo prohibido inspira sempre tentações diabolicas, desde o principio do mundo, e os dois hospedes do quarto n.º 37 encontravam-se em relação aos es-

pargos como Adão e Eva no paraíso ante a árvore do bem e do mal.

Não sei ao certo se a esposa do sr. Nogueira tomou para si o papel de Eva, e era ella que tentava o marido para alguma vez provarem os espargos. Antes pendo a crêr que elle e ella se tentavam um ao outro, pois que, pela informação do Alexandre, constava que ambos comiam muito bem.

Mas certissimamente sei que os espargos continuavam a ser-lhes servidos, por effeito da logica especial que os hotéis observam na pratica da sua industria: melhor é que os hospedes paguem o que não comem do que comam sem pagar.

Ora o sr. Nogueira e sua esposa acobardavam-se de confessar toda a verdade a respeito dos espargos, depois de elle haver dito ao criado Alexandre que não desgostavam d'esse prato.

Por outro lado era impossivel prolongar a inverosimil situação de estarem os dois hospedes sempre fartos quando lhes pnuham na mesa o prato de espargos.

Deve ter sido assumpto de secretas conferencias conjugaes a resolução de todas estas difficuldades, com que marido e mulher não contaram jámais.

E não creio que fosse o marido o primeiro a encontrar o modo de vencel-as, porque as mulheres possuem o segredo de zombar das difficuldades mais rapidamente que os homens.

Até, que eu saiba, só um unico homem pôde competir com ellas n'essa esperteza natural.

Sim, um unico homem, desde que o mundo é mundo: foi Alexandre Magno quando cortou o nó gordio.

N'esta fita dos espargos entra tambem um Alexan-

dre, não como agente, mas como paciente. Era um Alexandre menor.

Elle trouxe, como tantas vezes fizera, os espargos e o mólho de manteiga, e delicadamente — porque sabia do seu officio — os puzera sobre a mesa.

Marido e mulher trocaram entre si um olhar de intelligencia, como se fosse a senha de uma conspiração.

O sr. Nogueira, sorrindo de certo modo que o Alexandre comprehendeu logo, dissera-lhe em tom confidencial :

— Feche por dentro a porta do quarto, e venha cá, que lhe quero dizer um segredo.

Alexandre, criado ladino e experimentado, havia comprehendido immediatamente aquelle sorriso, porque para os criados de hotel ha sorrisos que valem dinheiro e sorrisos que são justamente a negação de dinheiro.

O sr. Nogueira, n'essa occasião, tinha sorrido de maneira que equivalia a dizer :

— Isto, e você bem o sabe, é Nogueira que dá nozes.

Alexandre fechou a porta do quarto, e voltou para receber ordens.

— Tenho uma coisa a dizer-lhe, Alexandre, e não desejo que você dê com a lingua nos dentes.

Ouvindo isto, Alexandre entendeu dever formalisar-se :

— Sr. Nogueira e minha senhora, um bom criado não tem olhos para vêr nem bocca para falar quando os seus amos não querem que elle veja e que elle fale. Ora eu prezo-me de ser um bom criado.

— Ninguém diz menos d'isso, replicou o sr. Nogueira procurando deitar agua na fervura, por suppôr que Alexandre estava realmente fervendo. Olhe cá. D'esta vez não quero que você tenha olhos nem lingua, mas preciso que tenha bocca. Sente-se, e coma os espargos.

— Como assim ? !

— Coma como quizer, mas coma. E' o que nós não sabemos fazer e queremos que você nos ensine.

Então o Alexandre entrou a fundo na questão.

Sentou-se, e disse :

— Vossas Ex.^{as} vão vêr n'um momento como os espargos se comem. E' a cousa mais facil d'este mundo, e comtudo ninguem os saberá comer melhor do que eu.

Servindo-se do môlho de manteiga, passou pelo môlho o primeiro espargo, ao qual chupou com requintado primor de elegancia e asseio.

Depois, para que a lição fôsse completa, deu-se ao trabalho de chupar os espargos todos.

E concluiu dizendo :

— A'manhã já V. Ex.^{as}, entregues a si mesmos, estarão habilitados a comer espargos perfeitamente.

Marido e mulher acharam o processo muito facil, mas, não obstante, gratificaram generosamente o criado — como era seu costume.

O segredo na bocca dos criados de hotel é apenas garantido por um anno — como o machinismo dos relogios.

Alexandre archivou este caso na sua historia e só no anno seguinte começou a divulgá-lo, ufanando-se de na sua carreira haver sido um dia professor. . .

Segue-se a fita de D. Thomé, o grande, cuja radiosa

existencia muitas pessoas ainda ha pouco tempo ignoravam.

Elle vive habitualmente entre serras, na sua velha torre de familia, rodeado pelos retratos desbotados de preclaros ascendentes, que foram a Ceuta, a Tanger, á India, e ás Cruzadas.

As serras conhecem-n'ò, respeitam-n'ò, veneram-n'ò, e as neves de inverno derretem-se deante d'elle em cumprimentos humildes como ao calor de um sol nobliarchico, que o rei Ordonho accendeu para gloria de muitas gerações luminosas.

Mas as cidades, as villas e as praias de banhos, para áquem das serras penhascosas e nevadas, não o conheciam, nem sequer tinham ouvido ainda pronunciar o nome de Thomé illustre.

Este nome, que é a pomposa locomotiva de um vasto comboio de appellidos heraldicos, foi uma surpresa para toda a gente, uma revelação inesperada e fulminante, um petardo de sensação que rebeitou com fragoroso estardalhaço.

Thomé appareceu n'uma divinisação olimpica de Jupiter serrano, dificultando a sua communicacão com todo o «homem vulgar» de Linneu, retraindo seus membros apprehensores para evitar o contacto de um aperto de mão, que os profanaria, e pondo em exercicio seus nodosos membros locomotores com uma gravidade solemne e augusta.

Na igreja apenas se dignava cumprimentar o Santissimo Sacramento com um joelho em terra, e na praia o Oceano com um olhar perscrutador sobre a altura da maré.

O banheiro, quando elle vinha do banho, gottejando

agua como um Neptuno de cascata, despia-lhe a camisola de malha com a ponta dos dedos e descalçava-lhe os sapatos de lona com a reverencia de um bonzo na presença de um manipanso chinez.

Depois o mar ficava na orgulhosa convicção de não ter perdido o dia, e o sol seccava rapidamente a camisola de Thomé com a deferencia usada entre collegas que se prezam.

Porque Thomé era tambem um mar de fidalguia e um sol de nobreza.

Inter amicos non est geringonça.

Avaro de todos os dons que a natureza e o berço lhe concederam, Thomé não fazia ouvir o timbre do seu verbo aristocratico. As suas palavras, se as tinha, estavam dentro d'elle como dentro de um Diccionario fechado.

Ninguem foi capaz de calcular, e menos ainda de saber, o que elle pensava do governo do sr. João Franco e dos successos de Casablanca.

Houve um unico banhista esforçado e pertinaz, que tomou a peito a dura empresa de conquistar uma phrase, de apanhar pelo menos um monossillabo a Thomé immortal.

Seguia-o, perseguia-o, acercava-se d'elle, mirava-o, remirava-o, no empenho de provocar um cumprimento ou uma insolencia.

D. Thomé, sempre com o olhar alto e vago, os labios cerrados, a figura erecta, era impenetravel e inacessivel, como se vivesse n'uma região superior á de todos os outros homens e até á de todas as mulheres — no sette estrello ou na lua.

Via o mundo de cima para baixo e seria preciso que

o mundo se virasse com a cabeça para os pés, como diz a cantiga, para que Thomé pudesse conhecer de perto as ultimas camadas da humanidade.

Certo dia, na praia, uma creança, correndo e brincando, agarrou-se-lhe ao casaco, para não cair.

Elle não se mexeu, nem olhou. Elle pareceu não dar por isso.

Acaso sentirá o gigantesco eucalipto marinhar por seu arrojado tronco a formiga microscopica ?

Todas as noites ao sair dos casinos e botequins, um criado esperava D. Thomé para respeitosa e lhe pôr sobre os hombros uma capa tão imponente como o manto dos reis.

Feita esta operação, o criado seguia seu amo a mesurada distancia, caminhando atraz d'elle com veneração e etiqueta.

Algumas vezes, se D. Thomé espirrava, a despeito de bem agasalhado pela magestosa capa, o criado timidamente emittia na escuridão da noite um cerimonioso *Dominus tecum*.

O soberbo fidalgo das montanhas nem agradecia, nem fazia menção de voltar a cabeça para verificar se tinha sido o criado ou outro transeunte que prestára essa homenagem a seus troantes espirros.

Elle julgava merecer as reverencias de toda a gente por direito de nascimento.

Noites houve em que não foi o criado que falou, mas aquelle dos banhistas que tomára o encargo de constituir-se satéllite do conspicuo D. Thomé.

Esse mesmo baubista, sempre na esperança de ouvir-lhe uma palavra, viu com desgosto amanhecer o

dia em que o neto do rei Ordonho devia regressar á sua torre avoenga.

Correu á *gare* para despedir-se de Thomé, postou-se junto á carruagem em que elle entrara, e ali, de chapéu na mão, cabeça baixa, esperou o momento da partida.

A sineta da estação deu o terceiro signal, a machina silvou, e então D. Thomé, do alto da carruagem, mostrou um sorriso nos labios, primeiro e ultimo, unico sorriso em toda a sua temporada balnear.

Eis tudo quanto o amavel satéllite pudera obter.

Que sentimento exprimia esse raro e valioso sorriso? Ironia ou gratidão? desdem ou magnanimidade?

Ao certo ninguém o sabe. E' um misterio insondavel.

Meus senhores: vai finalmente passar a ultima fita d'este animatógrapho balnear.

Ella representa o major Ferrão, que desoladamente passeava solitario pelas areias da praia o primeiro anno da sua viuvez.

O major era um homem forte, corpulento, moreno e bigodoso.

Fôra casado com a mais pequena de todas as Cacildas, creaturinha que parecia de menor idade ainda depois de ter envelhecido.

—Era o seu berloque, dizia o major Ferrão.

Pois esta creaturinha insignificante fôra voluntariosa, impertinente, zaragateira.

Em toda a parte armava banzés, porque ella em toda a parte disputava o melhor logar.

Quando o conflicto se azedava, D. Cacilda reclamava a intervenção da força marcial, e começava a gritar:

— Ferrão! Ferrão!

Então Ferrão apparecia logo, como se saltasse de dentro de uma caixa maravilhosa, e intervinha na contenda com o seu rude gesto bellicoso e a sua bigodeira aspérrima.

Umaz vezes bastava para acalmar a zaragata que o major Ferrão apparecesse e coruscasse em redor olhares ameaçadores.

Mas outras vezes encontrou quem se não intimidasse com o seu arreganho militar, e teve de passar a vias de facto com alguns valentões de rijo pulso.

N'um d'esses embates deslocou o dedo indicador da mão direita, e d'elle ficou aleijado para toda a vida.

Por este motivo teve de reformar-se, porque a mulher do coronel, que fôra maltratada por D. Cacilda n'umas exequias, aproveitou o ensejo para promover a reforma de Ferrão.

Muita gente lastimava a sorte do bravo major, que não podia apparecer na sociedade sem ter que entrar em campanha por causa da mulher — apesar de reformado.

E quando se soube que D. Cacilda havia fallecido, julgou-se geralmente que o seu viuvo saborearia com delicia e felicidade, n'uma paz octaviana, os ultimos annos que lhe restassem de vida.

— Agora, dizia a opinião publica, é que elle vae respirar em liberdade.

E sujeitos que tinham jogado outrora o murro com o major Ferrão, por causa de D. Cacilda, principiam a olhal-o com indulgencia e simpathia.

Este anno o major appareceu na praia, triste, acabrunhado, quasi misanthropo.

Vendo-o tardes e tardes procurar insistentemente a solidão e a areia, como orbita obrigada da sua viuvez, alguém se afoitou a perguntar-lhe :

— Anda doente, major ?

E logo elle acceitou o dialogo, respondendo :

— Sim e não.

— Como assim ? !

— Ando aborrecido, que é peor.

— Mas ainda não percebo !

Então o major Ferrão, como se tirasse de cima do peito um enorme peso, escaucarou immensamente a bocca e, respirando a plenos pulmões a brisa maritima, exclamou :

— Ando aborrecido d'esta paz pôdre em que vivo, d'esta monotonia pacifica em que vegeto como o es-pargo no monte. Sabe que mais ? tenho saudades . . .

— Da D. Cacilda ? !

— Eu lhe digo : tenho saudades de uma questão com alguém. Faz-me muita falta. Era um habito antigo.

E, rapidamente, despediu-se para continuar o seu passeio triste sobre a areia loira, com os olhos postos no mar que estava sereno, mas que tambem ás vezes se permite ser iracundo e tempestuoso.

.....

Meus senhores, acabou esta sessão.

XVIII

O muito honrado Apollinario

Li quarta ou quinta feira nos jornaes a noticia de ter morrido um rapaz tuberculoso, que ás vezes me pedia esmola.

Não estranhei a noticia, porque o vi no principio de agosto quasi a desabar á sepultura.

Era o José Maria, filho do «muito honrado Apollinario». Disfarço os nomes, é claro, o que pouco importa para o caso.

Esta gente foi minha vizinha ha muitos annos. Moravam na rua de S. Marçal, n'uma pequenina casa de um andar, que parecia uma gaiola de grillos. Tudo aquillo cheirava a pobreza, a miseria. Mas o pae timbrava de ser pobre e honrado; ufanava-se de almoçar apenas uma açorda e de viver contente comsigo mesmo por jamais ter infringido o que elle considerava o seu dever.

Comtudo eu sempre ouvi dizer mal do «muito honrado Apollinario» aos vizinhos e aos outros — a toda a

gente. Odiavam-n'ò, era considerado um tiranno, ferozmente honrado até á raiz dos cabellos.

A's 8 horas da manhã, quer fosse verão ou inverno, o Apollinario marchava chronometricamente para a sua repartição, que era uma insignificante dependencia do ministerio da marinha.

Tinha apenas de ordenado 400\$000 réis, mas tomava o logar a serio como se lhe rendesse mundos e fundos.

Chovia? Que importava! Comida a açorda do almoço, ainda que a chuva fosse torrencial, punha o chapéu na cabeça e partia, dizendo consigo mesmo: «O rei manda marchar, não manda chover».

A's nove menos deèz minutos, chegava á repartição.

Se não encontrava já a postos os dois continuos que lá havia, ou se elles não tinham ainda limpado o pó das carteiras e deitado tinta nos tinteiros, caia ali o Carmo e a Trindade.

— O' João Lourenço — perguntava o «muito honrado Apollinario» a um dos continuos — onde está o Manuel Antonio?

— Ainda não veio, sr. Apollinario. Teria alguma novidade em casa ou estará doente.

— Se está doente, que apresente attestado do medico. E' o que manda a lei. Eu não posso tolerar esta relaxação de costumes. Vocês não sabem que hão de estar aqui ás 8 horas e meia em ponto? Sabem muito bem. Mas vão-se fazendo relaxados, e eu não admitto isso. Pode dizer ao Mannel Antonio, quando elle vier, que o multei n'um dia de ordenado.

D'ahi a momentos chegava o Manuel Antonio com o *Credo* na bocca, já receoso de ter um castigo sobre o

lombo. O outro continuo informava-o do que se tinha passado.

— Sr. Apollinario, dizia Manuel Antonio, v. s.^a ha de desculpar-me hoje, que me demorei mais, porque minha mulher deu á luz esta noite uma creança.

— Se foi de noite, respondia rispidamente o chefe, já tudo estava concluido pela manhã. Não percebo a sua demora.

— Mas é que tive de accender o fogareiro para lhe fazer um caldo de franga.

— Homem! escusa de dizer mais nada. Quem teve o filho foi sua mulher, e quem faltou ao serviço foi você. E' verdade ou não é?

— E', sim, sr.; mas...

— Não ha *mas*, nem meio *mas*. Está multado. Retire-se.

Sentado n'um banco do corredor, o Manuel Antonio, d'ali a pouco, não se fartava de rogar pragas ao «muito honrado Apollinario» e o João Lourenço fazia côro com elle, amaldiçoando aquelle velho inflexivel, que não attendia a consideração nenhuma, por mais justificada que fosse.

Com os olhos no relógio, o Apollinario esperava a hora de fechar o *ponto* da repartição. Se um amanuense entrava um minuto depois de dar a hora, o chefe, com a penna prompta a escrever, não se detinha para deixar que o recémchegado pudesse assignar ainda.

— Mas, sr. Apollinario, só passa um minuto...

— Eu não tenho auctoridade para alterar o regulamento. Diz elle ou não diz que o ponto ha de encerrar-se ás dez horas?

— Diz, sim, sr.; mas só um minuto...

— Mau! Eu pergunto se o regulamento diz — dez horas e um minuto?

— Está claro que não diz.

— Pois se está claro, porque é que o sr. não quer vêr a verdade? Eu estou aqui para cumprir o regulamento. Disse.

Falei duas ou tres vezes com o Apollinario n'uma botica da praça das Flores.

A sua preocupação constante era — a honra.

— Porque um homem, disse-me elle de uma vez, se é empregado publico, deve ter duas honras em vez de uma.

— Como assim?

— Honra, como homem; e honra como funcionario do Estado. São coisas differentes, ainda que lhe pareça que não. Eu posso ser o mais honrado chefe de familia e o mais relaxado empregado publico. Não sou, felizmente. Nem ambiciono outro epitaphio que não seja este: «Aqui jaz o honrado Apollinario da Silva». Não quero vanglorias tolas. O maior galardão de um homem de bem é o consenso publico que o considera honrado.

— Mas a honra, repliquei eu, não exclue os sentimentos generosos, a piedade bem entendida para com os erros involuntarios e para com as faltas leves.

— Não vou para ahi. Sabe o sr. o que é a honra?

— Creio que sei.

— Pois não sabe! A honra é um queijo.

— Um queijo!

— Sim, sr. Eu lhe explico. Está um queijo inteiro n'uma mercearia, para vender. De noite, um rato roe uma lasquinha da côdea. O sr., no dia seguinte, se

quer comprar um queijo, compra aquelle que está roído ?

— Compro outro.

— Ora ahí está! Pois é uma falta leve, e devia perdoal-a. Foi um ratinho, talvez bem pequeno, que, tendo fome, deu aquella dentada no queijo. Mas o sr. não se lembra de que o ratinho teria fome, coitado! Recusa o queijo, e o merceeiro soffre uma perda, porque tem de vendel-o a retalho, mais barato por estar mais sêco, sujeitando-se ao empate e á perda. Pois a honra é um queijo, que lh'o digo eu. Qualquer pequena mordedura a deixa depreciada. E os serviços publicos estão inchados de ratinhos, que não tratam senão de encher o papo, sem se importarem com os interesses do Estado, que lhes foram confiados por um contrato bilateral. Tu has de trabalhar, e eu pago. Isto é o que o Estado diz. Todos aceitam o contrato, e só o Estado o cumpre, sabe Deus com que sacrificio, porque não pode pagar a tanta gente !

Uma vez, na botica, disse-lhe eu em som de graça :

— O sr. Apollinario deve ter sobre a sua sepultura um queijo de marmore.

Elle respondeu todo ufano :

— Que duvida! Um queijo inteiro é, na minha opinião, o simbolo da honra. E eu espero que a posteridade me faça ao menos a justiça de reconhecer que fui um homem honrado, como merecida indemnisação aos desgostos que em vida tenho soffrido por o querer ser.

— O sr. Apollinario já teve uma semsaboria grande com um seu amanuense, pois não teve ?

— Tive, sim, sr., e foi por causa de um lapis.

— De um lapis ? Por tão pouco !

— Não ha pouco nem muito quando se trata da honra do functionalismo. Lembre-se da historia do queijo.

— E' verdade ! E como foi isso do lapis ?

— O diabo do homem vein pedir-me um lapis. «Não pode ser, respondi eu, porque ainda hontem lhe dei um». «Perdeu-se ; não sei o que lhe fizeram». «Pois devia olhar por elle, que não era seu». «O sr. Apollinario chama-me ladrão ?!» «Não lhe chamo ladrão, nem deixo de chamar. Digo que lhe não dou hoje outro lapis, porque ainda hontem lhe dei um». O homem ficou de cabeça baixa, embezerrado. Mas eu pensei que tudo tinha acabado ali. Pois não foi assim. Veiu esperar-me á rua dos Cardaes de Jesus, por saber que era o meu caminho certo, e espancou-me. Dei parte d'elle ; a queixa chegou até ao ministro.

— E então ?

— Então o ministro despachou dizendo que dos conflictos occorridos na rua só á policia cabe tomar conhecimento. Que dentro da repartição não houve conflicto nenhum que elle devesse castigar.

— O sr. Apollinario teve de certo um grande desgosto ?

— Pois tive. Soffri. Mas sempre o Estado tirou d'ahi algum proveito.

— Por que ?

— Porque o diabo do homem nunca mais me tornou a pedir lapis nenhum.

— Então como se arranja ?

— Não sei. Naturalmente compra-os.

Estou convencido de que o Apollinario contava com

uma estatua; quanto ao epitaphio, não tenho duvida alguma, porque elle mesmo o confessou aquelle dia na botica.

Soffria tudo, supportava o comer apenas açorda ao almoço, o arriscar-se a que lhe abrissem a cabeça por causa de um lapis, só para que a patria o reconhecesse como o mais honrado dos portuguezes.

Pois falhou tudo. Não teve o epitaphio, porque a familia ficou na pobreza. E a respeito do queijo de marmore, lembrança minha, não achei quem quizesse subscrever.

O «muito honrado Apollinario» esteve dois mezes doente.

Nem os amanuenses, nem os continuos foram saber d'elle, e todos os dias pela manhã liam com impaciencia o *Diario de Noticias* para vêr se o homem já teria espichado.

Um dia, foi certo. Houve gaudio geral na repartição. Os amanuenses davam abraços nos continuos e os continuos nos amanuenses.

O pobre Apollinario partiu para o cemiterio atravessado nos ganchos de ferro de uma traquitana funebre.

Ninguem o acompanhou á sepultura.

E, comtudo, ia ali o mais honrado dos portuguezes, o honradissimo sr. Apollinario da Silva.

O peor é que não deixou discipulos — nem mesmo o proprio filho.

O rapaz tinha aprendido o officio de polidor, mas, a breve trecho, afadistou-se, abandonou o trabalho, fazia noitadas de guitarra e copo.

Adoeceu, a tuberculose puimonar começou a minar-

lhe a existencia. Pedia esmola. Uma vez disse-lhe eu :

— Quer-me parecer que toda a gente o soccorreria, se fosse possivel que o sr. trouxesse um lettreiro dizendo : « Valham, pelo amor de Deus, ao filho do mais honrado dos portuguezes ».

— Qual historia ! respondeu-me elle por entre frouxos de tosse. Toda a gente se riria de mim e de meu pae.



OUTROS TEMPOS — (Quadro do pintor portuense Antonio José da Costa)

XIX

Outros tempos

(QUADRO DO PINTOR PORTUENSE
ANTONIO JOSÉ DA COSTA) (1)

I

Ha dois annos, vindo eu ao Porto, tive occasião de visitar o *atelier* dos pintores Antonio José da Costa e Julio Costa — tio e sobrinho — na rua de Bellos Ares, recanto campestre da linda Avenida da Boavista.

(1) Antonio José da Costa, natural do Porto, nasceu em 1840 na freguezia de Cedofeita. Filho de Antonio José da Costa e Margarida Rosario da Costa.

Matriculou-se na Academia Portuense de Bellas Artes em 1853, terminando o seu curso, que é de dez annos, em 1862. Conseguiu, portanto, vencer n'um anno dous.

E no ultimo, quinto de pintura historica, foi approvado com louvor.

Na exposição internacional de 1865, no Palacio de Cristal do Porto, obteve com o bello retrato de seu pae menção honrosa, e depois em varias exposições de Lisboa e Porto tem sido honrado com medalhas de terceira e segunda classe.

Levára-me ali, principalmente, o desejo de examinar uma t'ela, que deveria ser para mim alguma coisa mais do que uma obra d'arte — talvez uma sagrada e veneranda memoria do passado, se não falhassem as informações que me haviam fornecido.

E o certo é que não falharam. Eu recebi d'esse quadro, apenas tocado em esboço, uma profunda impressão de ternura e saudade; revivi, deante d'elle, muitas horas felizes da infancia e da juventude; contemplei insaciavelmente, n'um deleite de recordação longinqua, o Porto de outrora em seus aspectos e costumes genuinamente classicos, pittorescamente ronceiros.

Este anno soube que o mesmo quadro estava exposto com outros n'um dos salões do Atheneu Commercial. Puz logo a maior diligencia em toruar a vel-o antes d'elle entrar definitivamente na posse da pessoa que o adquiriu: o sr. dr. Severiano da Silva. E por tres ou quatro vezes, no espaço de uma semana, depois de sorrir affectuosamente ás deliciosas flôres pintadas por Antonio Costa, tão sinceras na sua expressão de frescura natural; depois de repassar com interesse os retratos, tão flagrantés de verdade, a pastoral amorosa ou a casa minhôta, de Julio Costa, tão bem estudadas no desenho, no colorido e na pormenorisação, era sempre n'aquelle quadro de costumes portuenses que os meus olhos paravam, não para o examinar com intenções de critica artistica, mas para me embeber n'elle plenamente pela emoção n'um longo e agridoce retrospecto de tempos idos.

O pretexto do quadro é a passagem do regimento de infantaria 18, porta-machados á frente, pela estreita

rua da *Sovella*, depois *16 de maio*, e hoje dos *Martires da Liberdade*.

Vem o regimento desembocando d'esta rua para a das Oliveiras e espelhando os seus metaes á luz viva do sol.

Pessoas conhecidas no Porto d'aquella época — que remonta a quarenta annos de distancia pelo menos — detéem-se a observar esse espectaculo marcial, que tanto alvoroçava então, á falta de melhor, os transeuntes e moradores da cidade invicta e dormente. Na varanda do predio, que separava as ruas da *Sovella* e do Coronel Pacheco, uma familia assiste, ávida de sensações, á passagem do regimento. E o rapazio, attraído pela banda militar, enovela-se deante dos soldados ou tenta entricheirar-se com os «frades de pedra», que não sei ao certo se existiam ali n'esse tempo, mas que em todo o caso eram ainda vulgares nas ruas do Porto com o nome popular de «peões».

Actualmente o logar escolhido pelo artista, para dar a impressão de uma época distante, que é o seu principal intuito, não conserva exactamente o mesmo aspecto. Tem sido modernizado pelo camartello municipal. Comquanto a rua dos *Martires da Liberdade* seja das menos modificadas, algumas alterações tem soffrido no trecho em que o quadro de Antonio Costa nos faz assistir á passagem do regimento.

O predio, que situado entre aquella rua e a do Coronel Pacheco tinha o feitio de um ferro de brunir roupa, com o bico voltado para as Oliveiras, foi ha annos demolido.

Não resta d'elle senão a lembrança no espirito dos velhos.

Morou ali, durante largos annos, a familia de um medico portuense, que o herdára dos seus antepassados.

Casa antiga, construida n'um tempo em que se não dava importancia ao alinhamento dos predios, tinha, é certo, uma apparencia irregular e defeituosa, mas era vasta no interior, e possuira um amplo quintal, abundante de arvores, de flôres e de agua.

Parte d'este quintal — diziam memorias de familia — fôra expropriada para alargamento da velha rua do Mirante, que depois do cêrco do Porto tomou o nome de rua do Coronel Pacheco, um dos bravos militares d'aquella época bellicosa. (1)

O nome — do Mirante — parece que viera de uma «casa de fresco», caramanchão diriamos hoje, que em mais remotas idades se erguia sobre o muro do quintal por aquelle lado.

O largo das Oliveiras, formando uma encruzilhada pela confluencia da rua d'este nome, da rua dos Martires da Liberdade, da rua da Conceição e da viella do Açogue (hoje travessa de Cedofeita) apenas foi modificado pela largueza que modernamente se deu á embocadura da rua dos Martires da Liberdade.

Mas quem me havia de dizer a mim, quando estudante, que pela rua das Oliveiras e pela rua do Coronel Pacheco havia de passar uma das mais concorridas linhas de viação electrica — a linha de Paranhos?

Toda aquella região, comprehendida entre a praça

(1) José Joaquim Pacheco, uma das victimas da infeliz sortida da Areosa em 1833.

de Carlos Alberto e o Campo de Santo Ovidio, era, na época reproduzida pela têla do sr. Antonio Costa, um burgo pôdre, quieto e repousado, excepto quando por ali passava o regimento de infantaria 48 ou quando, nos dias de *feira*, guapas maiatas e concomitantes *maneis* vinham em grupos bucolicos para o interior da cidade.

Tinha uma intensa côr local toda essa região portuense.

A praça de Carlos Alberto — que eu conheci com o nome de Feira das Caixas e de Praça dos Ferradores — fôra um centro de actividade operaria, com lojas ruidosas de caixoteiros e de ferradores, relinchos de cavallos e golpes da martello sobre taboas de pinho.

Ao occidente era limitada esta praça, como hoje, pelo edificio do hospital do Carmo, que foi inaugurado no principio do seculo XIX; e na correnteza de casas, comprehendida entre a rua de Cedofeita e a rua das Oliveiras, incluia-se a hospedaria do Pexe, onde o infeliz rei da Sardenha, Carlos Alberto, se alojou quando veio encontrar no Porto o mais amavel acolhimento que ainda então sabia fazer-se a um rei exilado.

Foi o edificio d'esta hospedaria que Antonio José de Sousa Basto, depois visconde da Trindade, adquiriu, á volta do Brazil, para o reconstruir em palacio.

Data de então a primeira modificação aristocratica da praça de Carlos Alberto, em contraste com os destinos plebeus da praça, onde durante muitos annos se realisou a feira annual dos *moços* e das *moças* n'uma violenta, mas pittoresca, agglomeração de serviçaes, de patrões, de estudantes da Academia em desfructe,

de limonadeiros, de vendilhões de fructa, de cães pilharengos e de burros parados.

Até á reconstrucção do palacio do visconde da Trindade, o melhor predio da praça, defrontando com o hospital do Carmo, era o de Francisco de Assis da Silva Amaral, geralmente conhecido por «Capitão-mór da Raiva», e casado com uma senhora da opulenta familia Pinto Basto.

Este predio conserva ainda hoje, porventura com leves alteraçõs, o seu feitio primitivo.

Junto á casa do Assis achava-se estabelecida a estação d'onde partiam as diligencias, estrondosas e poentas, que faziam a carreira entre o Porto e Vianna do Castello.

Mais abaixo, quasi em frente da sacristia da igreja do Carmo (Ordem Terceira), ficava a ancéstral estalagem do «Leão d'Ouro», com os seus dois lanços de escada, abertos em arcos, como ainda hoje se pôde verificar. E á esquina, torneando para a praça dos Voluntarios da Rainha, bifurcava-se a grande mercearia dos Pênas — a mais acreditada do bairro.

Hoje, d'este lado da praça, encontra-se ainda algum vestigio da vida archaica do Porto, mas, em compensação, o moderno commercio elegante já ahi penetrou por effeito de uma enxertia industrial que ha quarenta annos parecia difficil, se não impossivel.

Basta mencionar a «Confeitaria Oliveira», onde agora é servido o *chá das cinco horas* á boa roda do Porto.

O chá das cinco horas na Praça de Carlos Alberto ! Quem m'ò havia de dizer ! O uso do chá generalisou-se no Porto por occasião das duas grandes epidemias do reinado de D. Pedro V. Até então era remedio para

compôr o estomago ou, quando muito, bebida de grande cerimonia. Mas depois que foi adoptado como ceia inoffensiva, servia-se ás 9 horas da noite, o mais tardar, nas melhores casas da cidade. A's cinco horas da tarde ninguem presumiria que pudesse tomar-se chá Café, sim, depois do jantar; mas sem doces de côco ou de amendoa, e cada um em sua casa, excepto os mundanos que iam tomal-o à *Aguia d'Ouro* e ao *Portuense* (hoje *Suisso*) ou a gente de menos tomo aos botequins das Hortas, do Carmo e de S. Lazaro.

Estes ultimos botequins eram os dilectos dos estudantes. Depois que o *Guichard* acabou, os politicos e os homens de letras frequentavam o *Aguia d'Ouro* e o *Portuense*.

Outra modificação da Praça de Carlos Alberto foi a abertura da rua transversal, que a liga com a do Moinho de Vento, agora Sá Noronha. (1)

Mas a maior de todas as suas modernisações, que nem sequer poderia lembrar como hypothese aos velhos portuenses, foi a construcção de um theatro no antigo jardim do visconde da Trindade.

O' bellas almas puritanas de nossos paes e avós, crêde-o, se o podeis saber no outro mundo, e ainda que vos custe a crê-lo: funciona um theatro authentico na rua das Oliveiras, onde tudo outrora era silencio e quietação depois de haver tocado na Sé o *sino dos mariolas*, chave sonora com que se fechavam mo-rigeradamente as patuscadas nocturnas.

(1) Desde 1889, em memoria de ter este *maestro* habitado, por algum tempo, no predio n.º 76.

Viera ha mais de meio seculo ao Porto um «theatro mechanico», e installou-se n'um barracão armado no meio da Praça de Carlos Alberto.

Fôram vel-o as tresentas pessoas que tiveram a coragem de sacrificar o rheumatismo á distracção. Outras tresentas pessoas fizeram-se representar pelos filhos e pelos criados. Os actores nem comiam nem bebiam, porque eram authomatos. Mas, ainda assim, o empresario resolveu mudar de paiz, para não fallir. O Porto já não tinha mais gente theatravel.

Pois agora, além do theatro permanente da rua das Oliveiras, funcçionam tres animatógraphos nos arredores da Praça de Carlos Alberto: o «Salão Pathé», na rua de D. Carlos, o «Salão Chiado» na Galeria de Pariz e o «Salão High Life» na Cordoaria.

Eu estou certamente a falar grego ás bellas almas immoveis de nossos paes e avós. Ellas não sabem que a rua de D. Carlos communica a rua da Conceição com a Praça de Santa Thereza, e que os *Ferros Velhos*, de ferrugenta memoria, foram varridos em nome da civilisação para dar logar a uma galeria que se não sabe bem porque é de Pariz e, sobretudo, porque não é galeria.

Talvez o futuro possa justificar um dia a pompa, aliás um pouco pretenciosa, do onomastico.

A transformação hodierna da Praça de Carlos Alberto completa-se não só pelos estabelecimentos de luxo, installados nos baixos do hospital do Carmo, mas tambem pelo ajardnamento da Praça, onde as flôres municipaes desdobram agora um duplo tapete de côr e aroma sobre a memoria prosaica dos antigos ferradores e caixoteiros.

O largo do Coronel Pacheco, povoado de bons predios, tambem se alindou de canteiros floridos, os quaes vantajosamente substituem as legiões de garotos, que antigamente jogavam ali a pedrada com o maior denodo guerreiro em absoluta impunidade.

Tal é o aspecto actual do bairro, que o quadro de Antonio Costa nos obriga a repôr no antigo estado para que o possamos entender.

Do scenario de ha quarenta annos pouco resta no logar em que o pintor nos faz assistir á passagem do regimento, que vem marchando garbosamente pela rua da Sovella abaixo e obliquando militarmente para entrar na rua das Oliveiras.

Este é, como disse, o pretexto do quadro, porque a intenção do artista foi marcar uma época, pondo em acção figuras e costumes que a sua memoria saudosa de bairrista lhe suggeriu fielmente.

Um dos pormenores mais caracteristicos d'este interessante esboço — para mim duplamente interessante — é a resurreição pictural dos porta-machados que constituiam, com o tambor-mór, a vanguarda, bellamente mavortica, dos regimentos portuguezes.

Homens altos, musculosos e barbaçudos, elles foram destinados a abrir caminho, rompendo as multidões pelo terror e as trincheiras pelo machado; e pelo seu brilho decorativo levavam os corações das criadas de servir, que os admiravam das janellas, presos ternamente aos longos cabellos de suas barbas fluctuantes.

Eram a bem dizer um cataclismo culinario, porque no dia em que elles passassem, debaixo de fórma, por uma rua da cidade, o jantar não prestava em nenhuma casa d'essa rua.

Sentia-se na falta ou no excesso de sal, na incuria da mão de tempêro a funda perturbação que os portamachados haviam produzido nos corações da cozinha.

Creio que foi algum ministro da guerra gastronomo que fez substituir esses imponentes soldadões de longa barba pelos modernos corpos de sapadores, sem apparato de equipamento, nem grandeza herculea. (1)

Posto isto, vamos á restante figuração do quadro de Antonio Costa.

Por agora apenas quero dizer que o homem de oculos escuros, mãos apoiadas sobre a varanda de ferro, que assiste á passagem do regimento, no predio que separava as ruas dos Martires da Liberdade e do Coronel Pacheco, era meu pae, antigo medico portuense.

O artista reproduziu-o com inteira exactidão, tanto na expressão phisionomica, como no côrte do fato, e na attitude observadora.

E' um retrato perfeito, que eu muito agradeço ao sr. Antonio Costa. E tambem são retratos, igualmente fieis, muitas das outras figuras do quadro: á direita, no plano da rua, Pedro de Amorim Vianna, por antonomasia o «Newton»; Francisco José Rezende, Manuel José Carneiro, João Correia, professores da Academia de Bellas Artès, e uma celebridade das ruas, o «José das Desgraças», protagonista do romance *Annel misterioso*; á esquerda, presencendo o desfile do alto da sua «charrette», o glorioso avô dos «sportmen» por-

(1) A verdade é que os portamachados foram extinctos pelo artigo 248 do decreto de 30 de outubro de 1884, que reformou o nosso exercito.

tuenses, Ricardo de Clamouse Brown. Além d'estes retratos, que valorizam historicamente o quadro, foram pelo sr. Antonio Costa agrupados, no conjunto da figuração, diversos representantes anônimos de classes populares, algumas das quaes já o tempo supprimiu, como a velha de mantilha, que procura acalmar o neto espavorido com a presença dos porta-machados, e o «cadeirinha» de capote listrado e chapéu alto, já hoje precioso exemplar archeologico de uma classe morta ou pelo menos agonizante.

No seguinte capitulo individuaremos, mais especificadamente, todas as personagens do quadro do sr. Antonio Costa, com rigorosa propriedade intitulado «Outros tempos», porque n'elle revive toda uma época afastada, cujas pessoas e aspectos eu me habituei a venerar religiosamente.

Ha trinta e cinco annos que levei para outra cidade o meu domicilio e a minha familia, mas o Porto nunca deixou de ser para mim uma terra sagrada — a terra em que viveram e morreram meus paes, e em que eu proprio nasci. . . no tempo em que o Porto era como o sr. Antonio Costa o pintou.

II

A' direita, o primeiro retrato é de Pedro d'Amorim Vianna, (1) cujo gesto habitual parece copiado por um

(1) Auctor da *Defesa do racionalismo*, que tanto deu que falar em 1866; e traductor das *Memorias de Madame Lafarge* (1874), versão recebida com severa critica por Camillo.

kodak. Segura o monoculo, observando, com o chapéu alto e branco enterrado sobre os hombros. Veste a velha sobrecasaca, desmazeladamente engordurada de nodoas, que foi a unica de que usou no Porto. Não lhe falta a grossa bengala de canna da India, que regia seus passos leves mas serenos.

Amorim Vianna era um excentrico, um noctivago, em conflicto permanente com todas as convenções sociais.

O cognome de «Newton» deram-lh'o em Coimbra, segundo se dizia, os seus professores e condiscipulos quando elle resolveu, na madeira de uma porta, certo problema transcendente posto a premio por não sei que universidade estrangeira.

Máthematico, tinha recebido n'esse famoso baptismo escolar a consagração solemne, que o tornou conhecido e lendario para o resto da sua vida.

Até o povo lhe chamava inconscientemente o «Newton», suppondo talvez que fosse uma alcunha vulgar.

Apenas se divulgaram os seus triumphos academicos e excentricidades anecdoticas, que perfeitamente condiziam com os longos silencias, retraimento scismatico e desleixo no vestir, pelos quaes se collocava, n'uma independente aberração, fóra dos habitos normaes da vida social.

Raros homens de letras, que alguma vez o conversaram, diziam-n'o profundo em conhecimentos litterarios. O erudito José Gomes Monteiro havia-me contado que Amorim Vianna o encantara discorrendo sobre Goethe.

Da sua naturalidade e filiação pouco eu tinha ouvido falar. Por isso foi grande a minha surpresa quando,

não o sabendo jubilado, o vi em Setubal passeando, com um livro aberto, no terraço de uma casa que faz ilharga á Praça de Bocage.

Affirmei-me n'elle por algum tempo. Não podia duvidar: era o Newton portuguez, postoque já miuado pela doença, e mais limpo no fato.

Vim então a saber que Pedro d'Amorim Vianna habitava ali em casa de seu irmão, despachante da alfandega, cujas filhas se haviam encarregado de o submeter carinhosamente a um regimen de maior hygiene e asseio.

Pela manhã, Amorim Vianna lia e passeava no terraço da casa. A' noite divagava na praia, ainda meditativo, comquanto menos inaccessible á convivencia do que no Porto.

Apresentado por uma de suas sobrinhas, com elle conversei algumas tardes. Ouvi-o discorrer interessantemente sobre litteratura, em especial a allemã, e até sobre politica portugueza. Amorim Vianna tinha já falhas de memoria, e isso incommodava-o apopleticamente. Eu desviava logo o assumpto. Mas, no dia seguinte, era elle que de motu proprio vinha dizer-me ua sua vozinha de pipia :

— Hontem esqueceu-me um nome, que pude verificar em casa. E' este.

Annos depois soube que Amorim Vianna residia em Lisboa, e não tornei a ter noticias d'elle senão quando os jornaes se referiram ao seu fallecimento no quartel do Carmo em casa de um official com quem estava aparentado.

A capital quasi não deu attenção á morte d'este

illustre mathematico, aliás tão celebre em duas cidades do norte : Coimbra e Porto.

Vamos agora ao grupo dos pintores.

Francisco José Rezende era um temperamento sanguineo e arrebatado, cuja vocação artistica parecia arder em si mesma devorando as suas proprias qualidades. Precipitava-se como Phaetonte n'um carro de fogo. Por isso a posteridade mal pode apreciar hoje o que elle tinha de artista pelo desequilibrio das suas télas na composição, no desenho e no colorido.

Homem robusto e impulsivo, envelheceu queimando-se. Vinha a pé de Santo Thirso, onde residia n'uma quinta, dar aula ao Porto na Academia de Bellas Artes, e no mesmo dia, com o mesmo vigor, regressava a Santo Thirso n'um passo firme de peoneiro trenado.

Bom como amigo — e eu o posso dizer, sempre grato á sua memoria — era um adversario temivel.

Rezende, no quadro do sr. Antonio Costa, deixa apreciar a forte corporatura que o avigorava. Por detraz da mulher de mantilha vê-se o seu busto erecto e varonil. O chapéu baixo, de aba larga, era o complemento obrigatorio do seu traje habitual de *globe-trotter*.

Quasi a par de Rezende destaca-se a figura de Manuel José Carneiro, tambem professor da Academia de Bellas Artes. (1)

De estatura regular, sêco mas rijo, usando oculos

(1) Nasceu em 1804 e falleceu em 1865. Regeu as cadeiras de desenho e architectura. Teixeira de Vasconcellos escreveu o Elogio Historico d'este professor e conjuntamente o de Cunha Lima (1866).

de ouro e barba crescida, vestia fatos pretos e muito leves. Não foi um artista notavel, mas era um professor dedicado — tão dedicado que se prestava a servir de modelo aos estudantes, como o provam dois quadros do museu de S. Lazaro.

Tambem n'este museu ha alguns retratos seus a «crayon» e a oleo.

M. J. Carneiro possuia nobres qualidades de caracter. Foi sempre desvelado protector da viuva e filhas de um seu irmão Moravam juntos na rua de Traz. O predio tinha janellas para a calçada dos Clerigos. De uma d'essas janellas vi eu, sendo pequeno, el-rei D. Pedro V assistir, n'uma tribuna armada nas escadas da igreja, aos grandiosos festejos que, com tanto entusiasmo, se realisaram, por occasião de uma das suas visitas ao Porto, n'aquella calçada, Praça Nova e rua de Santo Antonio.

Esta zona central da cidade, tão graciosamente accidentada pelos seus acclives e pelo valle intermedio, prestou-se a feéricos effeitos de illuminação.

Por sua parte o mallogrado rei accedeu aos desejos dos bons portuenses, prestando-se a que a multidão immensa pudesse passar por deante d'elle, desfilando, e contemplar a sua figura docemente melancolica, insinuamente humilde e sonhadora.

Ah! como tudo isso já vai longe para mim e para os outros — até para os novos. . .

João Antonio Correia completa, no quadro do sr. Antonio Costa, o grupo dos pintores.

Correia foi um notabilissimo professor de pintura. Trouxe de Pariz os ultimos ideaes e processos da sua arte n'aquelle tempo. Accentuou uma profunda evolu-

ção, que os estudantes receberam com surpresa e fervor. Chamou principalmente a atenção dos discipulos para a alta importancia do desenho na pintura. Modificou a technica, fez escola e patenteou nobremente a sua abnegação artistica, deixando, sem despeito nem rivalidade, que os pintores educados por elle abraçassem a nova evolução produzida pelos trabalhos de Marques de Oliveira e Silva Porto.

João Correia marca uma notavel «étape» na historia do ensino da pintura no Porto; Marques de Oliveira e Silva Porto personificam a segunda «étape». São tres nomes que os artistas portuenses devem abençoar.

João Correia, no quadro do sr. Antonio Costa, é um retrato cuja similhaça se pôde contraprovar por outro que d'este professor existe no museu de S. Lazaro.

Resalta-lhe da cabeça a basta cabelleira que durante largos annos adoptaram os artistas e poetas do ciclo romantico. Guilherme Braga foi talvez o ultimo-poeta portuense d'esse tempo que manteve a tradição da cabelleira ondulante, hoje substituida, na exteriorisação de classe, pelo monóculo fixo.

Vizinbo ao grupo dos pintores avulta o perfil do «José das Desgraças», José Maria da Graça Strech, que o povo reputava maniaco, e foi, na realidade, uma creatura atormentada pela amargura do destino.

Junto ao angulo do muro, entre-avista-se a phisionomia de outra individualidade muito popular então nas ruas do Porto: o Macron, pobre idiota, á custa do qual o rapazio se divertia açulando-o com ruidosas montarias.

A' esquerda a unica pessoa a que pôde ligar-se um nome de familia é Ricardo Brown, a primeira mão de

rédea entre os *sportmen* e o primeiro figurino dos janotas portuenses d'esse tempo.

Foi elle que introduziu no Porto o uso do *veston* de velludo, dos colletes, das gravatas e das luvas de côr flammante; bem como dos ligeiros vehiculos de passeio, a *charrette* por exemplo, que elle sabia guiar com elegante pericia.

Foi tambem elle uma das primeiras pessoas que estabeleceram residencia permanente na Foz. A sua casa, perto da Cantareira, tinha um só pavimento ao rés-do-chão, e no interior realçavam-n'a o conforto e o requinte de um *vieux garçon* em evidencia.

Morreu repentinamente depois de ter passado a noite no *Club Portuense*, e no testamento deixou galantes lembranças de amizade a todos os seus intimos.

Era surdo e cultivava a musica. Mas a sua principal funcção na sociedade portuense foi a de revolucionar a *toilette* masculina e animar o *sport* por effeito da educação ingleza que tinha recebido.

Entre as figuras populares que o sr. Antonio Costa recrutou para o seu quadro, contam-se, além da mulher de mantilha e do *cadeirinha*, de que já falei, o soldado invalido que fizera a campanha da liberdade, e se arrastava sobre os calhaus da rua mendigando; a vendilhona ambulante de giga á cabeça, a assadeira de castanhas, a varina, o gallego de sacco ao hombro, o petulante garoto portuense que em toda a Europa não encontra paralelo senão talvez no *gamin* de Pariz.

A maior parte d'estas personagens plebeas subsiste ainda, porque ellas representam industrias perpetuadas na tradição do paiz.

Mas o soldado da guerra civil, que as balas inimigas inutilisaram pela deformidade e pela invalidez, já desapareceu do numero dos vivos, e foi arrastando consigo para os confins da Historia a misera lembrança da ingratição da patria.

Não quero fatigar o leitor fazendo-lhe a necrologia da antiga mantilha de lapim, esse commodo e recatado traje, que deu outrora á dama portuense um aspecto senhorilmente grave e discreto. (1)

Era um vestigio do biôco mourisco, ainda hoje não de todo extincto em algumas terras do sul e nos Açores.

Mas, em confronto com os audaciosos turbantes emplumados, que as portuguezas usam actualmente, confesso com franqueza que tenho saudades da mantilha — como se ella houvesse sido o pudor da mulher na belleza e na modestia.

Outros tempos foram esses, e *outros tempos* é o titulo que o sr. Antonio Costa adoptou para a sua tēla.

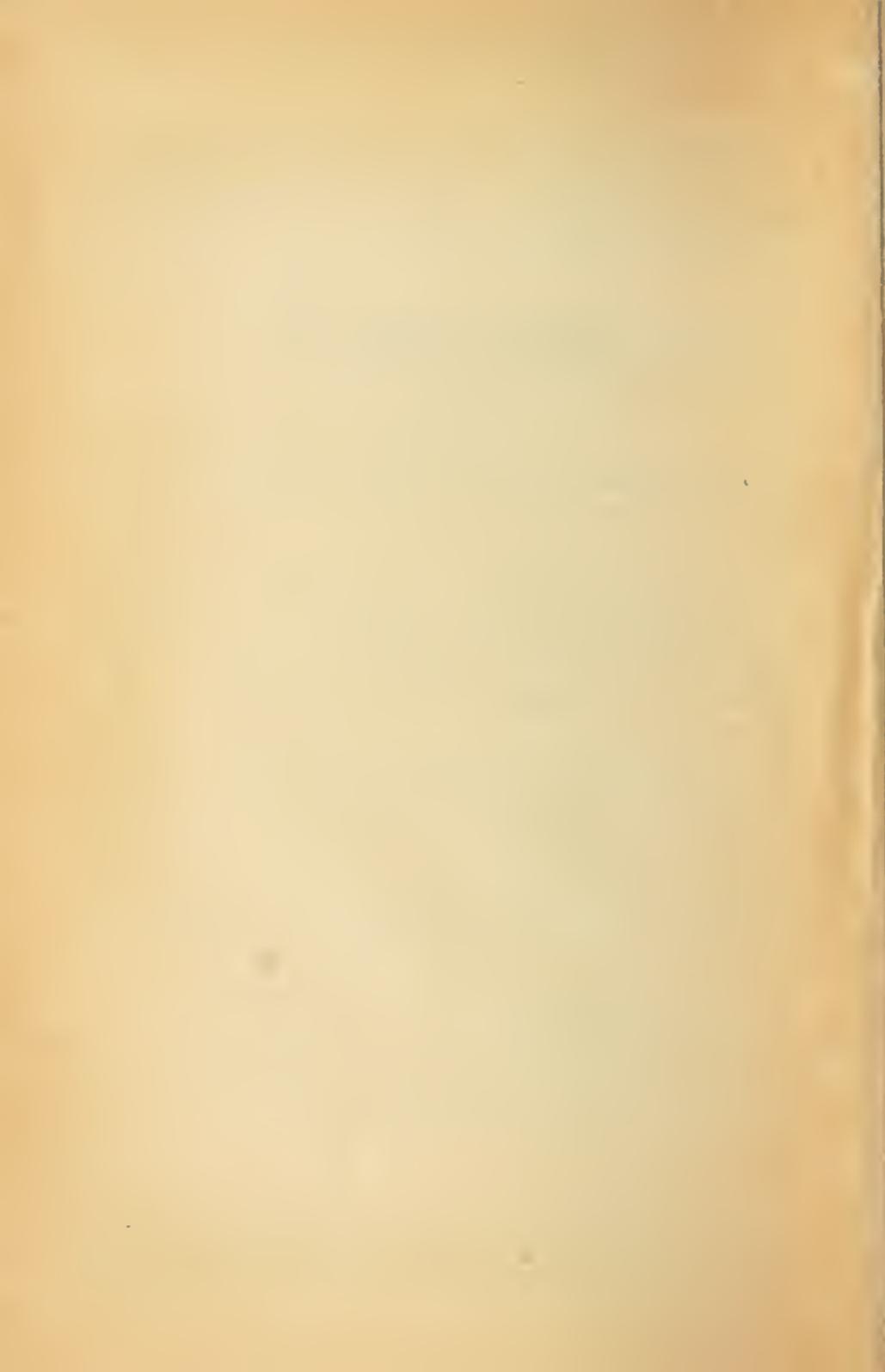
Era natural que já hoje, ou quando muito d'aqui a uma dezena de annos, o quadro que tentei descrever não pudesse ser facilmente interpretado por quem tivesse occasião de observalo.

Reuni n'estas paginas um feixe de commentarios e recordações. Quanto ao pintor, que merece ser apreciado pelos vindouros, puz os olhos no futuro. Pelo que respeita a mim proprio, puz os olhos no passado,

(1) A mantilha portuense foi um assumpto litterario. Ao *des-terro das mantilhas*, folheto que lhes era adverso, respondeu Mesquita e Mello com outro opusculo, *A defeza das mantilhas* (1821).

e abençoei a occasião que me fez recuar pelo enterrecimento da saudade a uma época longinqua em que me foi dado colhêr da arvore da vida a doirada flôr da illusão.

De passagem no Porto, março de 1908.



FITA DAS EMENDAS

Pag. 19 linha 20, sopeteio-o. — Pag. 41 linha 2, feira professa. — Pag. 45 linhas 12 e 21, christãos, christã; pag. 73 linha 17, christãmente. — Pag. 46 linha 20, pag. 47 linha 27, parocho. — Pag. 48 linha 24, extatica — Pag. 56 linha 15, colosso. — Pag. 67 linha 3, clamarão. — Pag. 73 linha 2, clausura. — Pag. 76 linha 4, Ervedosa. — Pag. 106 linha 4, chrismada.

Diz o fiscal do animatógrapho que talvez ainda faltem outras emendas. Mas o respeitavel publico não tem paciencia para mais, nem eu tambem.

INDICE

	Pag.
I — Loucura e juizo	5
II — Estrella Santos	15
III — Outeiros de abbadessado	27
IV — A Senhora Dona Branca	45
V — O tambor-mór	51
VI — A camisa	60
VII — Como se vingam os bons	69
VIII — Os cravos	79
IX — O espectro de Brocken	87
X — Um jornal vivo	93
XI — A Triste Feia	103
XII — O Piano	113
XIII — O Bota-Carvão	121
XIV — O chá de Cercal	131
XV — Um parlamento indissolúvel	137
XVI — As boas-festas	145
XVII — O animatógrapho nas praias	153
XVIII — O muito honrado Apollinario	167
XIX — Outros tempos	175

Collecção ANTONIO MARIA PEREIRA

VULGARISAÇÃO DOS MELHORES LIVROS

DAS

LITTERATURAS PORTUGUEZA E ESTRANGEIRAS

Romances, Contos, Viagens, Historia, etc., etc.

Volumes publicados

- | | |
|---|--|
| 1 — Tristezas á beira-mar, por Pinheiro Chagas. | 15 — Os contos do Tio Joaquim por R. Paganino. |
| 2 — Contos ao luar, por Julio Cesar Machado. | 16 — Esgotado. |
| 3 — Carmen, trad. de M. Level. | 17 — Noites de Cintra, por Alberto Pimentel. |
| 4 — A Feira de Paris, por Iriel. | 18 e 19 — Esgotado. |
| 5 — O direito dos filhos, por George Ohnet. | 20 e 21 — A irmã da caridade, por Emilio Castellar, trad. de L. Q. Chaves. |
| 6 — John Bull e a sua ilha, trad. de P. Chagas. | 22 — Migalhas de historia portugueza, por P. Chagas. |
| 7 — Esgotado. | 23 — Esgotado. |
| 8 — A lenda da meia noite, por M. Pinheiro Chagas. | 24 — Contos, por Affonso Botelho. |
| 9 — A joia do vice-rei, por P. Chagas. | 25 — Esgotado. |
| 10 — Vinte annos de vida litteraria, por A. Pimentel. | 26 — Esgotado. |
| 11 — Honra d'artista, trad. de P. Chagas. | 27 — O naufragio de Vicente Sodré, por Pinheiro Chagas. |
| 12 — Esgotado. | 28 — Vida airada, por Alfredo Mesquita. |
| 13 e 14 — A aventura d'um po-naco, trad. de Maria A. Vaz de Carvalho. | 29 — O bacharel Ramires, por Candido de Figueiredo. |
| | 30 e 31 — Esgotado. |
| | 32 — As netas do Padre Eterno por A. Pimentel. |

COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA

- 33 — Contos, por Pedro Ivo.
- 34 — O correio de Lyão, por Pierre Zaccone.
- 35 — Vida de Lisboa, por Alberto Pimentel.
- 36 — Historias de frades, por Lino d'Assumpção.
- 37 — Obras primas, por Chateaubriand
- 38 — O exilado, por Mauricia C. de Figueiredo.
- 39 — Poema da Mocidade, por Pinheiro Chagas.
- 40 e 41 — A vida em Lisboa, por Julio Cesar Machado.
- 42 e 43 — Espelho de portuguezes, por Alberto Pimentel.
- 44 — A fada d'Auteuil, trad. de Pinheiro Chagas.
- 45 — A volta do Chiado, por E. de Barros Lobo.
- 46 — Séca e Méca, por Lino d'Assumpção.
- 47 — Ninho de guincho, por Alberto Pimentel.
- 48 — Vasco, por A. Lobo d'Avila.
- 49 — Leituras ao serão, por A. X. Rodrigues Cordeiro.
- 50 — Luz coada por ferros, por D. Anna A. Placido.
- 51 — Esgotado.
- 52 — Relampagos, por Armando Ribeiro.
- 53 — Historias rusticas, por Virgilio Varzea.
- 54 — Figuras humanas, por Alberto Pimentel.
- 55 — Dolorosa, por Francisco Acebal, trad. de Caêl.
- 56 — Memorias de um fura-vidas, por A. de Mesquita.
- 57 — Dramas da córte, por Alberto de Castro.
- 58 — Os mosqueteiros d'Africa, por Mendes Leal.
- 59 — A divorciada, per José Augusto Vieira.
- 60 — Phototypias do Minho, po J. Augusto Vieira.
- 61 — Insulares, por Moniz de Bettencourt.
- 62 e 63 — Historia da civilisação na Europa, trad. do Marquez de Sousa Holstein.
- 64 — Triplice alliança, de Raul de Azevedo.
- 65 — Retalhos de verdade, por Caêl.
- 66 — A pasta d'um jornalista, pelo Visconde de S. Boaventura.
- 67 — Os argonautas, por Virgilio Varzea.
- 68 — Fitas de animatographo, por Alberto Pimentel.
- 69 e 70 — Poesias do Abbade de Jazente, annotadas por Julio de Castilho.
- 71 — Aspectos e sensações, de Raul d'Azevedo.
- 72 — Contos e narrativas, por P. W. de Brito Aranha.
- 73 — Quadros e letras, historias e romancetes, por Sanches de Frias.
- 74 — Individualidades, por Henrique das Neves
- 75 — Alfacinhas, por Alfredo de Mesquita.
- 76 — Patria amada, pelo Visconde de S. Boaventura.
- 77 — Historias e romancetes, por Sanches de Frias.
- 78 — Esbocetos individuaes, por Henrique das Neves.
- 79 — Recordações da mocidade, por Adolpho Loureiro.
- 80 — Sorrisos, novellas e chronicas, por A. Campos.
- 81 — Lucta de sentimentos, por Maria O'Neill.
- 82 — Do Rocio ao Chiado, por P. de Vasconcellos.
- 83 — A dança do destino, por Luthgarda de Caires.
- 84 — Um drama de ciume, por Maria O'Neill.
- 85 e 86 — Resumo da origem de todos os cultos, por C. F. Dupuis.
- 87 — Vencido, romance por F. A. M. de Faria e Maia.
- 88 — Elogio da loucura, critico de costumes, por Erasmo.

OUTRAS OBRAS

Azevedo (Domingos de)

Diccionario (Grande) contem
raneo francez-por
2.ª edição

Historia de Portugal, 10.ª ed. —
2 vols. br. e enc.

LPOR
P64 43f

350777

NAME OF BORROWER.

Pimentel, Alberto
Fitas de animatógrafo.

University of Toronto
Library

DO NOT
REMOVE
THE
CARD
FROM
THIS
POCKET

o-
ic.
is-
da
- 1

Acme Library Card Pocket
LOWE-MARTIN CO. LIMITED

